



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ANTRÓPICOS
NA AMAZÔNIA

RUBENS ALEXANDRE DE OLIVEIRA FARO

SABERES CULTURAIS DA UMBANDA E LÍNGUA BRASILEIRA
DE SINAIS: ESTUDOS TERMINOLÓGICOS PARA PROPOSTA DE
UM GLOSSÁRIO

CASTANHAL-PA
2021

RUBENS ALEXANDRE DE OLIVEIRA FARO

SABERES CULTURAIS DA UMBANDA E
LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: ESTUDOS
TERMINOLÓGICOS PARA PROPOSTA DE UM
GLOSSÁRIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPGEAA/UFGPA), como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Estudos Antrópicos na Amazônia.

Área de concentração: Estudos Antrópicos

Linha de pesquisa: Linguagens, Tecnologias e Saberes Culturais

Orientadora: Profa. Dra. Yomara Pinheiro Pires

Coorientador: Prof. Dr. José Guilherme dos Santos Fernandes

CASTANHAL-PA
2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

de Oliveira Faro, Rubens Alexandre.
SABERES CULTURAIS DA UMBANDA E LÍNGUA
BRASILEIRADE SINAIS: ESTUDOS TERMINOLÓGICOS
PARA PROPOSTA DEUM GLOSSÁRIO / Rubens Alexandre de
Oliveira Faro. — 2021.
118 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Yomara Pinheiro Pires
Coorientador(a): Prof. Dr. José Guilherme dos Santos
Fernandes
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Castanhal, Programa de Pós-Graduação
em Estudos Antrópicos na Amazônia, Castanhal, 2021.

1. Glossário; . 2. Libras; . 3. Umbanda; . 4. Terminologia; .
5. Ficha de termos. I. Título.

CDD 401.4

RUBENS ALEXANDRE DE OLIVEIRA FARO

**SABERES CULTURAIS DA UMBANDA E
LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: ESTUDOS
TERMINOLÓGICOS PARA PROPOSTA DE UM
GLOSSÁRIO**

Castanhal-PA, 12/11/2021

Comissão Examinadora

Profa. Dra. Yomara Pinheiro Pires
UFPA
(Orientador)

**Prof. Dr. José Guilherme dos Santos
Fernandes**
UFPA
(Coorientador)

**Prof. Dr. João Batista Santiago
Ramos**
UFPA-PPGEAA

**Profa. Dra. Denise de Souza Simões
Rodrigues**
UEPA

A Renildo Faro (in memorian), sempre presente, por me conduzir à luta e ao Santo.

Agradecimentos

A Oxalá, que entregou minha coroa à regência de Pai Ogum e Mãe Oxum, que me oferecerem diariamente a força da incansável luta pela colheita de bons frutos por onde passe, e pelas qualidades da beleza, doçura, e amorosidade na jornada da Vida. A todos os Guias de Aruanda, principalmente àqueles que se fizeram presentes na realização do desejo de me tomar o meu lugar e contribuir social e academicamente.

Agradeço à minha família de origem, meu pai Renildo Faro (in memorian) e Maria Helena Faro, pela vida e pelo estímulo aos estudos, por me permitirem morar com meus avós e tios paternos, possibilitando-me maior acesso ao aprendizado escolar. E aos meus irmãos Mauro e Rosana.

Aos meus avós e à minha segunda mãe Ormindá, que fez o papel de mãe esforçada e empenhada a me dar a melhor educação humana e escolar. E a todas as demais tias e tios que contribuíram significativamente em minha formação: Izabel, Milton, Silene, José Nazaré e Socorrinho, e ainda, Neves, Rosival, Natalina, Rosemilton (in memorian).

À minha família atual, à minha amada Lívia Araújo Faro pelo incentivo, paciência, e apoio espiritual e acadêmico. Tenho certeza de que mais venceremos, eu e você! À minha linda filha Nina Flor de Araújo Faro, que me ajudou lendo e interpretando para mim os livros de Umbanda, criou o carinhoso #UmbandaLibrasTerreiroParaSurdos e me ajudou na gravação dos vídeos. Amo eternamente você! E em homenagem à ela, agradeço ao querido Popo, nosso neto-peixinho Beta beijoqueiro (in memorian).

À Nilza Araújo, minha sogra, pela contribuição incondicional nos cuidados com minha Flor e minha casa, enquanto precisava realizar idas e vindas de Castanhal antes mesmo do mestrado. A todos os meus professores que me ajudaram a chegar até aqui.

Ao PPGEAA/UFPA pela oportunidade de ingresso no curso de mestrado. E, de modo especial à minha orientadora, professora Dra. Yomara, que Pires assumiu o desafio de orientar um aluno usuário de outra língua e dedicou-se a uma orientação confiável e respeitosa com a diferença. A todos os professores do programa, pelo exercício da empatia. Aos intérpretes do Campus de Castanhal, pelo esforço de traduzir o não conhecido. Aos funcionários do prédio pelo cuidado e aconchego. Aos colegas de turma que fizeram esse desafio se tornar mais leve. De maneira particular à Mara Araújo, ora intérprete, ora colega de turma, ora amiga, por caminharmos na luta juntos.

À banca avaliadora que muito contribuiu com essa pesquisa: Prof. Dr. José Guilherme Fernandes – Coorientador – Examinador Interno (PPGEAA-UFPA); Prof. Dr. João Batista Santiago Ramos – Examinador Interno (PPGEAA-UFPA) e Profa. Dra. Denise de Souza Simões Rodrigues – Examinadora Externa (UEPA).

Aos colegas professores do campus da UFPA/Castanhal, sobretudo: Raphaella Duarte, pela importante luta pela inclusão no campus da UFPA/Castanhal; Débora Alfaia, pela recepção e suporte no início do caminho na instituição; Francisco Anjos, que me estimulou a fazer e não desistir do mestrado. E aos servidores que ingressaram nos cursos de Libras e se empenharam a tornar o ambiente mais acessível para mim.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas na Língua de Sinais e Educação de Surdos (GEPLISES), que me proporcionou experiências incríveis na área da educação de pessoas com surdez, o qual sinto orgulho em liderar. Agradeço à Tenda de Umbanda Toya Jarina e Ogun Beira-Mar pelo acolhimento, firmeza, alegria, sentimento de pertencimento, amizade, irmandade, e pelo apoio à pesquisa por meio das entrevistas, fotos, trocas, discussão dos sinais.

Agradeço o grupo de Umbanda de Libras Nacional, em especial à Francisco, Marcelo, Silvany e Livia que contribuíram na catalogação, criação, registro e validação dos termos em sinais, e pelas trocas de conhecimentos sobre a Umbanda.

A todos os grupos de pesquisa citados neste trabalho, e todos os pesquisadores, surdos e intérpretes de religiões de matrizes africanas que se dedicaram e dedicam à tradução em Libras. Aos amigos generosos: Jean Rocha pelo apoio sempre; Denise Martinelli pelas trocas de experiências e conhecimentos fundamentais na elaboração deste trabalho, e Leide pelo apoio na coleta de narrativas.

“Pedimos licença a Zambi, à Oxum e Iemanjá Pra abrir nossos trabalhos com a bandeira de Oxalá (2x) Saravá Ogum, saravá congá (2x) Saravá Seu Sete Ondas, saravá Seu Beira-Mar (2x) Saravá as almas, saravá meu congá (2x) Pisa na linha de Umbanda Que eu quero ver Ogum Sete Ondas Olha, Pisa na linha de Umbanda Que eu quero ver Ogum Beira-Mar Olha, pisa na linha de Umbanda Que eu quero ver Ogum Iara, Ogum Megê Seu Matinada, Ogum Megê, Olha umbanda de lei.”

SABERES CULTURAIS DA UMBANDA E LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: ESTUDOS TERMINOLÓGICOS PARA PROPOSTA DE UM GLOSSÁRIO

Resumo

Esta pesquisa do programa de Mestrado em Estudos Antrópicos, linha de Pesquisa em Linguagens, Tecnologias e Saberes e Culturais, tem como título Saberes Culturais da Umbanda e Língua Brasileira de Sinais: Estudos Terminológicos para Proposta de um glossário, tem como objetivo geral organizar um glossário de Libras a partir da vivência de um sujeito surdo no cotidiano de uma Tenda de Umbanda da Região Metropolitana de Belém, em um diálogo entre os saberes religiosos e linguagens e dos sujeitos surdos, considerando o contexto de empréstimo linguístico e criação de sinais na comunidade. A análise dos dados baseou-se nos autores da Linguística da Língua Brasileira de Sinais, da inclusão e alteridade, e da cultura. A pesquisa de campo foi qualitativa, de abordagem etnometodológica, teve a observação participante no terreiro, a aplicação de questionários no local de investigação da pesquisa, entrevistas sobre os saberes da Umbanda e análise dos dados e resultados, num fluxo avaliativo permanente durante o período da pesquisa. Como resultado propôs-se a apresentação de um vídeo-glossário em Libras com termos específicos da Umbanda na Amazônia paraense, que possa contribuir para a acessibilidade e facilitação da interpretação de cultos de Umbanda em Libras para pessoas surdas.

Palavras-chave: Glossário; Libras; Umbanda; Terminologia; Ficha de termos.

SABERES CULTURAIS DA UMBANDA E LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS:
ESTUDOS TERMINOLÓGICOS PARA PROPOSTA DE UM GLOSSÁRIO

Abstract

This research from the Master program in Anthropic Studies, in languages, technologies, knowledge and cultures research line, is entitled Cultural Knowledge of Umbanda and Brazilian Sign Language: Terminological Studies for the Proposal of a Glossary, presents the general objective of organizing a glossary of Libras (brazilian sign language) from the experience of a deaf person in the daily life of an Umbanda Tent in the metropolitan area of Belém, in a dialogue between religious knowledges and languages and the deaf subjects, considering the context of linguistic borrowing and the creation of sign in the community. Data analysis was based on the authors of Linguistics of Brazilian Sign Language, from inclusion and alterity and culture. The field research was qualitative, with an ethnomethodological approach, also having participant observation in the Terreiro (tent), the application of questionnaires at the research investigation site, interviews about Umbanda Knowledge and analysis of data and results, in a permanent evaluative flow during the period of the research. As a result, it was proposed the presentation of a video-glossary in Libras with specific terms of Umbanda in the Amazon area of Pará state that could contribute to the accessibility and facilitation of the interpretation of Umbanda cults in Libras for deaf people.

Keywords: Glossary; Libras; Umbanda; Terminology; Terms Form.

Lista de figuras

Figura 1 – Janelas da TUTJOB	11
Figura 2 – Imagens Assentamento dos Pais da Casa: o primeiro Congá de Ogum Beira-Mar e Dona Jarina no TUTJOB Fonte: acervo da TUTJOB 2019	22
Figura 3 – Ritual de Batismo na TUTJOB – Praia do Cachimbo/ Mosqueiro/PA Fonte: Luciana Martins 2020	23
Figura 4 – O Congá da TUTJOB. Fonte: Acervo da TUTJOB	25
Figura 5 – Guarda da Casa: Casa de Exu. Fonte: Acervo da TUTJOB	28
Figura 6 – Ritual de preparação da Gira Fonte: acervo da TUTJOB	31
Figura 7 – Lugar de Acolhimento: o trabalho começa aqui. Fonte: acervo da TUTJOB	33
Figura 8 – Louvação das Iabás Fonte: Acervo da TUTJOB	35
Figura 9 – Gira na TUTJOB. Fonte: Luciana Martins	38
Figura 10 – Ritual e elementos ritualísticos na TUTJOB.	40
Figura 11 – A palavra e o termo . Fonte: (LIMA, 2010)	59
Figura 12 – Modelo de ficha terminológica bilíngue. Elaboração própria	61
Figura 13 – Celebração à Ibejada (Erês).Fonte: Acervo da TUTJOB	65
Figura 14 – Samba do Seu Zé Pelintra. Fonte: Acervo TUTJOB	75
Figura 15 – Gênero dos participantes da pesquisa. Elaboração orópria	76
Figura 16 – Distribuição das idades dos participantes da pesquisa. Elaboração própria	77
Figura 17 – Distribuição das escolaridades dos participantes da pesquisa. Elaboração própria.	77
Figura 18 – Identificação do participante no terreiro	78
Figura 19 – Identificação dos membros de gira. Elaboração própria.	80
Figura 20 – Bairros em que estão localizados os terreiros frequentados pelos membros de gira	80
Figura 21 – Bairros em que estão localizados os terreiros frequentados pelos membros de gira	81
Figura 22 – Imagem tabela de sinais símbolos - Dona Jarina. Elaboração Própria .	82
Figura 23 – Imagem tabela de sinais símbolos - Ogum Beira Mar. Elaboração própria	83
Figura 24 – Imagem tabela de sinais símbolos - Dona Juliana. Elaboração própria .	84
Figura 25 – Lista de acesso aos sinais-termos de Umbanda. Elaboração própria . . .	87
Figura 26 – Sagrado – Praia do Cachimbo/ Mosqueiro/PA Fonte: Luciana Martins	88
Figura 27 – Ficha Terminológica Preto Velho. Elaboração própria	105
Figura 28 – Ficha Terminológica Vovó Cambinda. Elaboração própria	106
Figura 29 – Ficha Terminológica Vovô Cipriano das Almas. Elaboração própria . .	107
Figura 30 – Ficha Terminológica Zé Pelintra. Elaboração própria	108

Figura 31 – Ficha Terminológica Bombogira. Elaboração própria	109
Figura 32 – Ficha Terminológica Seu Tranca Rua. Elaboração própria	110
Figura 33 – Ficha Terminológica Exu. Elaboração própria	111
Figura 34 – Ficha Terminológica Dona Esmeralda. Elaboração própria	112
Figura 35 – Ficha Terminológica Dona Maria Malandrinha. Elaboração própria . .	113
Figura 36 – Ficha Terminológica Ponto Cantando. Elaboração própria	114
Figura 37 – Ficha Terminológica Incorporação. Elaboração própria	115
Figura 38 – Ficha Terminológica Desincorporação. Elaboração própria	116
Figura 39 – Ficha Terminológica Espada. Elaboração própria	117
Figura 40 – Ficha Terminológica Arruda. Elaboração própria	118
Figura 41 – Ficha Terminológica Gira. Elaboração própria	119
Figura 42 – Ficha Terminológica Zelador. Elaboração própria	120
Figura 43 – Ficha Terminológica Cambono. Elaboração própria	121
Figura 44 – Ficha Terminológica Umbanda. Elaboração própria	122

Lista de quadros

Quadro 1 – Escolaridade e idade dos participantes. Fonte: Autor.	78
--	----

Lista de abreviaturas e siglas

CAPES	– Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
FEUCABEP	– Federação Espírita Umbandista e dos Cultos Afro-Brasileiros no Pará
GEPLISES	– Grupo de Estudos e Pesquisa em Língua de Sinais e Educação de Surdos
GPEL	– Grupo de Pesquisa – Construindo o saber: Êdé Lamí
IBGE	– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Libras	– Língua Brasileira de Sinais
PROEG	– Pró-reitoria de Ensino de Graduação
PROEX	– Pró-reitoria de Extensão
TCLE	– Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TGD	– Transtornos Globais de Desenvolvimento
TRS	– Teoria das Representações Sociais
TUTJOB	– Tenda de Umbanda Toya Jarina e Ogum Beira-Mar
UESB	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UFPA	– Universidade Federal do Pará
UFSC	– Universidade Federal de Santa Catarina
UVA	– Universidade do Vale do Acaraú

Sumário

1 – Introdução	1
1.1 Caminhos acadêmicos: da escola à universidade, sob a palmatória da Língua Portuguesa.	2
1.2 Caminho religioso: sobre olhar o batuque da janela e sentir a casa inteira vibrar.	5
1.3 De ponta-cabeça: sobre participar dos rituais desconhecidos tendo precários signos para interpretação dos fatos	6
1.4 Sair da janela e entrar no terreiro: sobre escolher andar de pés firmes no chão	8
2 – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	12
2.1 Entre referenciais legais e teórico-conceituais sobre Inclusão, Surdez e Língua Brasileira de Sinais	12
2.2 Origens da Umbanda no Brasil e no Estado do Pará	14
2.3 Umbanda na Casa de Tóya Jarina e Ogum Beira-Mar	19
2.4 O ritual no TUTJOB	24
2.5 Estudos Surdos	41
2.6 Teoria das Representações Sociais (TRS)	44
2.7 Práticas educacionais direcionadas às pessoas surdas e suas representações sociais	47
2.8 Cultura surda e construção da identidade	51
2.9 A voz e a Performance	53
2.10 Socioterminologia	58
2.10.1 Registro dos sinais-termo em fichas terminológicas adaptadas	60
2.10.2 As definições e as representações	62
3 – Metodologia	66
3.1 Lócus de Estudo	70
3.2 Participantes da Pesquisa	70
3.2.1 Critérios de Inclusão	70
3.2.2 Critérios de Exclusão	71
3.2.3 Coleta de Dados	71
3.3 Gravação dos vídeos em Libras	72
3.4 Criação de qr-codes	73
3.5 Definição dos sinais-termo	73
3.6 Riscos e Benefícios	74

3.6.1	Riscos	74
3.6.2	Benefícios	74
4	–RESULTADOS	76
4.1	Resultados finais: Questionário	76
4.1.1	Dados gerais	76
4.1.2	Dados sobre o Líder Religioso do Terreiro	78
4.1.3	Dados sobre o Terreiro	79
4.1.4	Dados sobre membros da gira	79
4.2	Resultados:Vídeo-Glossário	81
5	–Considerações finais	89
	Referências	92
	Apêndices	95
	APÊNDICE A –TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLA- RECIDO (TCLE)	96
	APÊNDICE B –TERMO DE CONSENTIMENTO	98
	APÊNDICE C –ENTREVISTA LÍDER/CHEFE/PAI/MÃE DE TER- REIRO DE UMBANDA	99
	APÊNDICE D –ENTREVISTA MEMBROS/FILHOS DOS TERREIROS	102
	Anexos	104
	ANEXO A –Fichas Terminológicas	105

1 Introdução

Pensar um objeto de pesquisa a partir da linha Linguagens, Tecnologias e Saberes Culturais, do Programa de Mestrado em Estudos Antrópicos na Amazônia é um exercício que nos possibilita aprofundar debates em torno da interação de saberes e culturas, da produção de realidades e na intervenção nessas realidades, visando contribuir para transformá-las.

Portanto, a proposição deste trabalho de pesquisa, que intenciona a criação de um vídeo-glossário em Libras de palavras frequentemente usadas nos rituais em um terreiro de Umbanda na região Metropolitana de Belém, além de propor uma construção na coletividade do terreiro, na perspectiva de contribuir para a superação de dificuldades comunicativas entre surdos e ouvintes no cotidiano do espaço religioso, ocupa-se de propor, de maneira efetiva, embora inicial, contribuições para acessibilidade de outros sujeitos surdos em diferentes terreiros de Umbanda na Amazônia.

Historicamente, a humanidade produz processos de exclusão que se vinculam a marcas oriundas de deficiências (sensorial, física, intelectual e mental), bem como relacionadas a questões de ordem cultural, de gênero, social, racial, religioso, dentre outros. Apesar desta vasta fonte de produção de processos excludentes, colocamo-nos a discutir um objeto de investigação a partir da cultura surda, que se insere na pauta das deficiências. Porém, temos em pauta outra cultura historicamente rechaçada e posta à margem: a religião de matriz africana Umbanda, de tradição eminentemente oral. Nesse contexto, importa chamar atenção para o processo de inclusão do sujeito umbandista com surdez.

O povo dos terreiros, historicamente escondido para fugir das perseguições sociais, precisa abrir-se agora, para mais um passo em seu processo de luta e resistência: criar estratégias comunicativas para que possibilitem que surdos possam ter o direito de escolha às diversas religiões. Há ainda outro fator que compõe este quadro de complexidades e entrecruzamento de saberes: o repertório de palavras de diferentes tradições e/ou línguas (Yorubá, Oriental, indígena, caboclo, dentre outros) próprio do processo de imiscuição cultural da Umbanda.

É certo que a produção do conhecimento científico revela a necessidade de uma relação direta entre o pesquisador e a temática com a qual dialoga para produzir novos conhecimentos. Nesses termos, a minha própria história apresenta elementos que considero basilares para se colocar neste debate relacionado às dificuldades comunicativas entre surdos e ouvintes em espaços religiosos e, mais particularmente, na Umbanda.

Desde a tenra infância, os surdos sofrem preconceitos sociais relacionados à diferença sensorial, em que pesem os avanços e conquistas das lutas deste campo. Ao longo

dos séculos, é-nos imposto estigmas de incapazes, defeituosos, preguiçosos, inaptos, ignorantes, incompetentes e, quando muito, meros cumpridores de tarefas. Dentro dos espaços educativos, estas questões se mostram muito claras, por outro lado, a educação é um espaço de significativas conquistas.

Para oxigenar o debate sobre inclusão na academia e fortalecer as discussões em torno da importância da acessibilidade em terreiros de Umbanda, elenquei as dificuldades comunicativas a partir de minhas próprias experiências como membro da Tenda de Umbanda Toya Jarina e Ogum Beira-Mar (TUTJOB), bem como a proposição de organização de um vídeo-glossário de Libras para Umbanda, considerando empréstimos linguísticos, uma vez que já existem trabalhos acadêmicos de pesquisa e extensão que versam sobre o tema e pequenos ensaios de sinalizações de termos da religião, de outras religiões de matriz africana, como Tambor de Mina e Candomblé, disponíveis no banco de dados da CAPES e outras plataformas na internet. Culminando assim, não somente na produção do texto dissertativo, que possivelmente poucos sujeitos surdos terão efetivamente acesso, mas também na produção de um vídeo-glossário em Libras, na perspectiva de proporcionar o máximo possível de acessibilidade para a comunidade surda.

Para fazer esse caminho de pesquisa, porém, é necessário rememorar os caminhos pelos quais passei até chegar aqui.

1.1 Caminhos acadêmicos: da escola à universidade, sob a palmatória da Língua Portuguesa.

Nasci surdo e, enquanto não havia frequentado a escola, não me percebia como tal. Só no contato com pessoas com a mesma diferença sensorial é que passei a perceber que existia comunicação e interação para além do que conhecia, em decorrência disso, passei a ver o mundo com outros olhos e passei a sentir desejo de saber aquilo que era emitido pelos sons das vocalizações que não ouvia, passei a desejar participar e compreender o universo dos ouvintes do meio social em que vivia.

A escola foi o primeiro espaço de maior amplitude de minhas relações sociais e, ao mesmo tempo, o que me possibilitou ainda mais essa necessidade de ampliação que se traduzia em inclusão. Por outro lado, foi nela que vivi a experiência de ser oralizado, em um processo doloroso, haja vista que não ouvir o que eu próprio falava gerava uma “distorção” nos sons emitidos, o que provocava risos e piadas por parte de algumas pessoas ouvintes, além de me colocar em uma condição de repetição desgastante de técnicas vocais para tentar pronunciar como era exigido pela professora. A escola me proporcionava, ao mesmo tempo, a percepção da minha diferença das maneiras mais contraditórias possíveis: a construção de uma identidade como surdo, mas também de uma pessoa com “deficiência social”, sempre à margem por causa disso, na medida em que nunca ouviria e, portanto, não

saberia o que seria comunicado por outra pessoa. Aprendíamos entre nós, crianças surdas, como resistir a todas essas condições criando nossos modos próprios de comunicação e descumprindo as regras disciplinatórias rígidas da escola.

No Ensino Fundamental, os professores não utilizavam recursos visuais e a experimentação prática não predominava no ensino. Nesse período, início da década de 80, a educação para surdos se configurava diferentemente de agora. Só a partir dos anos 2000 que leis para garantir a atenção especializada à pessoa surda começaram a surgir, como a Lei Nº. 10.436 de 2002 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Para acompanhar as exigências da escola que me via como deficiente, porém não se via na necessidade de oportunizar diferentes modos de ensinar e aprender conforme minha diferença sensorial requer, carecia fazer um “reforço escolar”¹, em um instituto de educação especializado para surdos, onde a metodologia utilizada era o bimodalismo, ou seja, a Língua Portuguesa oral era usada junto com gestos, e eu precisava escrever incansavelmente no quadro para estimular o aprendizado da Língua Portuguesa. A Libras não era valorizada na ocasião, o esforço de enquadramento à “normalidade” era cansativo, desmotivador e sofrido a cada tentativa de ser o que não era.

Meu processo de escolarização na Educação Básica e a Formação Profissional no Ensino Superior, com desafios e conquistas, possibilitou-me construir uma trajetória que culminou com minha Graduação em Letras – Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), concluída em 2012, além da graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), concluída em 2005, ocorrida seis anos antes do ingresso em Letras Libras. Após isso, veio a especialização em Libras, na Faculdade Montenegro. Um processo difícil, pois, embora boa parte dele estivesse amparado por lei pelos direitos das pessoas surdas, estas leis, por si, não garantem direitos. São necessárias mudanças no campo da Educação para uma formação verdadeiramente inclusiva. Em minha trajetória, foi e é comum deparar-me com situações, informações, fatos históricos, conhecimentos que fazem parte do cotidiano de quem é ouvinte, mas que não tive acesso e que não fazem sentido, mesmo no esforço de tentar entender, juntando pedaços da informação que não me permite compreendê-la em sua “totalidade”.

Por último, quando me é garantido o direito à tradução, ainda assim, existem perdas. O que manifesto aqui é apenas uma dentre as múltiplas experiências de ser surdo, como modo de apresentar o lugar de onde falo. Há, todavia, muitas outras formas de ser surdo: diferentes graus de perda auditiva proporcionam diferentes modos de interações sociais, de desenvolvimentos do pensamento e da linguagem, além de tantas outras questões próprias das diversidades sócio-culturais. É preciso que a Educação e a Universidade reconheçam isso e contribuam ainda mais no processo de inclusão dessas diferenças. Atualmente, sou professor efetivo da Universidade Federal do Pará – Campus Universitá-

¹ Como era chamado pela instituição a atividade em contraturno das aulas para apoio escolar

rio de Castanhal, aprovado por um processo cujo edital do concurso foi inclusivo. Nesse Campus, atuo como professor de Libras e de Fundamentos da Educação Inclusiva e estive na Coordenação do Núcleo de Acessibilidade – NAcess até o ingresso neste programa de mestrado.

O núcleo, anteriormente intitulado “Laboratório de Acessibilidade no Campus de Castanhal”, iniciou suas atividades em julho de 2011, fruto de lutas de docentes comprometidos com a educação inclusiva, baseado no Decreto Nº. 7.611/2011 que dispõe sobre a Educação Especial, o atendimento especializado em todos os níveis de ensino e tem por objetivo contribuir para a implementação de políticas públicas acessíveis no âmbito da UFPA, no intuito de garantir a eliminação de barreiras atitudinais, arquitetônicas, de comunicação e informação, de tecnologias assistivas e pedagógicas para o público-alvo, promovendo a autonomia e independência dos alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento (TGD) e altas habilidades/superdotação do Campus de Castanhal. O núcleo recebe o apoio da Faculdade de Pedagogia do Campus Castanhal, da Pró-reitora de Extensão da UFPA (PROEX) e da Pró-reitora de Graduação (PROEG).

No campus de Castanhal, a experiência com ingresso de uma aluna surda no curso de Educação Física, abriu caminhos para que o Campus tivesse que se ressignificar e se reorganizar em termos institucionais para atendê-la. Assim como eu mesmo, no sentido de olhar para as minhas próprias experiências de vida a partir do meu processo de escolarização e de formação profissional, revendo e reavaliando-as de modo a criar alternativas no processo de inclusão da aluna e no meu próprio fazer pedagógico como professor no intuito de incluí-la. Esse processo, somado à tensão de ser o único professor especialista do Campus, levou-me a buscar o ingresso no Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos da Amazônia.

O Programa de mestrado foi como um descortinar em cada disciplina. Ainda que o processo de tradução tenha significativas perdas, como já dito anteriormente, considerando os limites de compreensão pelos intérpretes em relação aos conteúdos e temas abordados nas disciplinas do curso para traduzir conceitos, concepções e pensamentos complexos que também não tiveram acesso anteriormente, o que se configura como um desafio para suas próprias formações continuada. Ainda assim, o acesso aos conhecimentos nas aulas, nas leituras de textos, nas trocas de experiências e debates entre professores e colegas de turma; o acolhimento de todos no esforço para que fosse incluído, proporcionou-me bons sentimentos e aprendizados, embora isso também tenha demonstrado o que perdi na minha trajetória como estudante, fazendo-me duvidar da possibilidade de elaborar um texto dissertativo que expressasse realmente o que aprendi e elaborei nessa experiência que se tornou, também, um processo profundo de aprendizado e reflexões sobre mim e minha própria história.

Por este motivo que a proposta de pesquisa que apresento hoje não é mais a que

se ocupava em investigar os processos comunicativos da aluna surda, egressa do curso de Educação Física/Campus da UFPA em Castanhal. Percebi que havia em meu cotidiano uma outra dor latente: a de não ter acesso ao conteúdo do que é dito por meio da oralização no espaço social onde optei professar a minha fé, a Umbanda. Compreendi que chegava a hora de aprofundar estudos em meu próprio processo de inclusão em um espaço que também é de educação, mas não acadêmico: o Terreiro de Umbanda. E, em consequência, apresentar um trabalho que poderá gerar impactos significativos para a comunidade surda na Amazônia. Para falar do quanto esse espaço religioso me constitui profundamente como sujeito, é necessário dialogar com outros fios das minhas memórias desde a infância antes mesmo de meu processo de escolarização.

1.2 Caminho religioso: sobre olhar o batuque da janela e sentir a casa inteira vibrar.

O final de minha primeira infância, 1980, foi marcado por uma mudança de residência que me trouxe a vibração dos primeiros ecoares de tambores que minhas memórias alcançam. O novo domicílio, situado no bairro da Pedreira, em Belém-PA, era uma casa toda de madeira, alteada do chão, constituída de dois andares, sala, quartos, cozinha e, com destaque, um quintal, ambiente que me conectava com o Santo. Primeiro, porque ao lado da casa, parede com parede até o quintal, encontrava-se a Federação Espírita Umbandista e dos Cultos Afro-Brasileiros no Pará - FEUCABEP, após as paredes das casas, encontravam-se de um lado, o meu quintal e do outro, o terreiro de Umbanda propriamente dito.

O terreiro era grande, muitas imagens de Santos da altura humana, velas de muitas cores, cuias, ervas, guias de miçanga, elementos dos Guias: chapéus de cores e formas variadas; espadas, cachimbos, tauaris², taças, facões, laços, bebidas... Era possível vê-los pelo muro, se subisse encaixando os pés pelos tijolos, ou pela janela do último cômodo, que dava para os fundos da casa e para o quintal do terreiro-vizinho também, com visão privilegiada.

Sabia quando começava o culto quando sentia vibrar a casa: chão, paredes, móveis... O anúncio sobre o início do culto dava-se de duas maneiras em minha percepção, ambas eram meus sentidos acordados que me avisavam: quando batuque do tambor fazia minha casa vibrar ou quando alcançava da janela da frente de casa a chegada de muitos ônibus que se enfileiravam na rua e de onde saiam muitos filhos de Santo munidos de seus elementos de trabalho. Então, corria para abrir a janela dos fundos para alcançar o

² Espécie de charuto confeccionado da casca da árvore do mesmo nome, usado por Caboclas e Caboclos, principalmente. Usado para descarrego a partir da fumaça que é soprada pelos Guias para limpeza astral de consulentes.

ritual: pessoas vestidas de branco, saia ou calça, camisa e pano de cabeça ou touca; com os objetos descritos acima, dançavam, girando em uma grande roda. Depois com folhas nas mãos sacudiam-nas da cabeça até os pés das pessoas que vestiam roupas comuns, jogavam-lhes também uma espécie de água, que tempos depois entendi que era para cura; Pareciam que cantavam pelo modo como o corpo se portava. Falavam ou articulavam bastante os lábios, mas eu não fazia ideia do que diziam. Uma imagem que talvez ajude o leitor a compreender isso, é como se assistisse a um filme ou à uma notícia televisiva tendo acionado a tecla mute do controle da televisão e houvesse quase silenciado aquilo que, hoje entendo, raramente se faz em silêncio. Digo “quase”, porque a vibração me fazia imaginar as vozes daquela cena.

Da mesma janela via ainda, em meu quintal, o pequeno Congá ³ que testemunhei meu pai, um artesão-marceneiro, construir com as próprias mãos. Naquela pequena casa de aproximadamente um metro de altura, também alteada do chão, morava a imagem de Mestre “Remoinho” ⁴, a imagem do Caboclo feita sob encomenda, era da altura da pequenina casa, com roupas marrons, tendo a calça dobrada nas pernas em altura diferente, portando remo nas mãos, rede de pesca nos ombros, tendo uma canoa ao lado. Em volta de Mestre “Remoinho”, velas brancas, vermelhas, verdes, amarelas... Não entendia o significado daqueles objetos e culto, mas percebia que do alto da janela do quarto via um pedaço do terreiro vizinho em meu quintal, juntava as imagens no “silencioso” vibrar da casa. Mas faltava-me alcançar a vibração que saía nas vozes que não podia ouvir. Havia algo para além daquela vibração, dos gestos, das imagens que assistia, que desejava saber.

Um grande parceiro e mestre que tive na vida, meu pai Renildo Faro, filho de Santo, protegido de Mestre Remoinho, passou a levar-me com frequência para tomar banhos no terreiro que frequentava no bairro do Jurunas em Belém-PA. Terreiro esse ainda não identificado em decorrência do não reconhecimento da legitimidade desse culto pelos nossos demais familiares. Não entendia, e talvez nunca entenda os motivos pelos quais apenas eu, dos três filhos que tinha, ia com ele. Para cura? Porque descenderia dele a ancestralidade no Santo? Precisava dos cuidados necessários de uma criança médium?

1.3 De ponta-cabeça: sobre participar dos rituais desconhecidos tendo precários signos para interpretação dos fatos

Fato é que esses não eram os únicos Congás de minha infância. Havia um terreiro em frente de minha residência, atrás da casa onde morava um dos amigos de infância. Certo dia, quando brincávamos de “pira-se-esconde” ao redor de sua casa, os membros da

³ É o altar e ao mesmo tempo o espaço consagrado ao rito no terreiro, onde as giras acontecem.

⁴ Guia da linha de Encantaria. Negro, usa chapéu de palha, calças enroladas nas pernas, roupas em tons terrosos, com remo nas mãos.

gira tomaram-me de súbito e amarrando-me pelos pés, pondo-me deitado de ponta-cabeça no centro do Congá, começaram a rodar em torno de mim, cantando, dançando e jogando-me um banho com ervas. Ao darem falta de mim, meus amigos descobriram o ocorrido e avisaram meu pai, que furioso, levou um terçado e cortou a corda para tirar-me da situação.

As impressões dessa vivência foram muito desagradáveis e marcam minhas memórias até hoje. Demarca-se aqui mais uma faceta do processo de exclusão social e discriminação a respeito da pessoa com deficiência. Seria castigo divino tal diferença sensorial que careceria expor a criança a tal vulnerabilidade emocional e física para fins de cura da deficiência? Cabia a Deus que eu passasse a ouvir? É importante lembrar, diante disso, que não foi só na tenda de Umbanda que fui colocado de ponta-cabeça para ser “curado da deficiência”, socialmente foram e são muitas experiências para tornar-me igual a qualquer custo, para que respondesse à vida e as relações sociais com as mesmas acuidades sensoriais que os demais, mesmo não tendo audição.

Neguei e resisti a entrada no Santo até há pouco tempo, quando na casa que atualmente frequento, entendi o recado de Seu Zé Pelintra e da Preta Velha Vovó Cambinda, e outros Guias que me diziam que não era necessário escutar para sentir o Santo e que a Umbanda era local de sentir com os vários sentidos que conhecemos e com outros não conhecidos pelos humanos. No início, talvez porque em alguma medida acreditei naqueles que disseram que só ouvindo seria possível ser incluído, mantive-me interrogando a mim mesmo, atento ao que os Guias haviam me sinalizado. Então minhas memórias foram vindo à tona. Tomei consciência durante os trabalhos, do lugar da assistência ⁵, ao estar intimamente conectado às vivências no Congá, mesmo antes de ser membro da corrente, sentindo os processos próprios do ritual: a aproximação dos Guias para incorporação, percebia os pedidos dos Guias para os cambonos enquanto era atendido e muitos outros. Entendi que percebia por outros meios além da comunicação oral, porque os ouvintes que tinham o acesso a palavra oralizada naquele momento, não percebiam o que estava sendo pedido ou o que sucederia. Eram os meus sentidos expandidos que me faziam “ouvir” a necessidade de um Guia naquele determinado momento. Ganhei confiança nos meus sentidos e voltei à minha necessidade de servir ao Santo, ampliar a possibilidade de estar presente cada vez mais incluído no terreiro, tarefa que deve ser construída por mim e pelos demais integrantes da gira.

Vejo com isso mais uma possibilidade de cortar as cordas que me atam e deixam-me de ponta-cabeça e tornar-me firme no chão das minhas escolhas, contribuindo assim, não apenas para a minha própria inclusão na gira e no Santo, mas a inclusão de outros surdos ao direito de conhecer a religião e tradição afro-brasileira na Amazônia e, se desejarem,

⁵ Como são denominadas as pessoas que frequentam os rituais, para assisti-los, receber um axé, consultarem-se com os guias, fazerem tratamento de cura. Podem se chamados de consulentes

tornarem-se praticantes. Nas rodas de conversa com os surdos quer seja entre amigos, em reuniões da Associação Paraense de Surdos, eventos culturais, esportivos e científicos da área, é comum relatos da falta de acesso aos preceitos da religião e indagações sobre Deus e tradições religiosas diversas em face à situação de dificuldade comunicativa.

O primeiro mestre que reconheci como tal por me ensinar muito daquilo que sou hoje e sobre o modo de como me movo no mundo, foi meu pai. Negro, umbandista, marceneiro e taxista, foi o primeiro presidente da Associação de Pais de Surdos de Belém, lutava com a força e amorosidade que lhe eram próprias pelos direitos dos surdos àquela época. Por anos meu pai liderou a luta em nosso favor, por toda a vida meu pai carregou o Santo a despeito de todos os preconceitos contra os que têm fé de matriz africana. Seu Renildo Faro não ficou na janela da vida, saiu para o mundo com suas bandeiras. Em honra a ele, e tomando a minha força e amorosidade ensinadas por ele, assumo meu lugar na luta pela inclusão e acesso do surdo à religiosidade na Umbanda.

1.4 Sair da janela e entrar no terreiro: sobre escolher andar de pés firmes no chão

A TUTJOB que ora pesquiso, por questões financeiras e pela dificuldade em conseguir alugar um imóvel que seja permitido o destino à atividade religiosa da Umbanda, não tem um grande barracão como os que conheci na infância. É uma casa residencial, onde em sua sala foi preparado o Congá e o pátio para a assistência. Mesmo tendo sido chamado para “vestir branco”, isto é, me tornar membro integrante da gira pelo Malandro Zé Pelintra, por um tempo optei sentar-me na assistência, manter minha participação sem o mesmo compromisso que os integrantes da gira durante os rituais.

Ainda assim, os relacionamentos que mantinha no terreiro, participando da limpeza do espaço, arrumação, organização de celebrações e demais contribuições eram dotados de um desejo de pertencer ao grupo. Pelo fato de ser uma residência adaptada, curiosamente, a assistência acompanha o culto, em boa parte do tempo, pela abertura da janela. Para alguém que não conta com recurso da audição, fica faltando ainda mais elementos para o entendimento dos rituais. Esse motivo fortaleceu ainda mais meu desejo de estar dentro do Congá.

Alguns meses de minha participação na TUTJOB na condição de pesquisador, portanto na assistência, fui chamado pela terceira vez para integrar a Gira pelo Guia Malandro Zé Pelintra e apresentei a minha disponibilidade ao seu convite. Na ocasião, o Mestre chamou todos os integrantes da Gira, e orientou que o grupo fizesse um esforço de comunicação em Libras e determinou uma médium de incorporação, que tem conhecimentos básicos de Libras, para fazer a tradução de parte do rito até que o terreiro tivesse um intérprete para fazê-lo. Naquele momento seu Zé Pelintra falou por longo tempo sobre

Umbanda e amor, disse-nos que ainda não alcançaríamos as palavras dele sobre amor, mas que nos esforçássemos para nos abirmos ao que dizia. Discorreu sobre o grande aprendizado que cada filho daquela corrente teria com minha participação e com a participação dos outros surdos que chegariam com o tempo, por meio desse trabalho de pesquisa e sobre um importante fundamento da Umbanda: o sentir.

o meu filho não ouve com os ouvidos, como vocês, mas sente quando Tranca-Rua vai baixar antes do cambono dele, sabe a erva que a Preta Velha pede sem conhecer o nome da planta.... Isso é entrega do meu filho ao Santo, isso ensina a vocês que no Congá não se aprende apenas do jeito que meus filhos estão acostumados, os cinco sentidos são apenas o que vocês conhecem, e por não conhecerem outros não dão atenção. Abram o coração de vocês para falar a língua do meu filho, se ponham no lugar dele... se esforcem porque ele é tão irmão como os demais, não tenham medo de errar! Isso é amor! Isso é a Umbanda Sagrada! (Malandro Zé Pelintra).

A abertura dos membros da corrente para o aprendizado de Libras tornou-se mais intensa, havendo muitos momentos de trocas e aprendizagens recíprocas, o que me proporcionou o início de um sentimento de pertencimento. Passei a sentir-me mais encorajado a falar da pesquisa, a curiosidade do grupo em torno dela passou a ser mais explícita para mim, a atenção dos irmãos nos momentos de tradução era visível e certa emoção pairava à medida que cada um ia sentindo-se mais próximo nas interações. Após esse momento onde a comunidade demonstrou ainda mais interesse no aprendizado da Língua e dos processos de inclusão do sujeito surdo e, em momentos de rodas de conversa após os rituais ou de preparação para os rituais, passou a ser muito comum que os integrantes, de posse ou não do cachimbo, elemento de conexão com o sagrado, em decorrência do exalar da fumaça de ervas xamânicas, sentarem-se em roda e conversarem sobre suas experiências, enquanto participo com o auxílio da tradução em Libras já mencionada, narro também minhas experiências, faço perguntas sobre os Rituais e Guias e, nesse processo já foi possível a percepção de alguns dos sinais que integrarão o glossário.

É interessante o modo em que se dá tal percepção. A criação do sinal da Guia Mãe da Casa, a princesa turca encantada Cabocla Toya Jarina da Conceição, conhecida popularmente como Cabocla Jarina, ilustra bem isso. Certo dia, após uma gira festiva da Linha da Encantaria, quando baixaram Marinheiros, Sereias, Léguas e a Cabocla Jarina, sentamos em círculo no chão do pátio do terreiro, inebriados com o axé daquela Linha. Aos poucos começaram as partilhas das vivências: o que foi alcançado pelos médiuns videntes, o que foi orientado, sentido, avisado... entre silêncios e palavras... revia as imagens da gira. Durante o diálogo, às vezes difícil de interpretar pelas falas ao mesmo tempo e entrecortadas, meu olhar dançava como flexa de um lado para outro daquele círculo, tendo como ponto de apoio a pessoa que traduzia a conversa, meu intento era acompanhar a tradução e, ao mesmo tempo, a expressão de quem falava. Os risos provenientes de

conversas paralelas, adendos de um na narrativa do outro, compunham aquela narrativa coletiva. De repente o olhar da Zeladora perdido no “nada” disparou um silêncio grupal. Todos os olhos se voltaram a ela. Eu ainda dançava o meu olhar entre ela, a pessoa que traduzia e o grupo. Pergunto o que os fez parar. Todos sabem que aquele silêncio vem do mistério que é reverenciado e respeitado, o grupo todo atenta-se. Em fração de segundos tudo isso acontece. Logo depois a Zeladora põe um sorriso surpreso e doce nos lábios: “Mãe Jarina está me mostrando o sinal dela, espera, estou tentando entender como faz! (risos) É a cobra!”. E tenta executá-lo, pedindo-me desculpas pelo “sem jeito”, o grupo todo perplexo, sorri em alegria e em reconhecimento.

Dona Jarina é mesmo uma cobra das águas doces, diz o ponto: “das profundezas do igarapé, Toya Jarina é cobra-mulher”. O momento de euforia demora alguns segundos para ser entendido por mim, é o tempo da interpretação, que também é movida por emoção. Porém, embora não compreenda o que está sendo oralizado pelo grupo, o sinal me conecta imediatamente com a Cabocla Jarina, sua dança, seus elementos ritualísticos, seu Axé. Digo à médium que auxilia na tradução antes que ela consiga traduzir: “é a que estava há pouco em Guma na coroa dela” (aponto para a zeladora da casa) “Aquele de chapéu rosa! Conheço! Reconheço!” Vibração coletiva! A Zeladora explica sobre o Axé dessa grande Mãe. Dá-se o encontro significativo entre eu-surdo com a Guia, com o seu Mistério e seu arquétipo.

Esse encontro de línguas e gentes, gera um novo estado de estar naquela comunidade para todos, uma grande alegria se instala, revelações de bem-estar e contentamento se dão nas narrativas do grupo. Entendo que o processo tem sido educativo para todos que temos percebido, como participantes da Umbanda o quanto a acessibilidade em Libras nas religiões de matrizes africanas ainda é pouco presente no Brasil. No estado do Pará, especificamente na cidade de Belém e região metropolitana, a presença do intérprete de Libras como instrumento de acessibilidade e interação entre surdos e ouvintes nos terreiros de Umbanda ainda é rara. Com a minha participação nos rituais dentro de um terreiro, observei que para tal acessibilidade há a necessidade de registro dos novos sinais e termos em Libras que já existem e que foram surgindo em meio às interações sociais neste grupo para utilização de intérpretes e comunidade surda nesse contexto religioso. Entendendo agora com mais compreensão as palavras de Seu Zé: “a Umbanda se aprende no Congá”. Resolvi, pois, sair da janela, e pisar firme no Congá, mesmo que vez por outra, não ouvir me faça vacilar. Escolhi colocar os pés no Congá para compreender por dentro a Umbanda e possibilitar-me responder as necessidades minhas e dos demais surdos já postas acima.

Considerando que todo exercício de produção do conhecimento científico demanda a necessidade de atingir determinados objetivos, apresento o estudo aqui proposto em 4 capítulos, o capítulo 1, como já exposto, é composto da introdução, onde apresento a motivação da pesquisa, justificativa e objetivos, geral e específicos. O capítulo 2 disserta

sobre o embasamento teórico deste trabalho como as referências legais e teórico-conceituais sobre inclusão, surdez e Língua Brasileira de Sinais; Umbanda na casa de Toya Jarina e Ogum Beira-Mar, o ritual no TUTJOB; Estudos surdos; Teoria das Representações Sociais (TRS); Práticas educacionais direcionadas às pessoas surdas e suas representações sociais; Cultura surda e construção da identidade; A voz e perfonance, e Socioterminologia. O capítulo 3 expõe a metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa. O capítulo 4 apresenta os resultados do glossário composto pelos termos da Umbanda. E finalmente, considerações finais, seguido das referências bibliográficas, anexos e apêndices.



Figura 1 – Janelas da TUTJOB

Fonte: Acervo da TUTJOB

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Entre referenciais legais e teórico-conceituais sobre Inclusão, Surdez e Língua Brasileira de Sinais

A língua desde os tempos remotos, é considerada como meio universal de comunicação. Aqueles que fugiam aos padrões constituídos pela sociedade eram excluídos do convívio social. Para (FOUCAULT, 1996, p. 10).

Desde a idade média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja escolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato, não podendo nem mesmo, no sacrifício da missa, permitir a transubstanciação e fazer do pão o corpo. (FOUCAULT, 1996, p. 10)

Historicamente os surdos foram considerados loucos, exatamente porque a impossibilidade de ouvir, ou ouvir menos, os leva a criar modos próprios de comunicação. Pelo fato de seu discurso “não poder circular” é considerado sem voz, perdendo a autonomia e o reconhecimento social por não corresponder à um padrão socialmente estabelecido como normal. Embora não se cale, é também excluído não podendo questionar ou participar de atividades de grupo, como por exemplo ir à igreja.

Os surdos durante muito tempo tiveram seus direitos ceifados pelos simples fatos não poderem falar, ao que no tempo passado era de suma importância para ser considerado cidadão de determinado grupo social.

No Brasil, a lei Nº. 10.436 de 2002 institui no seu Art. 1º que a Libras é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão. Ela é entendida no Parágrafo Único como a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Nesse momento da história da educação brasileira, com base no Art. 2º da lei em questão, ficou determinado que a Libras deve ser garantida, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, bem como garantir formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Assim, abriu-se caminhos para que o aluno surdo pudesse ter outras possibilidades de ensino/aprendizagem, posto que no Art. 4º, ainda da lei 10.436 de 2002, fica determinado que o sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais

e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Libras, que é em 2005 regulamentado pela lei Nº 5.626 de 2005.

Com a promulgação da referida lei as discussões em torno da inclusão ganham outros contornos, haja vista que se amplia as cobranças em torno de profissionais com formação adequada para auxiliar os alunos surdos em seu processo de escolarização. Portanto, é nesse cenário que as licenciaturas em Letras com habilitação em Libras, assim como os Núcleos de Acessibilidade nos espaços da educação pública, as Especializações em Educação Especial, etc ganham força no contexto brasileiro. Nesse sentido, a educação, é pois, uma das áreas mais importantes.

Retratar os desafios da comunicação entre pessoas surdas e ouvintes no interior de espaços públicos demanda que nos aproximemos das discussões em torno da cultura surda que tem como base o paradigma dos estudos sobre “Cultura vividas”, filiada à teoria dos Estudos Culturais (JOHNSON, 2000). Essa base teórica tem como um de seus objetivos a defesa da ideia de “culturas” de forma complexa e plural para grupos excluídos. Ainda de acordo com o autor em questão, os estudos sobre cultura vividas partem do reconhecimento das diferenças culturais, o que está para além do cuidado com preconceitos, ideias muito presentes nas relações dialéticas de poder, dependência e desigualdades. A outra condição é a necessidade de autocritica cultural, para que não ocorra expressões de antigas ideologias, representadas historicamente nos discursos sociais (JOHNSON, 2000)

A Teoria dos Estudos Culturais emerge a partir da segunda metade do século XX, oriunda das publicações de um grupo de intelectuais do Centro de Birmingham, na Europa. Os seus variados temas passaram a ser pauta de debates em diversos campos do conhecimento, o que proporcionou mais tarde sua vasta divulgação e avanço. Esta teoria ultrapassou as fronteiras da Europa rumo à internacionalização desse novo estudo, chegando aos Estados Unidos, a alguns países da África e da América Latina. (GONÇALVES, 2016)

Pautar as dificuldades de comunicação entre surdo e ouvinte nos remete aos desafios de

Conferir à Língua de Sinais o estatuto de Língua não tem apenas repercussões linguísticas e cognitivas, tem repercussões também sociais. Ser normal implica ter língua, e se a normalidade é a ausência de língua e de tudo o que ela representa (comunicação, pensamento, aprendizagem) a partir do momento em que se configura a Língua de Sinais como língua do Surdo, o estatuto do que é normal também muda, ou seja, a Língua de Sinais acaba por oferecer uma possibilidade de legitimação do Surdo como sujeito de ‘linguagem’. Ela é capaz de transformar a ‘anormalidade’ em diferença, em normalidade (SANTANA; BERGAMO, 2005, p. 567)

Acreditamos que pela Libras somos capazes de qualificar a comunicação entre surdos e ouvintes, na medida em que ela é um elemento importante para o surdo se sentir independente e em condições de debater com os ouvintes. É uma pedagogia feita com experiências visuais, com experiências que são constantes na cultura dos surdos, pois, contém elementos para a constituição da identidade de Surdos com construções de significados culturais. Contém o currículo próprio para a Educação dos Surdos, um currículo predominantemente cultural, com elementos que permitam ao surdo conhecer o mundo e interagir com ele. Contém a história cultural dos Surdos, isto é, serve-se de sujeitos surdos, de personagens surdos que transmitem saberes culturais apropriados para os processos de relações de poder predominantes na sociedade (PERLIN; MIRANDA, 2011, p. 107).

Jacques et al. (2014, p. 118) ao exemplificarem essa ideia, ressaltam que:

... em geral falamos. E se por algum motivo qualquer estamos impossibilitados de falar? Podemos tentar nos comunicar através de gestos, da mímica, da escrita, de atitudes do corpo, enfim, podemos utilizar outras formas de linguagem para transmitir aos demais o que pretendemos ... as línguas atestam que mesmo entre aqueles que falam uma língua única, há diferenças significativas segundo as tradições do grupo ao qual pertencem. Jacques et al. (2014, p. 118)

A partir da assertiva do autor supracitado podemos ampliar nossas inquietações em relação às dificuldades de comunicação entre surdos e ouvintes, haja vista que ainda temos como maior referência de comunicação a fala. Todavia, como apresenta os debates atuais acerca da comunicação, são variadas as maneiras por meio das quais podemos estabelecer diálogo, convivência, comunicação, interação e é preciso considerarmos e sedimentarmos essas possibilidades na dinâmica da vida cotidiana tanto dentro quanto fora da universidade.

2.2 Origens da Umbanda no Brasil e no Estado do Pará

Corre gira, Pai Ogum, filho quer se defumar Umbanda tem fundamento, é preciso preparar Com arruda, alecrim, benjoim e alfazema Vamos todos defumar com as ervas da Jurema (Ponto de Defumação).

Peço as bênçãos das ervas da Jurema, como no ritual da defumação ¹, para abrir os trabalhos no que tange à um breve histórico desenhado pela ainda restrita produção acadêmica sobre as muitas Umbandas. Tratar das origens da religião no Brasil, demanda

¹ Ritual de queima de carvão, café e ervas aromáticas em uma espécie de turíbulo artesanal chamado defumador. Serve à limpeza energética e astral e é realizada com frequência no início de todos os trabalhos e nos intervalos da Gira

tocar as origens do encontro étnico do país, ainda que possamos adentrar nas complexidades concernentes a elas, visto que não é o objeto deste trabalho. Retomando as raízes históricas Antônio Luz, baseado em Rivas Neto, nos recobra que

A formação do Brasil se deu no contexto histórico das grandes navegações europeias, que reconfiguram a cosmovisão das sociedades e dos indivíduos em escala planetária, modificadas por crescentes e intensificados contatos entre diferentes povos, culturas e religiões. ... O expansionismo colonial europeu produziu transformações abruptas conflituosas e a trajetória desses contatos e da interpenetração de culturas em solo brasileiro se fez sobre uma dupla brutalidade: do capital mercantil, e escravizando povos autóctones e negros, associadas ao empreendimento religioso católico de conquista e a salvação de almas. Importante lembrar que essas mesmas violências foram impostas também à África. Assunção (2012, p. 301)

Dor e sofrimento pelas diferentes formas de violência física, emocional, religiosa, povos não sendo respeitados em seus modos de ser, pensar e viver a vida e a própria fé. Povos originários que habitavam o país, com organização social e cultural próprios, vivendo em profunda relação com a natureza para a qual devotavam fé; povos de diversas nações africanas que foram arrancados de sua terra natal sem direito à liberdade e dignidade, ambos vivendo diásporas sem precedentes (porém não sem luta) e povos colonizadores, na condição de dominadores, travaram conflitos e negociações próprias desse processo de construção inter-étnica, não importando a posição que tomavam nesse processo.

Desse encontro novas misturas e sínteses conferiram ainda mais pluralidades, inclusive do ponto de vista religioso. Quantas vezes os africanos arriaram oferendas para Orixá em baixo da mesa de Santo das festas católicas realizadas pelos senhores de escravos? Quantas vezes mãe preta rezou com galho de arruda em filhos de sinhazinha para curar-lhe o mal que “capa branca”, o médico convencional como costumam nomear os Guias na Umbanda, não curava? Quantas vezes pajés trouxeram de volta a vida de europeus? Para aplacar a febre de um homem escravizado, quanta guiné foi macerada por mulheres de mesma sorte, que porém falavam em língua diferente e professavam fé a outro deus? Benzimentos, mandingas, xamanismos, pajelanças...

Essas tradições religiosas, por serem de transmissão oral, construídas pela comunidade em seu cotidiano, respeitando a tradição, não possuem um livro sagrado, um messias ou um consolador. Mantém uma relação direta e importante com os fenômenos naturais, como em algumas tradições indígenas: Guaraci o sol; Jaci a lua; em algumas tradições africanas: Oxum as águas doces; Xangô o trovão e as pedreiras. Assim,

O campo religioso Afro-Brasileiro é composto por diferentes escolas espirituais (com métodos, éticas epistemológicas próprias), que se configuram por aproximações e distanciamentos diversos de três matrizes formadoras básicas: africanas, ameríndias e indo-europeias. Assunção (2012, p. 306)

Isso nos ajuda a entender que falar da religiosidade afro-brasileira significa considerar que não há prerrogativas da influência africana ou pureza desta nas manifestações que temos hoje. Aliás, no próprio continente africano “o tráfico de escravos pelos mulçumanos e a escravidão intertribal já haviam produzido a interpretação de diferentes culturas e religiões, antes mesmo de aportarem aqui os negros na condição escrava”. Assunção (2012, p. 309). Portanto, cabe considerarmos e reconhecermos a diversidade dessa constituição que se torna aquilo que é unidade entre elas.

Na Umbanda, religião que se constitui no Brasil desse amalgamento, seus preceitos, fundamentos, ritos, são carregados pelas vozes daqueles que a praticam e, em alguns casos, registrados em cadernos onde são escritos, na maior parte das vezes, à mão e que ficam sob a guarda da principal autoridade humana do terreiro. O ritual, porém, apresenta-se e ensina-se pela oralidade e pelo fazer cotidiano. A Umbanda revela e ensina a saga dos excluídos, dos invisibilizados, contadas por eles mesmos: pretas e pretos velhos, Léguas, Baianos, Boiadeiros, Êres, Ciganas e Ciganos, Exus, Bombogiras, Malandros e Malandras, Indígenas, Caboclos e Caboclas, e toda a sorte de Encantados: Sereias, Marinheiros, Princesas, que carregam o Axé, energia vital transformadora e mítica.

Dizendo de um modo muito genético, poderíamos afirmar que a Umbanda é uma religião que cultua um Deus de muitos nomes: Oxalá, Zambi, Olorum, e todos os reinos da natureza que o compõe: Orixás. Cada um deles é uma manifestação divina na terra, deles descendem os Guias da Umbanda, entidades de luz, a serviço do amor divino e da tarefa de contribuir com o desenvolvimento do planeta. Porém esse culto também se dá de muitos modos, imiscuídos a outras manifestações religiosas e com todas as diferenças sociais e culturais dos contextos onde encontram-se, também revela modos diversos de cultos. De modo que será mais pertinente a dimensão de inclusão da Umbanda apresentar os modos como o culto se dá no lócus da pesquisa.

No que diz respeito à sua história, criação e características, foi necessário recorrermos não apenas à produção científica a respeito do tema, mas às produções publicadas por sacerdotes da religião, além de incluir o aprendizado conquistado nas vivências no terreiro e à escuta daqueles que o fazem no lócus da pesquisa. Assim, um marco mítico que muitos autores vão referenciar como o aparecimento da Umbanda no plano terreno, deu-se às 20h do dia 15 de novembro de 1908, em Niterói, Rio de Janeiro, quando o jovem médium de 18 anos, Zélio Fernandino de Moraes incorporou em sua própria casa o Caboclo das Sete Encruzilhadas. Segundo Cumino (2015), a declaração de ter fundado a Umbanda foi realizada por Zélio na Revista Gira da Umbanda em 1972. Durante a entrevista, Zélio relata que, sendo de uma família católica, pouco antes da fundação ele esteve acamado por doença que o paralisava. Certo dia, o jovem levantou e anunciou sua cura para o dia seguinte. A família, surpreendida resolveu levar-lhe à Federação Espírita de Niterói. Lá chegando foi convidado a ocupar lugar ao trabalho de mesa, porém:

... iniciados os trabalhos, verifiquei que os espíritos que se apresentavam aos videntes, como índios e pretos, eram convidados a se afastar. Foi então que impelido por uma força estranha, levantei-me outra vez e perguntei porque não podiam se manifestar esses espíritos que, embora de aspecto humilde, eram trabalhadores. Estabeleceu-se um debate e um dos videntes, tomando a palavra, indagou: - o irmão é um padre jesuíta, por que fala dessa maneira e qual é o seu nome? Respondi sem querer: - amanhã estarei na casa deste aparelho, simbolizando a humildade e a igualdade que deve existir entre todos os irmãos encarnados e desencarnados. E se querem saber o meu nome, que seja este: sou o Caboclo das Sete Encruzilhadas. Minha família ficou apavorada. No dia seguinte, verdadeira romaria formou-se na rua Floriano Peixoto. [Cumino \(2015, p. 124-125\)](#)

Na sequência disso, o Caboclo anunciou o nome da religião que acabara de nascer: UMBANDA. Porém, anuncia que este demarca o nascimento social da religião, tal como os seres humanos ganham aceitação e reconhecimento após seu aparecimento material e nomeação oficial. A autora Maria Elise Rivas complementa ainda, “o surgimento de um movimento que difundia a igualdade entre as diferentes etnias e a distribuição do poder espiritual, sem um poder central chocava o pensamento vigente da sociedade brasileira” [Rivas \(2013, p. 24\)](#). Diante desse marco, vemos também uma Umbanda que nasce em um ambiente de preconceito e discriminação social.

Seria negligência deixar de falar em Zélio Fernandino de Moraes uma vez que esse marco foi por muito o único reconhecido pelos umbandistas, porém é fundamental considerar, principalmente pelo motivo pelo qual esse trabalho se dedica, a abertura da Umbanda à inclusão de diferentes formas de ser, se manifestar e portanto surgir. Como reitera ([RIVAS, 2013](#))

Determinar um ato de fundação, mito de origem, é atribuir-lhe uma característica pontual, de modo a negar-lhe a diversidade de suas manifestações rituais, que nunca, em tempo algum, apontou uma maneira única de expressá-la. É negligenciar a sua característica de inclusão ... é promover um processo de generalização da Umbanda, sob a ótica de uma única escola. [Rivas \(2013, p. 137-138\)](#)

Essa “unidade aberta” que é a Umbanda, para além desse marco de origem e muito antes dele já se manifestava. Inúmeras versões foram registradas ([CUMINO, 2015](#)) e apontam para a existência de Umbandas: Africana, Branca, Indígena, Mística, Mágica, Pura, Exotérica, Popular, Sagrada, de Jurema, de Caboclo, Eclética, Umbandaime, Oculta, Astrológica, Mista, Omoloco, Cristã, tendo cada uma dessas diferenças de preceitos, fundamentos, doutrinas, linhas, diferenciadas em cada terreiro espalhado pelo país, sem que isso, de nenhum modo a enfraqueça ou torne-a menor, ao contrário, sendo isso aquilo que a constitui como religião, como dissemos acima. Há registros anteriores com outros nomes, porque não considerar? Candomblé de Caboclo, Quimbandas, Mandingas, Dança da Pemba, Catimbós, Macumba, Calundus, Xamanismo, Pajelança.

Essa significativa diversidade, da multiplicidade de cultos e ritos, aponta para além da polarização das origens da Umbanda e das reivindicações da pureza africana da religião. Essa polarização aparece também nas relações nas comunidades Umbandistas, para não citar outras tensões políticas com outras tradições de influência de matriz africana

Longe da pureza, o campo religioso afro-brasileiro foi construído num contexto multicultural a partir das relações interétnicas, interculturais e inte-religiosas que produziram formas culturais e religiosas inéditas – transculturais, no meu entender. Estas novas religiões são brasileiras e estão em construção, em uma identidade em processo que não está produzindo como num mosaico, bricolage, em sobreposição ou por justa posição, muito menos pelo transplante de culturas ou de religiões, sejam africanas ou indo-europeias. Assunção (2012, p. 320)

Diante disso, pode-se dizer que dentro de uma mesma Umbanda, há entrecruzamentos, interpretações, contextos históricos e sociais de diferentes Umbandas. Multiplicidades infinitas em uma Umbanda plural.

A diversidade do contexto de criação da Umbanda se multiplica ainda mais pela amplitude geográfica do país e vai se manifestar de diferentes formas e características específicas, conforme as influências de seu contexto social e cultural, ganhando, portanto, traços regionais. Além dos contextos culturais e geográficos, a formação social do grupo que constituem o terreiro, faz-nos compreender melhor os motivos de termos tantas Umbandas.

No Pará, segundo (SANTOS, 2013), os registros sobre o aparecimento da Umbanda encontrados datam da década de 1960, quando da primeira pesquisa de campo etnográfica na Amazônia sobre as religiões de tradição afro-descendentes. A etnografia realizada pelo casal Seth e Ruth Leacock apresenta a nomeação de tais cultos como “batuque”. “Para os autores, o batuque era uma religião sincrética, onde o catolicismo e cosmologias ameríndias tinham forte presença Santos (2013, p. 5). As descrições da pesquisa apontam para a influência da médium Maria Aguiar na influência das tradições dos rituais do sul do país, já que a médium visitou o Rio de Janeiro e voltou a Belém com experiências dos terreiros cariocas.

Há ainda registros históricos que comprovam a existência de terreiros no Pará, embora sem reconhecimento do Estado. Em sua pesquisa, a professora Dra. Anaíza Vergulino e Silva (2015) (SILVA et al., 2015) afirma, embora não reconhecidos e registrados pelo Estado, haver fatos que mostram a existência significativa e numerosa de terreiros no Pará.

O Recenseamento ano 1970, do Censo Demográfico Geral do Estado do Pará, faz constatar que ... em se tratando do assunto Umbanda no estado do Pará não constatamos com dados oficiais que retratem uma realidade precisa. O fenômeno, no entanto, existe em Belém, e sua relevância é

comprovada pelas evidências indiretas como sejam as notícias depreciativas das colunas religiosas e policiais da imprensa escrita e falada; pelo número de casas especializadas na venda de artigos de Umbanda, que aumenta a cada dia na cidade, pela posição de uma ala conservadora da Igreja (padres Barnabitas) que, diante da expansão dos cultos para as prelaças do interior do Estado, adota uma posição de protesto, lançando catecismos de alerta ao grande público. [Silva et al. \(2015, p.19-20\)](#)

Vê-se que os cultos das religiões de matrizes africanas e indígenas, além de não serem reconhecidos nos registros estatísticos do Estado do Pará, sofriam uma supressão que denota possível exclusão e ou não reconhecimento destes como legítimos. ([SANTOS, 2013](#)) registra que na última década parlamentares passaram a

manifestar apoio aos afrorreligiosos em seus eventos, com a viabilização de transporte, carro-som e, às vezes, até comparecendo pessoalmente. Os afrorreligiosos também se orgulham pela criação do dia municipal da umbanda e das religiões afro-brasileiras, quando é realizada a entrega na assembleia legislativa do Estado do Pará da Comenda Mãe Doca, para afrorreligiosos de destaque no município. Por outro lado, quase todas as políticas públicas efetivas realizadas em benefício dos afrorreligiosos provém da esfera federal. [Santos \(2013, p. 68\)](#)

Atualmente, as ações do governo federal, são de exclusão, perseguições e desrespeitos de toda a sorte às religiões afro-brasileiras. Ainda, em nível estadual e municipal, não existe a necessidade de políticas públicas, de forma organizada, para viabilizar as práticas culturais e religiosas. Pela intolerância, falta de respeito e de um maior conhecimento acerca da Umbanda, seus ritos e suas práticas. Existe muita discriminação e, às vezes, até criminalização dos cultos. Considera-se aí também a ausência de políticas públicas para garantia de direitos das pessoas surdas nos terreiros, como a formação que considere a diversidade religiosa e, em consequência, disponibilização de intérpretes da Libras. Na prática, tais dificuldades ocasionam a falta de acesso da pessoa com surdez em relação a preceitos, fundamentos, processos, rituais na Umbanda.

Diante de toda essa diversidade e complexidade da religião e do contexto em que ela está inserida, é necessário apresentar um pouco o lócus dessa pesquisa, adentrando com respeito aos interditos pelos “espaços da Casa” possíveis de serem apresentados.

2.3 Umbanda na Casa de Tóya Jarina e Ogum Beira-Mar

A Tenda de Umbanda Tóya Jarina e Ogum Beira-Mar tem esses dois Guias como donos do Terreiro. Segundo ([LUCA, 2012](#)), em sua análise a partir da narrativa de pais e mães de Santo, Dona Jarina é filha de "gente nobre", que abandonada pelos pais, foi criada por um rei português, teve passagem pela Turquia, mas no fundo, é indígena. Jarina é “retrato da mestiçagem”, apresenta.

Além de Jarina, dá nome à Casa a energia masculina de Ogum Beira-Mar, um dos Cavaleiros das 7 linhas do Orixá Ogum. Ogum, o grande ferreiro, Orixá do aço, da guerra, das grandes Batalhas, o grande mestre da colheita dos grãos, após o plantio realizado pelos homens e mulheres na terra, que movimenta toda a mandala da vida, cavaleiro da porteira de Aruanda, vencedor de demanda. A vibração de Beira-Mar, atua entre a praia e as sete primeiras ondas do mar, apresenta-se como um cavaleiro montado em seu cavalo branco e cuja vestimenta lembra um centurião Romano, com armadura prateada cuja a imagem se assemelha a escamas de peixe, sobre a qual pode-se ver uma nobre capa vermelha. Empunhando sua espada, o cavaleiro faz a Guarda de Iemanjá e sua linhagem e se estabelece entre grandes guerreiros que têm a benção da Iabá e os encantados do Mar.

A Tenda de Umbanda Tóya Jarina e Ogum Beira-Mar, nascendo sob o apadrinhamento, guarda, proteção e axé provenientes desses dois Guias, dedica-se exclusivamente à cura espiritual e física de seus filhos e consulentes. Assim, não realiza trabalhos de amarração, conquistas de parceiros românticos e demais ações que colocariam em risco o livre-arbítrio de qualquer pessoa. Não utiliza de nenhuma espécie de sacrifício animal, entendendo que tudo que vive vem do mesmo princípio gerador da vida e que nenhum ser deve ser sacrificado em nome do sagrado. O trabalho desenvolvido é inteiramente gratuito, sem qualquer cobrança nos/e/ou para os rituais.

Sobrevive, desse modo de doações dos membros da corrente e algumas doações de pessoas que devotam fé na Umbanda, bem como consulentes, chamados na casa de Assistência (no caso desses apenas aceitam doações em material para uso dos Guias e rituais, nunca monetária). Esse princípio de não cobrar sobre os trabalhos que pratica, sustenta-se nos próprios Fundamentos da Umbanda, segunda a Zeladora da Casa:

a gente não cobra nada na nossa casa! [] Não aceito cobrar nada! Porque quando vai pra esse de precificar, né? Não existe! Como é que se vai precificar o trabalho de um Guia? Como eu vou colocar para o trabalho de um Guia uma dimensão que é monetária? Que é... né? Uma dimensão que é materialista, né? Por exemplo, não tem como!!! A Umbanda é sagrada! Esse materialismo do dinheiro, ele num... num paga absolutamente nada do trabalho no Santo, do trabalho dos Guias! Não tem isso! Agora claro, eu também, não posso ignorar que tem muitos pais de Santo que dedicam a vida inteira, ta? Que é aquilo ali! Né? E... se... se que... quem não trabalha morre de fome!? Então precisa de um nível de ajuda pra sustentar, mas isso é outra situação, é diferente de... de enriquecer, de cobrar absurdos, né? Mas não é o trabalho da nossa casa! Cada um trabalha como é mais viável, né? Agora assim, lembrando que que que, que quem paga no terreiro paga o pai de Santo, não paga o Santo em si. A única coisa que eu consigo admitir em termos de pagamento, é paga do tarô. Essa paga do tarô ela existe, ela é real, né? Não precisa ser nenhum absurdo, mas ela existe, mas isso é proveniente de um Fundamento de ciganos! Porque os ciganos encarnados, as artes advinhatórias, elas vieram como uma forma de sustento. Eles sustentavam os filhos fazendo leitura de carta, leitura de mão []. E ainda tem também que quando você recebe dinheiro para ler um tarô, ele é do Santo então se você é

uma pessoa que tem o mínimo,... que tem dinheiro para se sustentar, pra comer, você vai separar o dinheiro pra comprar vela...pra comprar materiais de consumo para seus Guias, mas não vai juntar dinheiro pra comprar um carro. (Narrativa da Zeladora da Tenda)

Diante dessa posição, a Zeladora define a paga de serviços exclusivamente à abertura do Tarô, tendo como justificativa para tal procedimento o Fundamento da Linha dos Ciganos. Tudo o mais fora do Fundamento não está sujeito à pagamento, uma vez que o terreiro não é a única atividade dos membros da Gira e tampouco a sua própria, portanto, não há necessidade de sustento financeiro advindo dos consulentes para garantia da realização dos trabalhos espirituais, uma condição que demarca uma concepção de que trabalho espiritual e lucro material não se associam nesse terreiro.

Essa postura se deve também à compreensão que a Casa tem sobre a Umbanda:

Umbanda é Unidade! Tá, se a gente entende que a Umbanda é Unidade, se a gente entende que Orixá é partícula divina e se a gente vê Deus como uma união de todas as forças da natureza e a natureza é tudo que circunda a gente... a própria condição humana é inerente a tudo que vem da Umbanda, então a gente se relaciona com a natureza, com o universo, de formas muito profundas e em todos os sentidos e o tempo todo... tudo tá... ligado. Tudo faz parte de um grande mistério que é uma coisa só, né? Que é a unidade, que é o Universo, que é... enfim... (Zeladora da tenda)

Embora o entendimento da Umbanda seja essa dimensão ampla, a Zeladora, deixa claro:

Porque a Umbanda, e sim, pra nós é Umbanda, e eu já vou explicar porque, porque eu posso chamar de Umbanda Sagrada, eu posso chamar de Sagrada Umbanda, mas eu não vejo que a gente precise ter uma definição praquilo que já é, né? Umbanda é Umbanda, então assim, na, no meu sentir, no meu viver o terreiro, não tem essa divisão porque pra mim, pro nosso entendimento Umbanda só existe uma mesmo que você vá trabalhar... é... com, com... vai colocar mais peso em uma... em uma... em uma vertente... a Umbanda tem muitas vertentes, a Umbanda é um universo inteiro a ser explorado, então cada casa trabalha de um jeito, geralmente as casa legítimas de Umbanda... (pausa para pitar o cachimbo) isso vai variar muito de acordo com a ancestralidade do pai de Santo, com... com várias determinações, que não são nossas (longa pausa, ela pita o cachimbo mais fundo, olha para o Congá). (Zeladora da tenda)

Dessa ampla possibilidade de conexões apresentadas aqui, no processo de construção das identidades religiosas, podemos observar como se constrói isso na visão da liderança religiosa, a despeito da Unidade da Criação, as muitas complexidades sociais culturais e espirituais que compõem essa construção. Isso não se difere nessa casa.



Figura 2 – Imagens Assentamento dos Pais da Casa: o primeiro Congá de Ogum Beira-Mar e Dona Jarina no TUTJOB Fonte: acervo da TUTJOB 2019



Figura 3 – Ritual de Batismo na TUTJOB – Praia do Cachimbo/ Mosqueiro/PA Fonte: Luciana Martins 2020

2.4 O ritual no TUTJOB

Para descrever o que é possível sobre o ritual, considerando o que (FARO, 2018) nos revela sobre a impossibilidade de torná-lo escrito e inteligível em sua acepção mesma, “em tempo e condições restritas”: a realidade do processo de construção da dissertação, potencializado pelas condições da pandemia e desafio dos processos de tradução em Libras (para sempre lembrar: nos diálogos, entrevistas, na própria observação no campo de pesquisa, leituras e escritura do texto), mas também e substancialmente, pela sua própria natureza semovente.

Por essa natureza, nomeá-los me causa sensação de perder um pouco do vigor de seu movimento. Ao mesmo tempo, por este trabalho, desde sua concepção, desejar a inclusão daquilo que o paradigma dominante separou da academia como é o caso de tradições de matrizes afro, o senso comum, o mítico e o poético, esforço-me a essa tradução, como forma de proporcionar o acesso a alguma coisa de minha vivência nesse lugar de Educação tão rechaçado e discriminado historicamente, para quem não pôde vivê-lo. Assumindo minha proposição de mediunizar entre o terreiro e a academia, para tornar visível dentro desse universo acadêmico uma centelha do vivido. Faro (2018, p. 137)

Essa referência de mediunização, tomando como referência o próprio ritual de mediunizar: ser a ponte entre dois mundos, o acadêmico e o espiritual, a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais, a favor da inclusão das pessoas e processos que sempre tiveram à margem é também o que impulsiona essa pesquisa, porém fazê-lo é o meu próprio desafio, como o foi para Faro e para boa parte dos autores da área.

Como a autora mencionada explicita, o desafio de traduzir as narrativas dos sujeitos de sua pesquisa, as “Vozes do Mar”, em algo inteligível para a academia.

O banheiro, a vertigem que sinto no esforço em mediunizar entre o eco das Vozes do Mar e uma tradução para forma conhecida, é pois, signo [...] da dificuldade em a academia ler e compreender aquilo que não tem exatamente formas bem definidas, mas semovência. Ao mesmo tempo é possibilidade de contribuir para a abertura da academia às incertezas e ao caos, matéria pela qual somos constituídos, embora careça a humanidade também reconhecer. Faro (2018, p. 139)

Essa dificuldade, a resistência da academia àquilo que não está tão fortemente amarrada à sua própria orientação e “controle”, que forma a todos que por ela passam e portanto a mim também, impõe-se como uma necessidade de buscar um modo possível de fazer essa tradução do ritual, mesmo que neste trabalho ela se configure como traduções sobre traduções. Sendo isso, desde o início, o modo que faz com que esta pesquisa possa existir no presente formato, para que o leitor ouvinte (e não para o surdo), e fundamentalmente os avaliadores ouvintes e a ampla maioria daqueles que poderão e que conseguirão lê-lo e compreendê-lo (ouvintes também), possam ter acesso a ele, é ao mesmo tempo o

que me restringe como usuário da Libras, mas também me possibilita gerar reflexões e contribuições acadêmicas no meu campo de pesquisa.

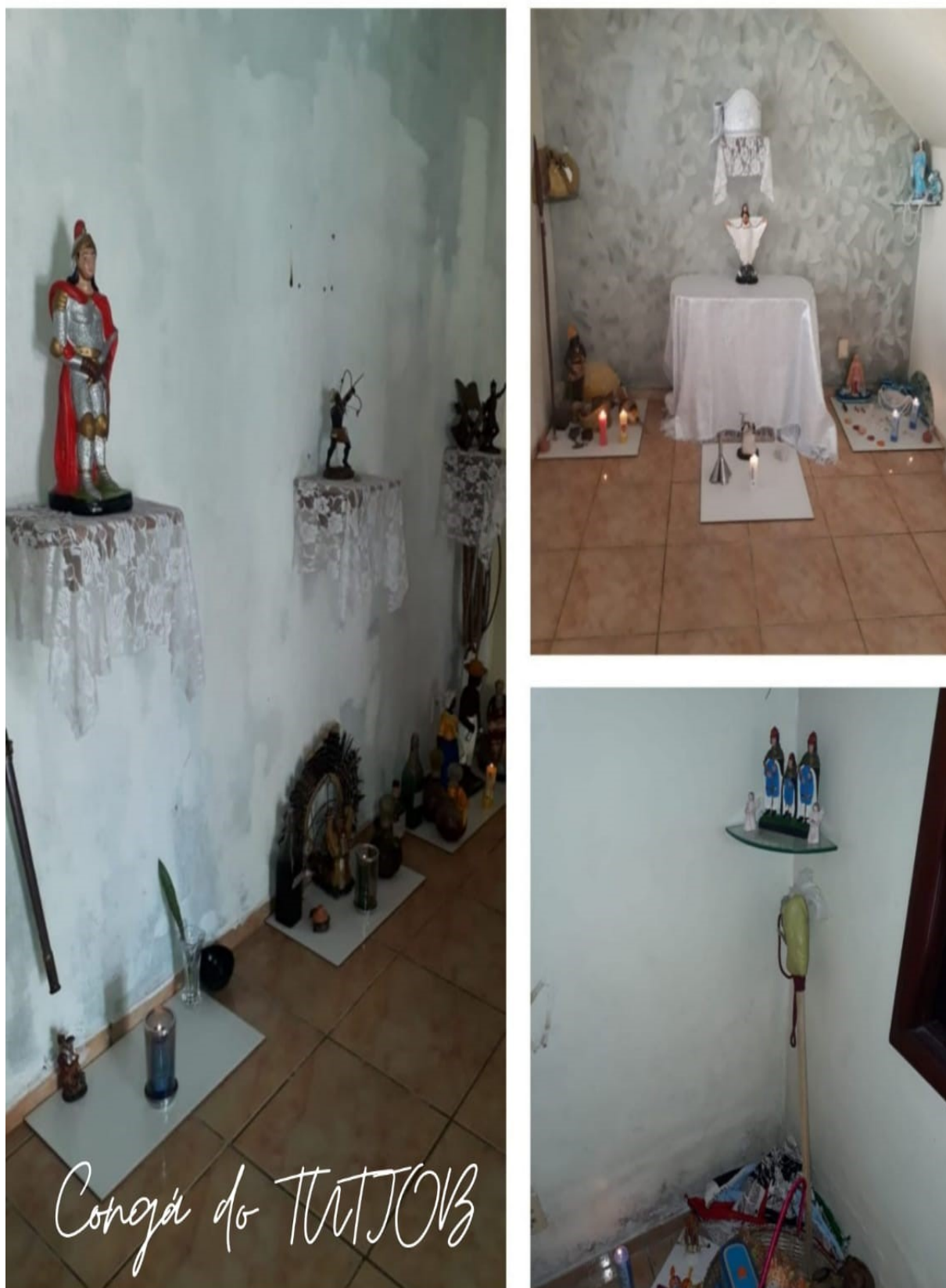


Figura 4 – O Congá da TUTJOB. Fonte: Acervo da TUTJOB

Esse processo de mediunização, é pois, inverso, à primeira vista, àquilo que desejo. Para contribuir na inclusão dos surdos no terreiro de Umbanda no sentido de ser “ouvido” e “ouvir” em sua própria língua (minha língua), é necessário também dizer-me em outra língua: a língua padrão, legitimada historicamente e que tem acesso a maioria da população. Foi necessário, para tanto, utilizar-me das minhas acuidades outras e percepção, e das narrativas dos membros da corrente para fazê-lo de memória, já que os trabalhos estão suspensos e assim ficaram por grande parte da Pandemia.

Mas, para iniciar a tratar do ritual no lócus da pesquisa, é importante trazer à baila que quaisquer tipos de rituais nele realizado é denominado Trabalho, ainda que este seja uma Gira (cerimônia cotidiana abaixo descrita), uma louvação (Celebração de culto a Orixás e aos Pretos Velhos, realizadas conforme calendário anual), Batismo (ritual de iniciação nas águas), Catimbó (ritual com o uso do chá de ervas e raízes, similar à Ayuasca), Amanci (banho de coroa dos filhos de Santo e de suas guias, realizado com ervas), dentre outros.

Nessa perspectiva, o trabalho das giras é realizado aos sábados a partir das 18h, sem hora marcada para conclusão, e na primeira segunda-feira do mês (nesse caso dedicado para Giras de Exus e Bombogiras, podendo ser também para Malandras e Malandros), iniciando às 20h, ambos variando em rituais de três a seis horas de duração, aproximadamente. É possível a abertura da casa para a realização de trabalhos específicos quando há louvações para Orixás, celebrações como a do 13 de maio, Dia dos Pretos Velhos, necessidade ou demanda de um consulente, um membro da corrente, da casa e outras motivações possíveis.

Durante a tessitura da pesquisa, minha percepção do vivido me levou a ver que nos trabalhos há sempre três movimentos que compõem o ritual: a organização do Congá; organização da Gira, a Gira propriamente dita; a limpeza do Congá e dos filhos da casa (energética, por meio do banho de descarrego, realizado preferencialmente lá mesmo ou em suas residências, a livre escolha do participante).

Assim as atividades começam horas antes do início dos trabalhos, quando parte dos médiuns, como são chamados todos os membros da corrente, quer sejam médiuns de incorporação, médiuns cambonos² chegam pela manhã para a limpeza, organização e preparação dos preceitos necessários para a realização dos trabalhos: limpeza dos compartimentos da casa: pátio, cozinha, banheiros, quarto de cambonagem, quartos dos médiuns (feminino e masculino); a limpeza dos assentamentos de Guias e Orixás é realizada com cachaça e essência correspondente à cada um - sempre que possível- com pano limpo e exclusivo para este fim, uma vez que as energias de limpeza de ambientes convencionais

² São médiuns que se dedicam a ajudar os irmãos de Santo a prepararem a chegada dos Guias em Guma, isto é, em processo de incorporação, assim como a servir os Guias nesse momento, entregando-lhes seus elementos rituais, anotando as orientações que estes oferecerem aos consulentes, dentre outras necessidades.

e os sagrados são diferentes.

Os assentamentos são limpos preferencialmente por um filho daquele Orixá/Guiá ou um filho que necessita da conexão com aquela energia. Para tal trabalho, começa-se batendo cabeça e pedindo licença e permissão para “adentrar” ou mover os elementos daquele portal sagrado, isso é feito dando 3 batidinhas suaves com a mão no assentamento e proferindo as palavras de saudação correspondente, em voz alta ou não. A saber, se diz, por exemplo Ogunhê Patacori para o Ogum, Ora Iê Iê, para Oxum. Cada elemento do assentamento é retirado com muitíssimo respeito, cuidado e delicadeza.

Há assentamentos em que o trabalho é realizado em profundo silêncio, como é o caso de boa parte do Cruzeiro das Almas³ em outros, a agitação, os risos e brincadeiras são muito comuns, como no ponto dos Erês. Nesse processo, é possível perceber uma pequena movimentação dos lábios, com pausas em silêncio, como que em uma conversa. Por outras inúmeras vezes é possível ver a emoção dos filhos ao realizarem tal tarefa, enquanto também fazem uso do cachimbo.

Olha, às vezes eu chego muito cansada do ritmo do trabalho, das tarefas domésticas, casa, filho, marido... chego naquela agonia aqui... aí demoro a me conectar, né? Porque não dá pra ir limpar um ponto, por exemplo, sem atenção, sem conexão... ninguém sai entrando na casa dos outro de qualquer jeito! Então! Mesma coisa! Aí eu pego meu cachimbo, fico um pouco em silêncio... o cheiro da erva já acalma, né? Aí... aí se tiver precisando de uma resposta eu peço, peço pra aquele Guiá me ajudar, vou lá com minha Mãe, com meu Pai, fico ali com eles fazendo aquele serviço com amor, com uma gratidão, chego a sentir as ondas do mar da minha mãe... a brisa do vento... que às vezes até esqueço do que preciso... aí a resposta vem. Mas isso, é o cachimbo que ajuda. (membro da gira)

O cachimbo, como nos referencia (FARO, 2018) dá condições de ainda maior conexão com o Guiá ou Orixá.

O aroma da erva e sua força divina contribuem para a conexão do filho de Umbanda consigo e com o Sagrado, ajuda-o a sentir o Sagrado. Inebriado pela fumaça xamânica que sai do pito e da boca, decorre um afrouxamento da matéria cognoscível rígida, o cérebro expande-se, a consciência expande-se, os sentidos refinam-se ou, talvez fosse mais adequado declarar, os sentidos lembram-se da sua potência e refinam-se e, no possível, conectam o filho de Santo à Unidade. O ambiente se altera na perspectiva da consciência dimensional. É possível ver e ver-se, sentir e sentir-se no aqui e agora material ao mesmo tempo em que numa dimensão outra: espaço outro, físico outro, encarnação outra, realidade outra. O tempo se rompe e se mostra criação humana. No sagrado se confundem e se fundem todos. Faro (2018, p. 120)

³ Nesse terreiro, Cruzeiro das Almas ou Casa das Almas é um portal para o Reino das Almas, presidido pelo Orixá Obaluaê, à frente, com a Senhora das Águas paradas, Nanã Buroquê, a mais velha Yabá - Orixá feminina; e a Senhora dos Ventos e Tempestades, Yansã, a mais nova. Ele guarda o axé da vida e da morte, da transmutação, da cura profunda, representados pelos Pretos Velhos e Senhores e Senhoras Caveiras.



Figura 5 – Guarda da Casa: Casa de Exu. Fonte: Acervo da TUTJOB

O uso do cachimbo durante o período de preparação da e para a gira, se dá com muita frequência na casa. É comum chegar e sentir tal aroma das ervas desde o portão, assim como é comum perceber a mudança de frequência quando os filhos fazem os serviços utilizando esse instrumento xamânico importante. Outro elemento que permite a entrada nos portais são os pontos cantados referentes a cada um deles.

Um dos responsáveis pela manutenção da vibração das giras e de outros trabalhos. Verdadeiros mantras, os pontos cantados mobilizam forças da natureza, atraem determinadas vibrações, Orixás, Guias e Guardiões ... O ponto cantado impregna o ambiente de determinadas energias enquanto o liberar de outras finalidades, representam imagens e traduzem outros sentimentos ligados à cada vibração. [Barbosa \(2015, p. 180\)](#)

Essa força de mobilização do sagrado, portal de entrada para suas múltiplas dimensões, também vai compor essa ambiência de preparação que, como disse em si já é ritual. É comum o relato de vidências da abertura dos portais a partir de quando os participantes entoam os pontos, de obterem respostas às suas questões, de terem intuições e alertas premonitórios. Como o uso do cachimbo, o ponto cantado conecta o filho de Santo à realidade Orixá, o coloca em posição de afrouxamento das estruturas da racionalidade e expansão da consciência.

Nesse momento também é acesa uma nova vela sete dias que deverá permanecer até o próximo sábado. Enquanto essa limpeza se dá, outros membros fazem a preparação da comida de Santo: milho branco para Oxalá, pipoca e água potável para Obaluaê, (imprescindíveis para qualquer trabalho na casa), café para os Pretos Velhos; e a organização do resfriamento de bebidas para outra linha na segunda metade do trabalho: chás, águas de cocô, cachaças, cervejas, vinhos, cidras, licores, água com ervas em infusão. Pareceria desconexo ao ritual não fosse o esmero e fé com os quais são produzidas cada uma dessas ações, de maneira que os médiuns costumam relatar que o nível de conexão com o trabalho se intensifica.

Como já disse, durante todo o processo de observação e rememoração desses passos e elaboração destes para apresentação que ora faço, trouxe-me o entendimento de que o Ritual se inicia desde a chegada do primeiro médium no terreiro. Justifico isso exatamente porque tudo o que se faz nesse território sagrado é preceito e regula-se pelos fundamentos daquela casa para que a sessão mediúnica aconteça. Porém, a zeladora da Casa, em entrevista, trouxe elementos que fugiam à minha observação do cotidiano por mim também vivido. Quando perguntei sobre quando seria o exato início do ritual, já que tinha em mim, a partir da vivência, a percepção de que o início não era apenas a Gira:

Você está me perguntando sobre o ritual do dia da Gira, e... (breve parada), tu falas de forma muito assertiva sobre o fato de que a gira começa..., o trabalho, o ritual começa antes da Gira começar... mas assim, eu posso falar do meu sentir com relação a isso, e o que percebo cada dia mais e que assim, que e tenho vivido, assim, que eu não tenho procurado viver, mas tenho vivido, essa questão do início, do início da Umbanda, do início do ritual... o início, é uma questão mais complexa, ela vai muuuito, muito além do que a gente possa chamar de início. Éééé... ... deixa ver se eu consigo explicar, o ritual na da Umbanda, na verdade, ele não começa quando a gente chega no terreiro ... (pausa para puxar o cachimbo). Então o ritual é, da Gira de Umbanda, pra mim, ele é um momento! É como um momento do dia que você vai guardando as devidas proporções e com todo o respeito que eu tenho ao ritual, mas por exemplo, esse é o momento de almoço, então eu vou desempenhar isso aqui agora entendeu? ... É um momento específico que a gente vai cultuar o sagrado porém isso tem que ter coerência com o que a gente vive, se não tem coerência com o que a gente vive, o resto vai perder o sentido. ... Eu acho que tem muito mais um senso de continuidade, éééé, porque assim, na sexta-feira eu vou trabalhar e eu preciso tá atenta pra como eu vou me comportar, o tipo de pensamento que vai passar pela minha cabeça e o porquê. Por isso é tão importante a gente trazer à consciência o tempo inteiro pro presente, né? É, é... as coisas tão muito conectadas. Então como eu vô me comportar no meu trabalho, como eu vô me relacionar com meus colegas de trabalho, de que maneira eu posso ser útil, de que maneira eu posso fazer a diferença na vida de alguém, pra que eu tenha o mínimo de dignidade pra pisar no terreiro no sábado né? Então a Umbanda, o ritual, começa muito antes, né/ tem que ter um preparo que tá ligado ao exercício da própria humanidade da gente, né? Da própria natureza humana (Zeladora da Casa)



Figura 6 – Ritual de preparação da Gira Fonte: acervo da TUTJOB

O ritual da Umbanda, nessa perspectiva, apresentada pela Liderança religiosa, é o próprio caminho do umbandista. E a gira, esta então é o momento em que a celebração ritualística acontece, que se configura como um momento no cotidiano dos filhos de Santo destinado ao culto àqueles que devotam fé. Voltamos então a dimensão de continuidade, Unidade, que vem se apresentando como aquilo que é a própria Umbanda. Exatamente por tomar essa proporção na vida dos filhos da casa, é que esse tempo dedicado à preparação da Gira é ritualístico. Ele compreende, portanto, mistérios do sagrado, cumprimento de preceitos, amor e devoção ao Santo, proporciona um encontro enquanto família de Santo.

Então quando a gente chega num, num terreiro, é o ideal a gente chegar cedo no terreiro, ... mas o ideal é chegar cedo no terreiro, o ideal, na verdade, é separar aquele dia inteiro ali só pra se dedicar a isso né? Porque a semana inteira a gente tem pra se dedicar a todas as coisas e, e, e essa é uma das coisas mais importantes da vida da gente! É o que sustenta, é o que defende! É o que garante! É o que abre caminho! É Exu abrindo caminho! É preto velho curando, sabe, é malandro tirando a gente de roubada! É caboclo e cabocla dando discernimento, dando fartura, sabe? Levando a gente pelo caminho certo, pelo que a gente tem que... é... olha, sabe? É Orixá guiando tudo o que a gente é. Então, assim, é importante demais pra gente não querer reservar um dia inteiro, pelo menos, pra isso. Então assim, falando do ritual, bem especificamente é chegar cedo, é se encontrar, encontrar os irmãos de corrente, é receber aquela energia de encontro, sabe, é se nutrir daquilo, e isso é importante! É se nutrir... de... bons sentimentos, de... de boas relações, é acolher as pessoas! Esse, esse ritual do acolhimento, ele é muito próprio da nossa casa, da gente se encontrar, da gente se acolher, da gente se abraçar e dizer como é que foi a tua semana? Como é que tu tá? E falar das nossas coisas, né? A gente acaba ficando muito íntimo dos irmãos conhecendo melhor as coisas da vida das pessoas, enfim, eeeeeee limpar a casa é uma forma de se conectar com a responsabilidade, não é?

A questão do acolhimento é um dos temas mais recorrentes nos comentários da assistência, na casa.

Nossa! Desde que entrei por aquele portão, fui tão bem acolhido que nem dá vontade de ir embora, dá vontade de ficar aqui, continuar com vocês, ajudar a limpar... (Pessoa da Assistência)

Já fui em muita Casa de Santo por aí, vou a vida toda, mas aqui vocês tratam a gente tão bem, nunca vi isso! Fora de brincadeira! (Pessoa da Assistência)

Gosto de chegar cedo e tomar um café com o pessoal, a gente conversa, eles animam, a gente até esquece dos problemas. (Pessoa da Assistência)

No começo eu não queria vir, veio meu parente que eu tava pra ficar doida. Agora eu gosto! Eu melhorei muito aqui, por isso que eu vim, olha eu fico até cansada de dançar aqui, nem saía da cama. Eu sou evangélica, vou lá e venho aqui. (Pessoa da Assistência)



Figura 7 – Lugar de Acolhimento: o trabalho começa aqui. Fonte: acervo da TUTJOB

Isso também aconteceu com vários filhos da Gira que chegaram à casa pela Assis-

tência e, a posteriori, foram chamados a tornarem-se membros:

não foi o primeiro lugar que eu visitei, eu já tinha ido em outra casa antes, mas quando eu cheguei lá naquela casa, na nossa casa, eu... senti uma coisa diferente. É... eu... fui recebida de braços abertos, o trabalho ainda não tinha começado e as pessoas estavam ali fazendo as suas coisas... é... tinham algumas pessoas fazendo guia... outras tavam limpando ponto... é... e eu me senti acolhida, eu queria ficar ali, eu queria chegar mais cedo e, e, e... estar com aquelas pessoas e.. e ficar o máximo de tempo que eu conseguisse ficar naquele espaço. Foi uma sensação de pertencimento, de pertencimento, assim que eu pisei lá. Eeeeeee..., e lembro da minha irmã, a Lívia, quando eu cheguei nessa casa ela disse, aqui é a minha casa, eeee, foi muito bonito ver no olhar dela aaa, o orgulho de estar pisando naquele chão, e me convidando pra entrar com ela, e eu sabia que era ali que eu ia ficar também (membro da Gira)

eu me senti à vontade, fui numa gira de Oxossi, primeira vez foi numa louvação, eu me senti bem a vontade, só que o mais diferente foi as sensações do meu corpo! Huum, sensações que só depois, é... com... as próximas as giras que eu fui eu entendi que era a energia... né? O axé circulando ali naquele momento. É sei lá em um momento eu pensei que tivesse passando mal... eu... tava sentindo um calafrio... eu sentiaaa, né? Uma tontura, mas nesse sentido, sabe de sensações do corpo.

Preparar a gira é preparar-se individual e coletivamente para o acolhimento entre si e aqueles que adentram a casa em busca de cura, cuidados, palavras de calor e acolhimento. Depressões profundas, doenças psiquiátricas não diagnosticadas, doenças físicas diagnosticadas como fatais, dependência química graves, situações diversas que os médicos da matéria não curam, ou curam em parte, são curadas nesse espaço Sagrado, nas mãos de pretos velhos, Seu Zé Pelintra, Dona Jarina, Exus. Meu entendimento é que a cura começa exatamente aqui, nesse lugar de cura que a casa se compromete ser. Quando cuida daquela comunidade que à procura desde a sua entrada, com atenção e acolhimento porque sabe que a busca de cura espiritual parte de uma necessidade profunda e urgente.

E essa relação com os consulentes também passa por um Fundamento da Umbanda: o de servir com humildade:

limpar a casa, limpar o banheiro, éé passar um pano, varrer, limpar as imagens, né? Tem uma coisa aí de humildade que a gente precisa ter porque a gente às vezes acha que nosso dia-a-dia, porque a gente tem uma profissão A ou B a gente não pode desempenhar determinadas funções... a gente não serve nesse papel, então eu acho que é um bom momento pra gente entender que todos os papéis nos cabem, né? Desde que eles exerçam uma função de utilidade, de de de de servir, né? O servir... a Umbanda é serviço! A Umbanda é serviço, é doação! Acho que tem muito disso, sabe? (Zeladora da casa)



Figura 8 – Louvação das Iabás Fonte: Acervo da TUTJOB

Os critérios de hierarquia social fora desse espaço sagrado não funcionam nesse

terreiro. Aliás considerando as formações acadêmicas e atuações profissionais que nosso formulário on-line apontou, em sua grande maioria os membros da TUTJOB têm formação acadêmica de nível superior, sendo que, dos que responderam, 30,8% têm graduação e especialização, 23% têm mestrado ou são mestrandos e 15% são doutores ou doutorandos. São professores, advogados, artistas, administradores, estudantes. Porém no momento em que “vestem branco” o compromisso é com o serviço.

Pronta esta etapa de preparação e organização da Gira, os médiuns tomam banho, vestem-se com o uniforme branco (saia, blusa, pano de cabeça, espada amarrada na cintura para as mulheres e calça, blusa, touca de crochê para os homens) e cruzam as guias de contas no peito. São arriadas as comidas de Santo (Oxalá e Obaluaê), acesas as velas de altar para abertura dos trabalhos nos assentamentos de Oxalá, Obaluaê e Exu. A chefe de cambonagem (cargo de responsabilidade no terreiro com toda preparação e material para que nada falte nas Giras, dentre outras coisas) estende a esteira em frente ao assentamento de Oxalá, forrada com pano branco destinado estritamente a esse fim. Daí então, todos os médiuns da corrente, preparam-se para bater cabeça⁴ para Ele e em seguida a todos os demais Orixás e Guias. Ao terminarem essa etapa o grupo senta no Congá, idealmente uma hora antes do trabalho começar, e cachimba junto em silêncio ou conversando a respeito de temas pertinentes ao Santo. É um momento de conexão e concentração coletivas e ainda mais profundas. É quando começam a chegar as pessoas para a assistência.

Por volta das 17h30, é hora de firmar a guarda do Terreiro. Com maior frequência Seu Tranca “baixa”⁵ para fazê-lo, quando não, a Bombogira Cigana Dona Sara faz o trabalho. Em geral, mesmo que a atenção dos membros não esteja conectada ao relógio marcador do tempo cronológico, a corrente percebe a aproximação de Exu Tranca-Rua pela diferença da energia no Congá e do filho que o incorpora, ele costuma ficar bastante introspectivo, muda seu semblante e postura corporal, o médium responsável em camboná-lo toma sua capa e a estende no braço, em uma mão segura o cachimbo e na outra, a taça de sua bebida, vinho tinto. E, em alguns minutos o mestre está em Guma⁶.

O médium assume a postura do Guia, altivo, forte, corpo apumado na armadura, dificilmente dá uma palavra nesse momento. Há algum alvoroço ou agitação caso os membros da Gira não estejam com a concentração adequada no momento em que o Guia vem à Guma, e uma agitação para pegar os seus elementos de trabalho se dá com rapidez. Após tomar seus pertences das mãos do cambono, pega sua espada do assentamento e dança.

⁴ É um ato de profunda devoção, respeito, reconhecimento e honra aos Orixás e Guias na Umbanda. Nessa ocasião os filhos de Santo, ajoelhados ou deitados, tocam a cabeça três vezes no chão, aos pés das imagens dos assentamentos, em um movimento de reverência. Em seguida costumam proferir palavras em Yorubá referentes à saudação de cada Guia, realizando gestual concernente à cada um deles e, por último batem palmas.

⁵ "Baixar" é a ação que ocorre no momento exato da incorporação, o Guia/Orixá, baixa de Aruanda na coroa do médium e se faz em Guma, como já disse, incorporado.

⁶ É a presença do Orixá ou Guia no Congá em incorporação

Toda a corrente se ajoelha e reverencia-o. Inclinando levemente a cabeça e o tronco e Seu Tranca-Rua passa sua capa sobre eles, uma comoção acontece com a passagem desse axé. Em seguida risca o ponto na porteira, faz a movimentação de guarda da casa onde e em quem seja necessário e, ao se despedir novamente, passa a capa sobre a cabeça dos seus filhos, “sobe”⁷. Durante todo esse processo a gira mantém a vibração do trabalho cantando em uníssono os pontos de Exus e Bombogiras.

Após isso, a Zeladora da casa faz três chamadas com o Adjá, uma sineta ritualística de metal usada pelos sacerdotes e sacerdotisas na Umbanda. Os três toques indicam que todos os médiuns devem estar no Congá em atenção plena. A liderança deseja boas-vindas a todas as pessoas na assistência e em linhas gerais apresenta o trabalho da Casa para quem vai a primeira vez. Depois inicia a entoação de oração e dos pontos para Oxalá e ponto da Unidade (todos os Orixás), Ponto de Nanã e Obaluaê, oração para Obaluaê e por fim, inicia os pontos cantados para os Pretos e Pretas Velhas. Primeiramente para Vovó Cambinda, na coroa da Zeladora, na sequência, para os demais vovôs e vovós conforme ela os chame. É um momento comovente e descrito pelos videntes de maneira muito bonita

Eu vi a chegada dos Pretos Velhos, eles chegaram todos juntos e caminhavam em direção do altar de Oxalá, chegaram alegres e dançando jongo. Eram muitos, muito mais do que cabe aqui nesse Congá e em volta deles, só luz, chega a doer nos olhos, chega me arrepio de contar pra vocês. (membro da corrente)

É comum relatos como esse sobre o início das giras de Pretos Velhos, eles são uma linha de muita amorosidade, humildade e trabalho de cura profunda. Homens e mulheres de origem africana que viveram o processo de escravidão e se ajuremaram por ele. Outros mestres de luz, escolheram esse arquétipo para apresentar-se na Umbanda tendo sido encarnados ou não para trazerem a mestria desses grandes médicos espirituais sem estudo acadêmico, com linguagem simples, idosos, corpo franzino, dificuldades de andar, voz trêmula.

Antes de incorporarem, os médiuns de incorporação e os de cambonagem se alinham com os elementos necessários ao trabalho: cajado, cachimbo, espada, rosários, velas, búzios, cristais, cuias etc. No processo de incorporação desses Guias, os médiuns relatam sentirem peso nas costas, tontura, reduz o senso de equilíbrio. Ao “baixarem”, tomam seus elementos, se deslocam de onde estiverem no Congá até o ponto de Oxalá e até o Cruzeiro das Almas, aos quais fazem saudação, assim como saúdam a todos os demais Guias que estiverem em Guma. Voltam a seus lugares de trabalho, onde encontram um pequeno banco de madeira, baixo, simples e sentam-se, mas não sem antes dar seu axé aos membros da corrente. Ali riscam seus pontos e trabalham recebendo ou não consulentes, até que o último seja atendido. Os médiuns assumem uma postura cuja coluna fica

⁷ Processo de desincorporação do Guia no médium



Figura 9 – Gira na TUTJOB. Fonte: Luciana Martins

envergada, sustentada o tempo todo pelo seu cajado. Ali dão conselhos, acolhem, curam, limpam, descarregam, orientam, maternam, numa doçura e amorosidade sem igual.

Durante toda a Gira são entoados os pontos dos Pretos Velhos, e após o trabalho concluir, novamente cada um deles levanta-se e saúda Oxalá e segue para o Cruzeiro das Almas, onde “sobem”. Ao final dessa etapa do trabalho é necessário um pequeno intervalo para que os médiuns de incorporação se reestabeleçam fisicamente da incorporação desgastante. Enquanto isso, os médiuns cambonos iniciam a limpeza do Congá e preparação para a o trabalho da próxima linha, que segue o mesmo processo, podendo ser porém da linha da Mata, da Encantaria, dos Erês, da Malandragem, de Léguas etc. O atendimento à assistência recomeça, um a um até que todos sejam novamente atendidos se assim o desejarem.

Ao final da gira, a casa é toda limpa, reorganizada, cadeiras da assistência são recolhidas, ficando tão somente as imagens. Tudo é feito com bastante alegria, e, ambiente de descontração e brincadeiras, ou de lembranças das lições aprendidas e vividas na Gira. Mesmo que cansados fisicamente os umbandistas relatam a satisfação de terem servido. Começa aí uma nova semana em que o ritual umbandista se renova em cada filho.



Figura 10 – Ritual e elementos ritualísticos na TUTJOB.

2.5 Estudos Surdos

Este campo do conhecimento constitui-se a partir de uma lógica cultural, a qual concebe a pessoa surda enquanto um ser que possui uma distinção de caráter cultural, uma forma outra de estar no mundo. Para conceituar este segmento epistemológico, nos baseamos em (SKLIAR, 2001), conhecido pesquisador da temática.

O autor argumenta a respeito, afirmando a questão política como um diferencial nesse enfoque. Para (SKLIAR, 2001), os estudos surdos são uma nova possibilidade de se analisar as identidades, línguas, comunidades e culturas surdas, vistas a partir da lógica da diferença. Observa-se portanto, outro enfoque acerca da concepção da pessoa surda, visto que a mesma passa a ser representada a partir de uma categoria não pautada em uma ideia de cura, correção advinda da esfera médica. Essa forma diferenciada ocorre por meio de experiências culturais. Nesta perspectiva:

A resignificação da surdez, como representação de uma diferença cultural, possibilita ao sujeito surdo o sentimento profundo de pertencimento e o leva a inserir-se no social, fazendo parte de um grupo naturalmente definido de pessoas, práticas e instituições sociais. Rangel e Stumpf (2015, p. 114)

Como postulam as autoras, essa ótica de compreensão da surdez, especificamente os sujeitos surdos, partem não de um ponto de vista clínico-patológico, mas de um prisma cultural, uma concepção socioantropológica da surdez. Sendo a Libras um aspecto essencial para a caracterização dessa resignificação e politização do termo.

Em razão de um histórico de opressão, as comunidades surdas foram estigmatizadas e excluídas do processo educacional, o que contribuiu para o aparecimento de uma condição de marginalização, a qual aconteceu, principalmente, pela proibição das línguas de sinais, no caso do Brasil, a Libras. Esse período cessou com o reconhecimento legal da Lei N° 10.436, de 2002, que definiu a Libras como meio de comunicação oficial das comunidades surdas do Brasil, também o Decreto N° 5.626 de 2005, o qual regulamentou a referida legislação.

Com isso, fortificou-se também o campo dos estudos surdos, tendo a Libras como um importante artefato cultural. Com o uso da língua, instaura-se um importante meio para a construção das identidades visuais. Conforme (STROBEL, 2008)

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que esta é a língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal Strobel (2008, p. 44).

Nesse sentido, vale ressaltar que a possibilidade de a pessoa surda inserir-se em um meio visual, ou seja, um espaço com predominância da língua de sinais favorece o aparecimento dessa intersubjetividade, materializada em processos de alteridade constituídos nas relações surdo-surdo. Apesar da relevância de se conviver com o diferente, também se pontua o aspecto alteridade construído entre pares, ou seja, o compartilhamento de experiências entre semelhantes torna-se um aspecto imprescindível para o sentimento de pertença, bem como na autoaceitação e constituição de um tecido social, nesse caso, as comunidades surdas, empoderadas politicamente.

Concernente a isso, convém elucidar a relevância dos processos dialógicos na constituição do sujeito, o que implica pensar na construção de representações, tanto de si como do outro em uma dinâmica de interação. A partir dessa ideia, convém pensar as representações oriundas das relações, bem como de processos comunicativos ([MOSCOVICI, 2009](#)).

No que tange ao contexto de sujeitos surdos, visualiza-se essa premissa real, uma vez que as construções do ser surdo, e por consequência, da língua de sinais, logo, de sua cultura, também perpassa por alteridades, sendo o “eu” constituído em uma relação de co-construção, a qual um altera o outro e com isso, surgem diferentes representações, embora elas comunguem de uma peculiaridade: as experiências surdas viabilizadas em diálogos em língua de sinais entre surdos. Quando se fala em relações de alteridade, de imediato se faz necessário mencionar a importância da comunidade surda, diga-se de passagem, ímpar, na realização dessas relações, essenciais para o ser surdo, assim como para o ser humano de maneira geral. Esse ambiente, em especial, é um *locus* significativo, pois concentra a riqueza das vivências e narrativas da cultura surda. ([TESKE, 2001](#)):

A comunidade surda é um complexo de relações e interligações sociais, que diferem de outras comunidades onde existe a possibilidade da comunicação oral, pois as pessoas surdas necessitam da língua de sinais e das experiências visuais para realizarem uma comunicação satisfatória com outras pessoas [Teske \(2001, p. 148\)](#)

Acerca desses espaços visuais caracterizados pela presença da língua de sinais, é válido ressaltar para o âmbito das associações de surdos, como um importante espaço político cultural, como argumenta ([DORZIAT, 2009](#)):

Um discurso contra-hegemônico se faz necessário, no sentido de mostrar que o enfrentamento aos problemas por meio de processos dialógicos e reivindicatórios pode ser o caminho para a conquista de espaços sociais e para o enfrentamento de preconceitos, que existem em face da surdez e do próprio Surdo. Esse espaço político tem sua materialidade, para os Surdos, nas Associações de Surdos, que se constituem em iniciativas enriquecedoras, pois permitem o convívio e a liderança das pessoas historicamente excluídas do direito a voz [Dorziat \(2009, p. 25\)](#)

Em virtude disso, os processos políticos são importantes ações no sentido de demarcar um campo de atuação política das comunidades surdas, atuação com a garantia de uma singularidade compartilhada por um grupo, baseada em experiências visuais, as quais acontecem pelo uso da Libras. Nesse contexto sócio-político, a vivacidade da língua está repleta de convicções que ultrapassam um mero uso, uma vez assegurada a sua presença, constata-se um empreendimento dotado de natureza responsiva, com a finalidade de fazer frente a uma ideologia dominante – oral-auditiva.

Com a efetivação desses espaços ocupados por sujeitos surdos, a Libras tem a sua legitimidade, bem como a causa dos surdos é repassada de uma geração a outra, no sentido de promover um trabalho de instrumentalização sócio-política de seus pares. Essas relações entre pares são formas culturais de constituição dialógica, como pontua Strobel: “Para o sujeito surdo ter acesso as informações e conhecimentos e para construir a sua identidade é fundamental criar uma ligação com o povo surdo em que se usa a sua língua em comum: a língua de sinais” Strobel (2008, p. 44). Com isso, novamente, evidencia-se a necessidade dos processos dialógicos, pois a completude do ser está na construção de identidades por meio de seus pares, nesse caso, entre os surdos, em relações de alteridade realizadas indispensavelmente pelo uso da Libras e suas implicaturas culturais, as quais ganham vida no momento das interações, que materializam as experiências visuais.

Com base nos argumentos mencionados, é possível constatar como as comunidades surdas elaboraram um novo discurso, outra possibilidade de representação na sociedade, que consiste em fazer frente, ou seja, responder à surdez atravessada de um viés clínico-medicalizado, o qual não propicia uma visão de sujeitos surdos dotados de uma singularidade linguística. Como explicita (GESSER et al., 2006):

É claro que a marca linguística não é a única nas discussões sobre a surdez, mas é a visibilização da língua que confere ao surdo certa “libertação” e distanciamento dos moldes e visões até então exclusivamente patológicos, pois desvia a concepção da surdez como deficiência, vinculada a lacunas na cognição e pensamento, para uma concepção da diferença linguística e cultural Gesser et al. (2006, p. 23).

Nesse posicionamento, há uma nítida aproximação com um discurso de emancipação, o qual mostra a importância da língua de sinais e como ela caracteriza o sujeito usuário, em especial os surdos, de uma língua sinalizada, portanto, não oral-auditiva, minoritária. Essa adjetivação de minoria se justifica pela marginalidade da Libras na sociedade e como isso reverbera para equívocos, seja em torno da pessoa surda, ainda vista como incapaz e uma série de outros rótulos, assim como em ceticismos a respeito da autonomia da Libras enquanto língua.

Em virtude disso, é importante a disseminação de outras abordagens acerca da surdez, principalmente a abordagem dos estudos surdos, que asseveram o sujeito surdo

em uma retórica da diferenciação cultural, trazendo à tona aspectos culturais e outras formas de estar no mundo, uma ótica de se conceber a surdez, sempre relacionada à língua de sinais e a produção de narrativas sinalizadas, relevantes para a difusão de experiências surdas vividas por gerações anteriores. Por essa razão, é imprescindível a implantação de uma proposta de ensino bilíngue, que assegure a presença da Libras nos espaços de socialização da pessoa surda, sobretudo no âmbito educacional, importante para a construção de processos formativos cidadãos. De acordo com (QUADROS, 2015), tem-se a definição de bilinguismo, a seguir:

Bilinguismo, então, entre tantas possíveis definições, pode ser considerado: o uso que as pessoas fazem de diferentes línguas (duas ou mais) em diferentes contextos sociais. Aqui já temos uma relativização ao “bi” em bilinguismo, uma vez que genericamente o termo é usado para se referir ao uso de mais de uma língua, apesar de haver o uso do termo “multilíngue” nesse sentido [Quadros \(2015, p. 189\)](#)

Como pode ser observado, a efetivação do bilinguismo representa para as comunidades surdas a possibilidade de inserção social mais complexa, pois a Libras circulará ainda mais por outros espaços, para além da escola, e isso irá garantir o reconhecimento da língua, bem como a visibilidade social de cidadãos surdos e de suas manifestações culturais.

Desse modo, pensar em bilinguismo é dar o devido valor ao sujeito surdo e sua língua, sua cultura, suas narrativas; essas ações não só promovem as comunidades surdas, mas também contribuem para a edificação de uma sociedade plural e respeitosa, visto que o contato com a língua e seus usuários surdos irão favorecer uma compreensão da surdez, não a clínica, mas voltada a um sujeito e sua forma de ser com sua língua viso-espacial e sua cultura visual.

2.6 Teoria das Representações Sociais (TRS)

O campo da TRS se constitui como um importante referencial epistemológico, o qual traz as concepções do cotidiano presentes nas diversas esferas sociais, sendo tais formas de pensar a realidade um aspecto característico da vida em coletividade. Enquanto um campo epistemológico, as representações estão vinculadas ao chamado paradigma da emergência, o qual apresentamos uma das definições nas palavras de ([FERREIRA, 2017](#)):

A tendência desse paradigma emergente é da valorização na ciência, não apenas o do abstrato, do racional, mas do vivido. Do cotidiano e do imaginário. Esse pensar a ciência sobre o outro paradigma que não apenas o da racionalidade traz, também, novos referenciais sobre o ser humano em suas relações sociais e educacionais [Ferreira \(2017, p. 110\)](#)

Concernente a esse modelo científico, as representações sociais trazem em seu bojo um pormenor, a vinculação das experiências do cotidiano, as quais são materializadas em situações de diálogo. Esse caráter interpessoal é essencial para a concretização das representações, que também são conhecimentos. Esse caráter de conhecimento é partilhado em uma dada comunidade, por meio de processos interacionais, e à medida que essas ideias são difundidas em determinado contexto social, elas passam a não ser estranhas, tornando-se, de forma gradual, em temáticas habituais no âmbito de um grupo de sujeitos.

Com esse movimento, o qual transforma o desconhecido em algo familiar para um grupo de indivíduos, as representações se instauram ao ponto de se tornarem um discurso verídico, autêntico para a comunidade. A respeito disso, destaca-se a relevância da interação entre pares para se estabelecer uma representação.

No tocante ao exposto, recorre-se a (MOSCOVICI, 2009), referência desse campo epistemológico. O autor apresenta algumas considerações sobre a forma como as representações são estabelecidas.

O conhecimento é sempre produzido através da interação e comunicação e sua expressão está sempre ligada aos interesses humanos que estão implicados. O conhecimento emerge do mundo onde as pessoas se encontram e interagem, do mundo onde os interesses humanos, necessidades e desejos encontram expressão, satisfação ou frustração (Moscovici (2009, p. 8-9)

Como o autor postula, os processos representacionais são constituídos de conhecimentos em trânsito, o que mostra a dinâmica social de uma concepção e sua necessidade de estar em um fluxo social, para que sua narrativa venha a se consolidar em um meio social.

Além disso, essas narrativas estão atreladas a sujeitos, logo, o autor ressalta para o fato de não haver conhecimento destituído de conveniências, pois cada indivíduo irá inserir nas dinâmicas sociais o que é de seu interesse. Dessa maneira, as representações, por serem efetuadas e mantidas por sujeitos, são constituídas de valorações e interesses.

As representações sociais surgem em um contexto específico e entre sujeitos, sendo que esses sujeitos compartilham imagens e conceitos entre si. Dessa forma, as particularidades, partícipes dessas interações, estão vinculadas a formas arbitrárias de conceber determinados assuntos, por essa razão, são reproduzidos aos demais de uma forma pre-estabelecida para atingir um fim. Por ser uma manifestação de sujeitos para sujeitos, especificamente a coletividade, (JODELET, 2009) faz a seguinte consideração:

As representações, que são sempre de alguém, tem uma função expressiva. Seu estudo permite acessar os significados que os sujeitos, individuais ou coletivos, atribuem a um objeto localizado no seu meio social

e material, e examinar como os significados são articulados à sua sensibilidade, seus interesses, seus desejos, suas emoções e ao funcionamento cognitivo Jodelet (2009, p. 697)

Acerca disso, a autora assevera para o fator do sujeito, sobre a construção de formas particulares de se conceber a realidade, formas estas sempre atravessadas por interesses, no sentido de que a necessidade de propiciar mecanismos de transitividade a essas representações possui intenções, seja de um sujeito, seja de um grupo de sujeitos.

Nessa perspectiva, o próprio (MOSCOVICI, 2009) destaca como os mecanismos comunicativos são imprescindíveis para que se assente uma determinada concepção de algo, nas palavras do autor: “[...] as representações podem ser o produto da comunicação, mas também é verdade que, sem a representação, não haveria comunicação” Moscovici (2009, p. 22).

Assumindo esse ponto de vista, pode-se pensar a construção de diversas representações sociais oriundas de processos comunicativos, concretizados em relações diversas em que as compreensões da realidade são partilhadas em uma situação de interlocução fundante para a ancoragem em campo comum e sua materialização e, conseqüentemente, sua reprodução. Com isso, os interesses estão intimamente relacionados nos momentos de interação, uma vez que é este o ponto de partida para a mobilização do sujeito frente ao “outro” e seu posicionamento diante da realidade na qual está inserido.

Seja por meio de atitudes concretas, seja por meio de retóricas convenientes a fim específico, as representações têm por função manter uma estabilidade, uma coesão social. Sendo essa unicidade do tecido social para emancipar ou garantir manutenção das desigualdades, a depender dos interesses dos sujeitos que a praticam. Por considerar as representações sociais um processo pelo qual se atribuem significados com base nos conhecimentos do cotidiano, o que vem a ser ancoragem em um campo já conhecido pelo sujeito, o mesmo a representa, concretiza essa concepção em formas diversas, seja em discursos, seja em práticas. Para conceituar o que são ambos, recorreremos outra vez a (MOSCOVICI, 2009).

Ancorar é, pois, classificar e dar nome a alguma coisa. Coisas não classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras. Nós experimentamos uma resistência, um distanciamento, quando não somos capazes de avaliar algo, de descrevê-lo a nós mesmos ou a outras pessoas. O primeiro passo para superar essa resistência, em direção à conciliação de um objeto ou pessoa, acontece quando nós somos capazes de colocar esse objeto ou pessoa em uma determinada categoria, de rotulá-lo com um nome conhecido Moscovici (2009, p. 62)

Nesse viés, a ancoragem é uma forma de classificar e trazer para o contexto do indivíduo determinadas imagens, as quais receberão significação a partir de uma forma

específica de compreensão, pautada pelo contexto sociocultural daquele que a analisa.

Dessa forma, constitui-se como um processo essencial para qualquer indivíduo, uma vez que este está sempre a dialogar com diferentes imagens, concepções diversas, e ancorá-la em seu universo de sentidos é um meio de fazer a leitura, com base em suas crenças, acerca de uma manifestação de linguagem em um determinado meio.

Já a objetivação é a materialização, é o momento de o sujeito tornar o abstrato, já categorizado em um campo conceitual familiar, portanto do cotidiano, em práticas pautadas na nomeação atribuída anteriormente, quando a representação se realiza (MOSCOVICI, 2009). A respeito disso, observa-se ambos os processos complementares, visto que em um primeiro momento, o sujeito vai nomear um determinado fenômeno visto na sociedade, a partir de seu repertório cultural, para em seguida tornar tal representação concreta em uma prática, pois, categorizar e posteriormente, realizar a ação, são os dois aspectos que tornam efetiva uma representação acerca de algo.

2.7 Práticas educacionais direcionadas às pessoas surdas e suas representações sociais

No que concerne à pessoa surda, há diversas representações acerca do ser surdo, as quais estiveram por muito tempo em consonância com o paradigma educacional de épocas anteriores, nesse sentido, observa-se a educação como um importante meio para a disseminação de representações.

Sobre essas abordagens, as quais estiveram norteando as práticas educacionais direcionadas às pessoas surdas, são: oralismo, comunicação total e bilinguismo; surgidas em uma cadeia discursiva, sempre acompanhada de uma representação, uma forma particular de compreender o sujeito surdo, que não se limitava apenas ao âmbito educacional, mas social de forma ampla.

A respeito desses discursos heterogêneos em torno da pessoa surda, ao fazer um retrospecto, é possível identificar a violência institucional sofrida por muitos surdos, assim como o teor de uma educação atravessada de um paternalismo, benevolência, a qual não concebia este segmento como sujeitos da aprendizagem.

Com isso, foram mais de 100 anos de imposições na educação de surdos, com ações de repressão e segregação, principalmente pela imposição da oralidade, bem como da proibição das línguas de sinais e das experiências visuais que compõem a singularidade social das comunidades surdas (SKLIAR, 2001). A partir dessa consideração, pode-se observar como essa representação da pessoa surda enquanto deficiente imperou por muitos anos no cenário nacional, o que implica pensar em interferências dessa lógica na educação e, com isso, a dificuldade de manifestação pelas pessoas surdas de sua subjetividade e

forma de compreender o mundo, uma vez que elas tinham sua língua interdita.

Na perspectiva do campo epistemológico da TRS, esse discurso clínico-patológico foi construído com base em conveniências, interesses de um determinado grupo – ouvintes – e isso pode ser observado no ano de 1980, no congresso de Milão, evento histórico e marcante por proibir o uso das línguas de sinais nos processos educacionais da pessoa surda.

Sendo que essa deliberação, tomada por um grupo de ouvintes, reverberou mundialmente, e ela foi determinante para que se instaurasse essa educação corretiva, sempre com pautas pedagógicas atreladas a práticas terapêuticas. Nesse sentido, visualiza-se a ancoragem de um sujeito surdo no viés da medicina e sua objetivação em práticas curativas.

A partir disso, estabeleceu-se uma imagem da pessoa surda sendo disseminada em toda a sociedade, sendo caracterizada, principalmente, pela imaginada incapacidade que estava ancorada na dificuldade de verbalizar. Assim, constata-se uma representação construída para garantir uma estabilidade vigente.

Após, surgiu o modelo educacional da comunicação total:

Esta abordagem vem reforçar o descontentamento com o oralismo. Nasce junto com pesquisas sobre língua de sinais. A comunicação total é uma tendência que ganhou impulso nos anos 70. E tem como prática o uso de sinais, leitura orofacial, amplificação e alfabeto digital para fornecer inputs linguísticos para estudantes surdos. O objetivo é fornecer ao indivíduo surdo a possibilidade de desenvolver uma comunicação real com o surdo e ouvinte [Vieira-Machado \(2010, p. 41\)](#)

Observa-se no exposto o processo de desgaste, no qual o oralismo vai atravessando, e acerca disso, é importante que se ressalte as lutas de muitas pessoas surdas, que a partir de uma série de mobilizações, foram decisivas para a superação de um paradigma com predominância oral.

Mais uma vez, contextualizando para o âmbito das representações sociais, essa sucessão de modelo educacional assume também o norte na forma como a sociedade irá representar o sujeito surdo, que compreende, em parte, que a oralização unicamente não resolve, assim, opta pela linguagem diversa sendo utilizada para os processos de aprendizagem.

Posteriormente a esse paradigma, vem outro: o bilinguismo, o qual traz um novo enfoque para a educação de surdos, não mais ações orais-auditivas, tampouco a mescla de oralidade e sinais. Esse novo protótipo concebe a pessoa surda como sujeito de fato, mostra a relevância de sua identidade, bem como de sua cultura e todos estes aspectos relacionados ao uso da Libras.

Sendo resguardado legalmente pela lei nº 10.436/2002 e o decreto nº 5.626/2005, além da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência Nº 13.146/2015, e seus desdobramentos, sobretudo a obrigatoriedade da Libras nos cursos de licenciatura. Esse momento potencializou a construção de uma nova representação em torno da surdez, se afastando da ótica clínica e se aproximando cada vez mais de um viés cultural, com discursos responsivos frente a um sistema ouvintista. Essas dinâmicas são produzidas pelas transformações dos olhares de muitos ouvintes sobre a pessoa com surdez, visto que com a oportunidade do contato com ela é possível desmistificar uma série de estigmas deixados pelas práticas do modelo oralista. Essa relação é fundamental pela possibilidade do surdo se enunciar enquanto sujeito de uma língua específica: a Libras, e que vive no mundo a partir de experiências visuais propiciadas a partir do uso dessa língua de modalidade viso-espacial.

Dessa forma, criam-se relações de alteridade envolvidas pela posição de centralidade que esse sujeito surdo assume, diferente do que ocorre normalmente nas demais esferas sociais, pois ele mostra aos alunos outra possibilidade de estar na sociedade, com processos culturais distintos, e isso favorece a compreensão e, assim, a Libras e a pessoa surda deixam de ser algo estranho para esses alunos.

Com essas relações de alteridade entre professor ouvinte e aluno surdo, há também processos comunicativos, sendo estes vinculados a representações sociais, e estas não mais à imagem de uma pessoa surda incapaz, com a ideia de uma ausência; pelo contrário, o aluno ouvinte percebe uma nova forma, concebendo a surdez como uma diferença linguístico-cultural.

Já no âmbito das representações sociais, em relação aos processos de construção de uma representação, ([JOVCHELOVITCH, 1995](#)) evoca:

Objetificar é também condensar significados diferentes – significados que frequentemente ameaçam, significados indizíveis, inescutáveis – em uma realidade familiar. Ao assim o fazer, sujeitos sociais ancoram o desconhecido em uma realidade conhecida e institucionalizada e, paradoxalmente, deslocam aquela geografia de significados já estabelecida, que as sociedades, na maior parte das vezes, lutam para manter [Jovchelovitch \(1995, p. 82\)](#)

Nesse sentido, esses dois processos consistem em um empreendimento do sujeito de tornar o estranho em algo familiar, por essa razão, a necessidade de ancorar determinado fenômeno em sua teia de significados com a finalidade de torná-lo peculiar.

No contexto desta pesquisa, a presença de um intérprete de Libras, ou de membros da corrente que se comuniquem em Libras. Ao relacionar isto com a discussão desta pesquisa, a presença do professor ouvinte que saiba Libras e, antes da tradução dos termos específicos do contexto religioso a partir da criação do vídeo-glossário, implica pensar na

possibilidade da desconstrução de uma imagem pejorativa a respeito do sujeito surdo e de sua Língua e, com o passar do tempo, deixará de causar impacto para tornar-se familiar, entrará no âmbito do conhecido pelos membros ouvintes do terreno.

Também contribui para a desestabilização de uma sociedade fundada em uma lógica segregadora, a qual postula um molde de normalidade, sendo marginalizados aqueles que não se encaixam nesse perfil. Portanto, o encontro e as relações de alteridade com o professor ouvinte e os alunos surdos descontrolam essa engrenagem excludente e produzem processos de objetivações e ancoragens, os quais apontam para uma nova concepção de surdez.

Além disso, essa representação é positiva, visto que dissemina mais a cultura surda, o que é de grande valia para a busca por uma educação bilíngue de fato. Ou seja, a importância do professor está percorrendo o cotidiano acadêmico, para que se instalem novos processos de representações, com diferentes ancoragens e objetivações no sentido não mais do desconhecido, mas do “outro” integral.

Sobre a cultura surda, ([DORZIAT, 2009](#)) aponta:

A cultura surda como diferença se constitui numa atividade criadora, composta por símbolos e práticas diferentes da cultura ouvinte. Por isso, romper com o velho paradigma representado pelos ouvintes para os Surdos, no qual o Surdo é percebido como pseudo-ouvinte, é admitir que a subjetividade surda se constrói dentro de uma cultura visual [Dorziat \(2009, p. 53\)](#)

Destaca-se a importância do compartilhamento dessas experiências visuais para a desconstrução de preconceitos, essa iniciativa vem ao encontro do esforço e da luta das comunidades surdas em todo país, para que seja substituída essa imagem vinculada ao discurso hegemônico, que coloca o surdo em uma posição de marginalidade.

Além disso, a oportunidade das narrativas surdas em circulação é indispensável para que haja uma sensibilidade nas pessoas, pois a própria história da educação de surdos, assim como as lembranças precisam ser explanadas para todos e todas terem a dimensão da causa.

Isto é, as vozes de pessoas surdas têm um importante papel na construção de um novo discurso, esse na perspectiva libertária, porque compreende a complexidade do sujeito, não pela ótica da deficiência, mas por um viés sócioantropológico, enxergando a pessoa surda enquanto um sujeito.

Sobre essa importância de conceber o sujeito surdo em sua complexidade, é interessante a possibilidade da palavra ser manifestada pelo próprio sujeito surdo, pois, isto rompe com a ideia de um “outro” excluído, visto que ele assume a posição do “eu”.

Sobre o “outro” excluído, ([SKLIAR et al., 2003](#)) argumenta: “o outro excluído

parece ser um sem rosto, sem subjetividade, sem identidade, sem corpo, a não ser, justamente, o rosto, a subjetividade, a identidade, o corpo do excluído” Skliar et al. (2003, p. 85). Nesse sentido, relaciona-se com a representação oficial da pessoa surda, legitimada por uma época e, ainda, deixa seus resquícios até hoje.

Esse excerto dialoga com a própria ideia amplamente divulgada durante a idade média, de que a pessoa surda não tinha linguagem, portanto, não tinha subjetividade, uma representação com um teor eugenista, no sentido de segregar a pessoa surda e deixá-la em uma posição marginal.

Embora haja avanços, o que se pode observar em diversas pesquisas e relatos é a violência simbólica, a qual muitos surdos são sujeitados nos diferentes contextos sociais, sobretudo pela falta de intérprete de Libras, assegurado pelas legislações supracitadas. Sem a compreensão acerca de sua condição linguístico-cultural diferenciada e mesmo das representações ultrapassadas, que ainda o enxergam como um ser inferior por não ouvir, ou seja, a sociedade permanece a fortalecer a exclusão e a violência.

A busca por tornar viável um terreiro de Umbanda bilíngue que favoreça o reconhecimento da pessoa surda como um sujeito de experiências visuais, as quais estão intimamente ligadas ao uso da Libras, implica pensar na legitimação desta língua como um processo cotidiano. É preciso considerar que, conforme os dados do Censo Demográfico de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e de acordo com que aponta a pesquisadora paraense (GONÇALVES, 2016), há

9.717.3180 de brasileiros surdos ou deficientes auditivos no Brasil, o que representa 5,1% da população brasileira. Desses, 2,1 milhões são pessoas com deficiência auditiva em situação severa e profunda. Deste total, 21.628 mil estão na região Norte. O Estado do Pará conta com 10.604 mil, 4.142 não são alfabetizados. Gonçalves (2016, p. 26-27)

Do ponto de vista dos dados estatísticos, a necessidade de reconhecimento da pessoa surda enquanto o exercício de uma cidadania plena, desde a garantia do processo de alfabetização na sua Língua materna até o direito de acesso e livre escolha da religião, reforça a carência de políticas públicas para garantia de direitos e inclusão também nos espaços tradicionalmente excluídos socialmente.

2.8 Cultura surda e construção da identidade

Para (THOMA et al., 2012), as discussões a respeito da identidade e da cultura surda, apresentam conceitos que perpassam o entendimento de cultura, pois esta determina o que pessoas ou grupos devem ser, considerando a cultura como um espaço no qual são construídas as relações entre sujeito e identidade, mais especificamente das relações construídas pelos sujeitos surdos.

Para compreender o processo de construção de identidade dos sujeitos é necessário perceber que este conceito tem passado por diferentes mudanças em sua definição, uma vez que os sujeitos podem passar ao longo de sua vida por múltiplas mudanças de identificação, já que estes podem assumir diferentes papéis, o que faz com que haja a construção de uma identidade própria para cada sujeito. (THOMA et al., 2012).

O processo de construção de identidades ocorre por meio da referência a um outro sujeito, observa-se aquilo que o outro não tem para constituir-se. Desse modo, a identidade possui uma relação direta com o princípio da alteridade, já que ao tomar esta como referência, tornamos aquilo que somos ou que fazemos como sendo norma, a partir do qual buscamos avaliar aquilo que não somos (THOMA et al., 2012). Em relação à surdez, por exemplo, há uma necessidade dos sujeitos ouvintes tomarem-na como deficiência, para que estes sejam identificados como norma. Assim, a construção da identidade ouvinte precisa da identidade surda para estabelecer-se como norma a ser seguida.

As identidades também são construídas por meio dos processos históricos, pois passamos por muitas mudanças e assumimos diferentes posições ao longo do tempo. Por isso, não há um tempo determinado para a constituição da identidade (BAUMAN, 2005). Nesse sentido, são diversas as condições para a constituição de cada sujeito, sejam elas sociais, econômicas, culturais, que interferem diretamente nesse processo. É na interação com o outro que os sujeitos se apropriam de maneiras específicas de relacionar-se com o mundo e com ele próprio.

No que diz respeito à identidade surda, (THOMA et al., 2012) destaca que é um processo descentrado e múltiplo, ou seja, não se pode definir os surdos como um grupo de sujeitos que compartilham as mesmas experiências de forma homogeneizada. Cada indivíduo constrói sua identidade e suas experiências culturais de maneira própria, particular, que possibilitam inventar a surdez como uma condição cultural diferente. Dessa forma, essas diferentes maneiras de ver e compreender o mundo se tornam elementos importantes na construção das identidades dos sujeitos surdos.

Uma das formas de constituição da identidade dos sujeitos surdos é a possibilidade de vivenciar uma experiência pautada em uma proposta bilíngue. Entretanto, é importante ressaltar que nem todos os surdos vivenciam da mesma forma sua posição identitária. Há surdos que preferem fazer uso do implante coclear, de aparelhos auditivos, entre outros recursos que possibilitem algum recurso auditivo. Esses sujeitos procuram assemelhar-se a outros grupos, no caso em questão, os ouvintes. Outros, porém, optam pela vivência de suas experiências a partir de uma perspectiva cultural, na qual a língua de sinais possui um papel fundamental na construção da identidade surda, bem como na utilização de recursos visuais que são elementos significativos no desenvolvimento dos sujeitos e em suas interações.

Com isso, a possibilidade de conversar com a sociedade, possibilita reinterpretar

nossas diferentes representações acerca do ser surdo, que ultrapassa a ideia de uma identidade homogeneizada, construídas por meio de traços comuns e únicos. Assim, pensar em identidade surda é pensar em uma identidade construída ao longo de um processo histórico, não hegemônico, incompleto e dinâmico, uma vez que está sempre em construção. Reconhecer essa diversidade das culturas das pessoas surdas, assim reconhecer as diversidades da Umbanda, fortalece ainda minha compreensão da necessidade de considerar na criação dos sinais do vídeo-glossário, que este precisa fazer sentido para a comunidade em questão. Assim, os pares para a criação são os falantes da língua, a partir de vozes que fazem esse cotidiano do terreiro. Mas, para melhor entendimento daquilo que chamo de vozes, é importante contextualizar a perspectiva teórica dessa compreensão.

2.9 A voz e a Performance

Escrever sobre as vozes daqueles que não escutam ou pouco escutam a voz sonorizada é um desafio que impõem dialogar com Paul Zumthor, primeiro porque o autor nos permite discutir a voz para além do som vocal e depois porque ele mesmo alude sobre a dificuldade de torná-la escrita.

Interessa iniciar tal debate justo por aquilo que o autor entende por essa matéria viva: a voz. “a voz é o lugar simbólico que não pode ser definido de outra forma que não por uma relação, uma distância, uma articulação entre o sujeito e o objeto, entre o objeto e o outro. A voz é, pois, inobjetivável” [Zumthor \(1997, p. 83\)](#). Nessa perspectiva, alertamos para uma voz além da vocalização, mas um “lugar simbólico” que se move a partir das relações. Uma voz portanto, para além da palavra, que se dá no entre, no espaço de distanciamentos, nas relações de alteridade entre os sujeitos, sujeito-objeto, objeto-sujeito. Se é assim que a voz se dá, é indispensável pensar como ela se atualiza a cada relação, a cada meio, nas diferentes performances. Sendo esse “lugar simbólico” ela é movimento que se faz de diferentes formas entre os sujeitos e é diferentemente compreendida entre eles. É portanto, movência.

Zumthor se refere a voz como poética, uma vez que ela

é uma subversão ou uma ruptura da clausura do corpo. Mas ela atravessa o limite do corpo sem rompê-lo; ela significa o lugar de um sujeito que não se reduz à localização pessoal. Nesse sentido, a voz desaloja o homem de seu corpo. Enquanto falo, minha voz me faz habitar a minha linguagem. Ao mesmo tempo me revela um limite e me libera dele. [Zumthor \(1997, p. 83-84\)](#)

Minha voz é o meu lugar. Entender a força dessas palavras, faz-me compreender a dor e o desejo de ser compreendido, faz-me compreender a mim na minha voz. Percebo, a cada passo desse estudo, que tornar a Umbanda inclusiva para pessoas com surdez é, na própria jornada de fazê-lo, encontrar a revelação dos meus limites e todo o repertório que

se abre e me liberta e libera a conhecer mais o universo sagrado. Não raro, isso poderá acontecer com meus pares da comunidade surda. A poética reside aqui nessa ruptura com aquilo que é dado. Subverter a ordem cotidiana “desenhar no ar” um fundamento de Orixá, permite, para além da palavra do Ponto Cantado, descobrir o limite que o corpo tinha do entendimento daquela Natureza e despertar a atenção para outro portal que se abre ali, a partir da interpretação do ponto em Língua de sinais:

Cada vez que me prontifico a interpretar (faz gesto de entre aspas para o interpretar), alguma coisa muito diferente acontece. Olha, primeiro que não sou uma profissional e não tenho domínio profundo da estrutura da língua, né? ... Mas... acontece alguma coisa comigo na hora (risos)... é, é, é como se eu visse em imagem aquilo que tento interpretar, sabe? Minha vidência se abre muito...muito... é até engraçado, porque é comum estar em casa, no trabalho... sei lá...eeeeeeee... assim, tô lá e vem um ponto na cabeça, né? Aí eu canto! Mas depois que comecei esse processo, às vezes eu vejo as imagens do ponto (risos), tá entendendo? Eu, eu, eu vejo a cena que eu alcancei na hora de interpretar no Congá. Aí eu também canto, né? E assim, assim... eu, eu... eu passei a sentir mais profundamente aquelas metáforas, aqueles “filmes” (faz gesto de entre aspas para “filmes”) que se apresentam pra mim. É parecido quando eu declamo um poema, sabe? Ooooooooo... quando conto história... as imagens dançam na minha cabeça... .. E eu, né, claro, me sinto agradecida que só, porque... olha... (pausa para uma respiração profunda) sinto emoção até de te contar... quando eu lembro... anos cantando o mesmo ponto e só agora no esforço e na conexão da tradução em Libras entender o que eu nunca entendi... ver o que eu nunca vi, sabe? Às vezes nem consigo interpretar de tanta emoção com aquilo que alcanço, interpreto e as lágrimas descem... Vejo os Guias chegarem... vejo os Mistérios que eu nunca vi... que eu nunca tinha percebido, né? Sabe? Entende? E eu sei que não consigo traduzir tudo... e nem consigo traduzir bem... .. Eu acho que são Eles mesmos que mostram pra ajudar a gente, né? Que quando eu começo, tô sempre gelada de medo de não conseguir, tremendo... você sabe, é difícil traduzir os Mistérios... tem palavras que eu nem conheço... também porque tem coisas que não tem nem sinal parecido... aí eu tento explicar, né? Mas quando eu vejo que eu tô, ali... que eu tô ali, eu e você e Eles... isso que me dá coragem de continuar, sabe? Porque eu sei que preciso passar pra você essa imagem que eu vejo e eu quero que você também veja. (membro da gira que auxilia nas traduções em Libras)

A voz da irmã de Santo revela a afirmativa de Zumthor da dimensão poética da voz, da ruptura e liberdade com e no corpo. O “lugar simbólico” que se dá na relação entre nós (eu e ela) e os Guias, sim, porque eu também alcanço simultaneamente, quando não antecipadamente, muitas das imagens que ela apresenta na interpretação. Isso remete à outra percepção de Zumthor: “a voz é uma forma arquetipal, ligada a nós pelo sentimento de sociabilidade. Ouvindo uma voz ou emitindo a nossa, sentimos, declaramos que não estamos mais sozinhos no mundo, aconteça o que acontecer, não estamos sozinhos” [Zumthor \(1997, p. 86\)](#). Assim, entre o que ela vê, a sua voz emitida e o que recebo, várias janelas se abrem, muitas vezes em movimento: a dos Guias, a dela, a minha, mostram-se em relação. Ao mesmo tempo, estar diante dela em sua tradução, embora a Libras não seja sua língua primeira e sim a nossa principal língua de interação, percebo que “essa voz dirigindo-se a

mim, exige de mim uma atenção que se torna meu lugar, pelo tempo dessa escuta”. Não teria palavras mais significativas para dizer se não “escutar um outro é ouvir, no silêncio de si mesmo, sua voz que vem de outra parte” Zumthor (1997, p. 84), sabendo, no entanto, que esse processo de alteridade se dá reciprocamente, como foi possível perceber em seu relato.

O fato é que, para além de mim, sujeito para o qual essa voz é emitida, há outros sujeitos afetados por essa voz pela qual a minha voz clama: os demais presentes no terreiro, no momento da gira.

Eu nem consegui prestar atenção no trabalho todo, fiquei encantada com a tradução em Libras, nunca tinha visto isso em nenhum terreiro que eu fui, olha... e eu fiquei impressionada porque não conheço nada de Libras, mas parece que eu entendia o que a moça dizia, aí eu olhava pra você, e via você conversar com sua filha fazendo os mesmos sinais, eu percebia que ela apontava o dedo prali... aí, aí... eu entendi que ela tava explicando. Eu senti uma paz porque via que você não estava de fora e que eu podia entender. (Pessoa da assistência)

Foi muito interessante! Eu tava na oportunidade sentada em cadeiras mais atrás, né? Nas primeiras eu observei que pelo menos 2 pessoas naquele dia tavam beneficiando diretamente daquela ação, né? E olhavam diretamente para a pessoa que... que... fazia a,, a... a... fazendo a tradução em Libras, é... .. Assim, pra mim toda a plástica, que envolve a Umbanda, pra mim é é bonita esteticamente, né? Desde as vestimentas, as danças, o que é dito, a musica, os sons é é o... o ecoar dos tambores, o conteúdo do que é dito, né? Faz todo o sentido. E nesse contexto, a presença de alguém de dentro... desse grupo, com as vestimentas... é... sendo iniciada, né? Conhecendo tudo aquilo que ali é é tava acontecendo e fazendo a tradução, ficou é é muito bonito esteticamente, plasticamente e e é emocionante! Muito emocionante! A delicadeza... dos todos, associados a expressão facial que batia obviamente com tudo que tava sendo dito, com tudo que tava sendo feito, com a energia do lugar, do momento, sabe? Égua! (pausa e respiração profunda) É... eu sei que num é um espetáculo, mas parece um show a parte, pra quem aprecia de diversas formas é, é muito bonito assim, eu sei que o objetivo primeiro não é simplesmente que seja bonito e que se constitua enquanto um show. Mas é lindo! (sorri) então também cai pra esse fim. Primeiro que fica é ver aquela pessoa... né? toda vestida, toda de branco e que a posição em que ela estava, naquele lugar é... falo do espacial mesmo, sabe? É como se ela ficasse no meio entre nós, da assistência e as pessoas que estavam aí na gira, os trabalhadores, né? ... sabe o intermediário? É aquele que traduz, né? É o interprete! É o que tenta auxiliar e, e, e e fazer esse link. Então ela se posicionada entre essas duas salas, que nesse local, nessa casa espacialmente não era tudo aberto, né? Era uma casa que pela geografia da casa, eles, aaa a gira ficava mais lá dentro e, e a assistência precisa ficar mais do lado de fora ee, aí ela ficava nesse meio assim, sabe? Nem participava efetivamente da gira, mas também não ficava sentada na assistência! Ficava ali, pra todo mundo que pudesse se beneficiar. Era muito interessante ver é... a atenção! Porque como eu tava sentada atrás das pessoas que tavam que tavam diretamente da tradução ... é... ficava com a cabeça toda virada pro tradutor ... e... e... a atenção deles estava voltada pro que tava acontecendo, mas fixados, olhando né pra pra pro tradutor. Eeee Chegou um certo momento que a minha atenção não tava somente pro que tava acontecendo, pro movimento da gira em si, mas eu tentava, ter um reconhecimento do que tava sendo ali traduzido, só

que pra mim era muito difícil, mas porque? Pq eu precisaria de duas traduções, primeiro porque muita coisa da Umbanda eu não reconheço, então. (Pessoa da assistência)

Eu vejo benzinho quando ela faz os sinais que eu já conheço, fico prestando atenção, às vezes quero fazer junto. É legal quando dá tempo da gente tipo ensaiar os pontos igual nós fizemos com aquele do Pai Jacó. Eu sinto uma conexão quando vejo a interpretação, parece uma dança sagrada e é bom ver que todos os nossos irmãos podem participar de verdade e entender cada palavra que é dita aqui. E a gente! A gente também se sente participando, se comunicando melhor com você. (Membro da Gira)

Inevitável perceber a questão da alteridade que a voz media. De algum modo a voz de quem traduz contém todas as vozes dos sujeitos envolvidos, movimenta as relações, os processos de inclusão no terreiro não são somente pelo fato da tradução ser um recurso de inclusão, mas porque

Desde que é vocalizado, todo objeto ganha para um sujeito, ao menos parcialmente, estatuto de símbolo. O ouvinte escuta, no silêncio de si mesmo, esta voz que vem de outra parte, ela deixa ressoar em ondas, recolhe suas modificações, toda “argumentação” suspensa. Esta atenção se torna, no tempo de uma escuta, seu lugar, fora da língua, fora do corpo. [Zumthor \(1997, p. 16\)](#)

Pela voz-corpo ser o que Zumthor chama de vontade de existência, presença, ação do aqui-agora, nem antes, tampouco o depois, conectam-se os sujeitos desse terreiro. Isso me faz perceber também que - não é demais lembrar -, o que acontece na relação das vozes-corpos que tecem esse trabalho, a saber: traduzir do escrito pelos autores de base e narrado pelos sujeitos para Libras e da Libras para o escrito. E não é demais lembrar não apenas porque é sobre a própria matéria da voz que estou falando, mas pelo posicionamento político que tomo para ratificar o escárnio que é a escritura aos modos acadêmicos para uma pessoa com surdez.

Historicamente a academia aprendeu aquilo que Zumthor chama de “sacralização da letra”, o texto, obrigando-me a expressar-me com o que não faz sentido para mim e para toda a comunidade surda (com quem o trabalho contribui de maneira mais imediata e urgente): a Língua Portuguesa, na modalidade escrita. Embora isso, é necessário atravessar esse processo de elaboração teórica e torná-lo escrito para que o objetivo da pesquisa se dê, na medida em que propor o recurso do vídeo-glossário em Libras para acessibilidade dos surdos aos sinais elaborados (faltando-lhes porém a garantia de acessibilidade ao debate teórico) é ainda uma possibilidade de sermos vistos e reconhecidos no meio acadêmico, criando possibilidades novas de reflexões para as políticas públicas de inclusão da pessoa surda no âmbito das religiões de matrizes africanas.

Sacralizamos a letra (o fora) dessacralizando a voz (orgânica, o dentro, o princípio, o sagrado), na Umbanda o sentido da voz tem também força imperativa na medida que ela se faz a partir da voz.

Embora, contrariamente a um preconceito difundido, conheçam há séculos o uso das escrituras, as culturas que elas elaboram no decorrer de sua história faziam da voz humana uma das molas do dinamismo universal e o lugar gerador dos sentidos cosmogônicos, mas também de todo prazer. ... do ponto de vista do uso, uma cultura surge como a faculdade, entre todos os membros do grupo, de produzir signos, de identificá-los e interpretá-los da mesma maneira; ela constitui, assim, o fator de unificação das atividades sociais e individuais, o lugar possível para que os interessados tomem as rédeas para seu destino coletivo. As culturas africanas, culturas do verbo, com tradições orais de riqueza incomparável, rejeitam tudo que quebra o ritmo da voz viva; em vastas regiões ... a única arte que se pratica é a poesia e o canto. O Verbo, força vital, vapor do corpo, liquidez carnal e espiritual, no qual toda a atividade repousa, se espalha no mundo ao qual dá vida. Na palavra tem origem o poder do chefe e da política, do camponês e da semente. ... a palavra proferida pela Voz cria tudo o que diz. Ela é justamente tudo aquilo que chamemos de poesia. Mas ela é também memória viva, tanto para o indivíduo (para quem a imposição do seu nome deu forma), quanto para o grupo, cuja linguagem constitui a energia ordenadora [Zumthor \(1997, p. 66\)](#)

É essa a razão pela qual opto pela sociolinguística para dialogar na criação de glossário que não me permite outra maneira se não partir do cotidiano do terreiro, do “lugar simbólico”, nas vozes de quem o vivencia, mediunizando, para citar ([FARO, 2018](#)) entre o cotidiano religioso e a criação dos termos-sinais.

O entendimento da voz como a potência primeira “implica tudo o que, em nós, se endereça ao outro: seja um gesto mudo, um olhar. ... gesto e olhar, com efeito, são igualmente concernentes. ... os movimentos do corpo são assim integrados a uma poética.” [Zumthor \(1997, p. 217\)](#); ponto de origem e criação, se soma a um outro importante conceito de Zumthor que se constitui para mim fundamental, o de performance:

A performance é a ação complexa pela qual uma mensagem poética é simultaneamente aqui e agora, transmitida e percebida. Locutor, destinatário, circunstância [...] se encontram concretamente confrontados, indiscutíveis. Na performance se redefinem os dois eixos da comunicação social: o que junta o locutor ao autor; e aquele em que se unem a situação e a tradição [Zumthor \(1997, p. 31\)](#)

Essa complexidade do confronto entre aquilo que é transmitido, percebido e determinado, contexto a partir do locutor e destinatário, a performance talvez explique como a interpretação, por exemplo, de um ponto fora do ritual não é a mesma. Embora sejam os mesmos locutor e destinatário, o contexto é outro: não é a mesma vestimenta, o mesmo espaço físico, não há o toque de tambor ao vivo e as múltiplas vozes que falam, cochicham no entorno; não há elementos rituais, Guias em Guma, movimentação da camponagem, assentamentos, filhos de santo, assistência.... “Além de um saber-fazer e de um

saber-dizer, a performance manifesta um saber-se no tempo e no espaço”, um saber que torna a tradução de Libras e a comunicação do surdo no terreiro ancorada neste lugar de tradição religiosa, uma vez que “o que quer que, por meios linguísticos, o texto dito ou cantado evoque, a performance lhe impõe um referente global que é da ordem do corpo. É pelo corpo que nós somos tempo e lugar” [Zumthor \(1997, p. 166\)](#). Incontestável para nós, pessoas surdas, que temos conscientemente o corpo como nosso tempo e lugar de comunicação, de presença no mundo.

A partir dessa percepção da voz-corpo em performance é possível iniciar o diálogo com a perspectiva da socioterminologia e assim apresentar o desenho do caminho complexo de criação do vídeo-glossário. Julgo complexo pelo esforço que me impõe mediunizar entre campos de conhecimentos tão diferentes e pouco estudados conjuntamente, cujas fronteiras são menos afeitas à lógica cartesiana.

2.10 Socioterminologia

É importante destacar que a criação e/ou o registro dos sinais-termo da Umbanda em um vídeo-glossário especializado, embasa-se também nos estudos da Terminologia e da Socioterminologia por ser multidisciplinar. De acordo com ([KRIEGER; FINATTO, 2004](#)), a terminologia de uma área é a representação do conhecimento especializado, nesse sentido as autoras afirmam que os termos compreendem duas dimensões, a cognitiva, quando expressam conhecimentos especializados, e a dimensão linguística, pois conformam o componente lexical especializado ou temático das línguas [Krieger e Finatto \(2004, p. 16\)](#).

As bases da Terminologia foram estabelecidas pelo engenheiro austríaco Eugen Wüster a partir de 1931, na Universidade de Viena. A Terminologia tem como seu objeto de estudo, o termo. Nesse sentido, o termo tem duas faces, denominação e conceito. Diferente da lexicologia que estuda a palavra, ou seja, o léxico comum da língua, a Terminologia estuda o termo, unidade especializada da língua. A seguir, o quadro 1 representa esta diferença:

O vídeo-glossário da Umbanda em Libras será realizado a partir do recorte das narrativas realizadas pelos participantes do terreiro situado no bairro da Cidade Nova 8, no município de Ananindeua, adentrando, portanto, nas bases dos estudos da Socioterminologia. Conforme afirma ([FAULSTICH, 1995](#)), a Socioterminologia “estuda o termo sob a perspectiva linguística na interação social” ([FAULSTICH, 1995](#)). Para que uma pesquisa socioterminológica se desenvolva, de acordo com Faulstich (*ibidem*), é importante levar em consideração princípios fundamentais, como: 1) os princípios da sociolinguística, como os critérios de variação linguística dos termos no meio social e a perspectiva de mudança; e, 2) os princípios da etnografia, que levam em conta as comunicações entre membros da sociedade aptos a gerar conceitos interacionais de um mesmo termo ou de gerar termos

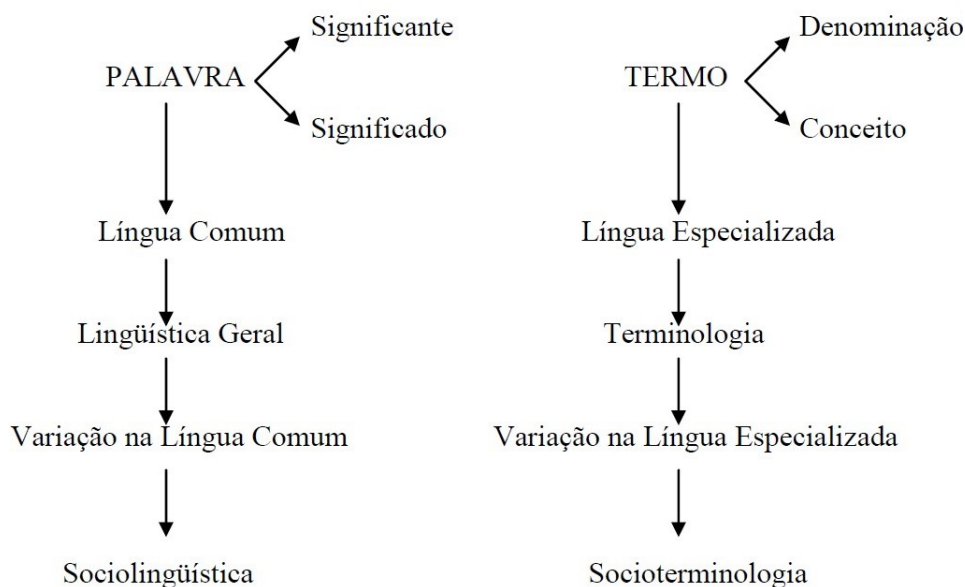


Figura 11 – A palavra e o termo . Fonte: (LIMA, 2010)

diferentes para um mesmo conceito. (FAULSTICH, 1995).

Além desses aspectos,(FAULSTICH, 1995) destaca que o especialista em terminologia deve seguir alguns passos, a fim de que o seu trabalho socioterminológico seja validado; destacamos alguns deles:

1. Identificar o usuário da terminologia a ser descrita: é importante conhecer o perfil do usuário do glossário a ser elaborado, para que ele seja um instrumento de consulta útil e fonte de informação da área que deseja descrever.
2. Adotar atitude descritiva: o termo é descrito com as características linguísticas próprias do texto. Essa descrição realizou-se a partir da observação direta dos usos da terminologia do discurso escrito e oral.
3. Consultar especialistas da área: o trabalho deve ser realizado em parceria com especialista(s) da área específica, assim os dados terminológicos, isto é, as informações linguísticas, conceituais etc., serão elaboradas com mais exatidão.
4. Delimitar o corpus: dependendo do tipo de repertório terminológico, o pesquisador deve mensurar o corpus, juntamente com o especialista da área; delimitar a macroárea, as áreas intermediárias e a subárea de conhecimento nas quais se circunscrevem a terminologia. Assim, ele poderá com mais segurança recortar o universo terminológico que lhe interessa.
5. Selecionar documentação bibliográfica pertinente:

o pesquisador considerará aspectos fundamentais para o trabalho a ser desenvolvido, tais como o discurso (a linguagem em uso) científico ou técnico, escrito com fonte referenciada para fins de recolha

de termo e de contexto, pelo menos; o discurso científico ou técnico oral gravado, com os registros pessoais dos informantes, que também permita a recolha de termo e de contexto; audiovisuais, publicações seriadas, impressos científicos ou técnicos que ofereçam as mesmas condições etc. Ao lado da bibliografia útil para o trabalho descritivo, deve ser utilizada, também, a literatura teórica que dará suporte de conteúdo ao pesquisador.

6. Precisar as condições de produção e de recepção do texto científico e técnico:

Antes da seleção da bibliografia, o pesquisador deve elaborar critérios que venham a facilitar a descrição da terminologia: quem escreve; para quem escreve; com que finalidade; em que situação de fala e de escrita o texto foi produzido; quais as condicionantes das variações linguísticas dos termos, ou das mudanças, se for o caso.

Assim, nessa pesquisa, a metodologia socioterminológica sugerida por (FAULSTICH, 1995) foi aplicada para o desenvolvimento do repertório vídeo-glossário da Umbanda em Libras.

2.10.1 Registro dos sinais-termo em fichas terminológicas adaptadas

O registro dos termos-sinais eleitos⁸ para esse trabalho, será realizado, além do vídeo-glossário em Libras, em fichas terminológicas que foram adaptadas conforme as significações dos termos na religiosidade da Umbanda. As fichas terminológicas são, conforme (BARROS, 2004), ferramentas de registro de dados das unidades linguísticas. Além de registrar as unidades terminológicas, as informações que devem conter nessas fichas são: “um exemplo de seu uso na língua, uma definição ou uma ilustração do objeto designado” Barros (2004, p. 211).

De acordo com Barros (ibid.), o modelo das fichas terminológicas variam conforme a natureza do projeto. Citando (BOUTING-QUESNEL, apud BARROS, 2004) (BARROS, 2004) diz que

Cada equipe determina o tipo das unidades linguísticas e dos dados a serem recolhidos e, a partir daí, elabora um modelo de ficha contendo campos, isto é, áreas predeterminadas reservadas ao registro de um tipo específico de dado [...] A quantidade e a função deste varia de acordo com as necessidades de registro das informações, que, por sua vez, também variam segundo a natureza da unidade linguística estudada e as características particulares da pesquisa em questão. Barros (2004, p. 211)

Considerando essa variabilidade própria do objeto de pesquisa, as fichas terminológicas que apresento são bilíngues e registram os termos em português e os sinais-termos

⁸ Não bastasse a complexidade do campo em questão, preciso apontar que, conforme apresentarei na metodologia, o caminho escolhido após a qualificação nas condições pandêmicas atuais não foi possível ser seguido, por esse motivo, os termos-sinais que apresento aqui são aqueles que se apresentaram no cotidiano alterado da tenda de Umbanda, portanto não propriamente eleitos deliberadamente.

em Libras, portanto, seguirei as regras de composição das fichas terminológicas conforme a literatura e os estudos terminológicos orientam, mas descartaremos alguns campos desnecessários, pois o glossário de Libras da Umbanda será um glossário enciclopédico.

Esse tipo de glossário se aplica ao contexto enciclopédico, pois ele “veicula dados de natureza extralingüística, referencial, histórica sobre o termo, sem, no entanto, defini-lo” Barros (2004, p. 111). Nesse caso, além dessas características, importa considerar a natureza religiosa-mítica dos termos.

Algumas dessas informações extralingüísticas não se encontram registradas, pois no contexto da Umbanda não existem tantos registros disponíveis que possamos utilizar como referências. Comparada à Língua Portuguesa são raríssimos os dicionários ou quaisquer outros registros escritos sobre os termos usados nos rituais e, em Libras, durante o percurso da pesquisa não encontrei registros na Região Metropolitana de Belém. Assim, as definições serão compreendidas nesse contexto a partir daquilo que considero conectar os percursos deste trabalho e de minha própria vida, à voz-corpo. Integro, então, as narrativas orais dos membros dessa comunidade religiosa, e dos pontos cantados como as principais referências para usar como definições aos termos.

Para visualizar o formato, apresentamos a seguir, um modelo de ficha terminológica bilíngue aplicada aos objetivos dessa pesquisa:

1- Ficha Terminológica – Glossário Umbanda		2- Número da Ficha:	
3- Termo:			
4- Classe gramatical:			
5- Narrativa em português:			
6- Fonte de constituição da narrativa:			
7- Imagem/figura/ilustração:		8- Fonte da imagem/figura/ilustração:	
9- Sinal do termo:			
10- Vídeo do sinal em youtube:		11- qr code:	
12- Quantidade de mãos:			
13- Parâmetro do sinal:			
a- Configuração de mão			
b- Tipo de ação da mão (direta):			
c- Tipo de ação da mão (esquerda):			
d- Orientação da palma (direita):			
e- Orientação da palma (esquerda):			
f- Ponto de articulação ou localização:			
g- Movimento:			
h- Expressão facial:			
i- Expressão Corporal:			
14- Autor:			
15- Data:			

Figura 12 – Modelo de ficha terminológica bilíngue. Elaboração própria

O modelo de ficha terminológica bilíngue que utilizamos contém: 1- unidade terminológica em português; 2- número da ficha; 3- termo; 4- classe gramatical do termo; 5- narrativa em português; 6- fonte de constituição da narrativa; 7- imagem/figura/ilustração; 8- fonte da imagem/figura/ilustração; 9- sinal do termo; 10- vídeo do sinal em youtube;

11- qr-code; 12- quantidade de mãos; 13- parâmetros do sinal: a-configuração de mão, b- tipo de ação de mão (direita), c- tipo de ação de mão (esquerda), d- orientação da palma (direita), e- orientação de palma (esquerda), f- ponto de articulação ou localização, g- movimento, h- expressão facial, i- expressão corporal; 14- autor e 15- data.

Embora considere mais importante a criação e registro desses sinais para proporcionar maiores possibilidades de inclusão dos sujeitos surdos e ampliar as interações entre surdos e ouvintes nesse ambiente religioso e, por esse motivo não me dedique nesse momento à discorrer apronfundadamente sobre os aspectos linguísticos em questão, o registro dos parâmetros fonológicos dos sinais em Libras é importante nesse processo para que a morfologia do sinal não sofra modificações.

2.10.2 As definições e as representações

Um ponto crucial que se destaca no glossário enciclopédico da Umbanda em Libras é a substituição da “definição do termo” pela “narrativa do termo”. Para além da análise linguística, os elementos linguísticos presentes nesse conjunto de termos que formam o glossário da Umbanda em Libras estão intimamente relacionados com uma abordagem da relação entre religião e linguagem.

Na verdade, nenhum signo linguístico expressa completamente os significados do sentido o qual gostaríamos de expressar nesse contexto. De acordo com (CASSIRER, 1992)

...

os sons da linguagem se esforçam para "expressar" o acontecer subjetivo e objetivo, o mundo "interno" e "externo"; mas o que retêm não são a vida e a plenitude individual da própria existência, mas apenas uma abreviatura morta. Toda essa "denotação" que pretende dar às palavras faladas, não vai, na verdade, além da simples "alusão", alusão que deve parecer mesquinha e vazia diante da concreta multiplicidade e totalidade da percepção real Cassirer (1992, p. 21).

Nesse sentido, quando o autor se refere aos “sons”, podemos entender e aplicar a signos linguísticos tanto nas palavras em português (oralizadas e/ou escritas), quanto nas palavras em Libras (sinalizadas e/ou escritas). As imagens/figuras/ilustrações selecionadas para representar os termos da Umbanda, também não demonstram a totalidade da percepção dos sujeitos envolvidos, no entanto, mostram-nos uma ideia superficial do que realmente são.

O processo de reificação, ou seja, de tornar concreto um pensamento, por meio da linguagem, seja ele coletivo ou individual, é da natureza do ser humano. No contexto religioso, essa tentativa não alcança nem de perto a potência do axé vivido no terreiro. A

capacidade de expressar a religiosidade por meio de uma linguagem opera com essa dificuldade. Conforme (NUNES, 2018), essa dificuldade se dá por conta da própria natureza do sagrado que possui características relacionadas com o indizível e o incognoscível.

Portanto, quando definimos que no glossário haveria a “narrativa do termo” ao invés da “definição do termo” no português, levamos em consideração a dimensão fluida da voz, que mobiliza e conecta com o sagrado e a noção da relação entre a religião e a linguagem. Pois, de acordo com o que (NUNES, 2018) afirma com base em (MATOS, 2009) “as formulações conceituais não conseguem expressar plenamente a totalidade da experiência do numinoso” (NUNES, 2018).

A formação dos conceitos linguísticos se relacionam com os conceitos religiosos. A partir da convenção de signos linguísticos estabelecidos por uma comunidade linguística religiosa, cria-se um vocabulário de léxicos que serão utilizados em meio a essa comunidade. Esses signos, nada mais são do que meras representações do que de fato os conceitos religiosos representam subjetivamente.

Desse modo, podemos dizer que existe um paralelo ao conceito de representações sociais definidas por (MOSCOVICI, 2003). Para o autor, a representação social tem relação de como os sujeitos avaliam um objeto e constroem nele um significado, a partir de então, esse significado passa a ser reproduzido e compartilhado naquele grupo social, ele se torna uma representação coletiva.

Em vista disso, as definições dos termos da Umbanda, serão descritos a partir do significado fornecido por meio das narrativas orais de integrantes ou Pontos Cantados da própria comunidade religiosa, uma vez que, partindo dessas referências teremos a voz de quem vive o cotidiano e as vozes ritualísticas: aquelas que quando proferidas, cantadas, conectam os filhos de Santo ao próprio Santo. É por meio do ponto cantado que um cavalo, isto é, um médium de incorporação, entra em sintonia com o Guia e se entrega ao portal de vibração sagrada para o qual empresta o corpo. (FARO, 2018) toca essa percepção explicitando da seguinte maneira: “o intangível tempo ritual do corpo ‘mediuniza’ a comunicação entre as Realidades: o Reino de Aruanda e a Terra. E o principal motivador desse processo de mediunização é o mito cantado (ELIADE, 1991) ou Ponto Cantado. Ao ser entoada a palavra, o som do princípio se faz presente” Faro (2018, p. 84).

Para conectar ainda mais o Ponto como narrativa oral, acrescenta “o tempo em que o mito é cantado, narrado ou recitado, em um lapso temporal que é sagrado, pois que é nesse tempo quando os entes Sobrenaturais – o próprio sagrado – são convocados à presença pela palavra. Na Umbanda, no momento ritual, Iemanjá é evocada pela narrativa do Ponto cantado” Faro (2018, p. 83). Desse modo, o que proponho na composição do glossário terá a credibilidade necessária nessa e em outras comunidades, embora necessariamente o produto final não atenda completamente as necessidades de todas as casas de Umbanda existentes.

Isso pode associar-se com as principais dimensões do contexto social, conforme (MOSCOVICI, 2003) salienta. São elas: A informação, que é a organização dos conhecimentos que um grupo possui sobre um objeto/conceito; o campo das representações, que constitui a imagem que esse grupo constrói do objeto/conceito; e, por fim, a atitude, a orientação global favorável ou desfavorável, sua posição diante do objeto de representação.

É por meio da criação de sinais correspondentes aos termos da Umbanda que se busca organizar a interação e comunicação entre os sujeitos surdos e ouvintes, nesse contexto religioso. É por meio da comunicação que os sujeitos surdos poderão construir as suas próprias representações e plasmações em meio ao espiritual.



Figura 13 – Celebração à Ibejada (Erês).Fonte: Acervo da TUTJOB

3 Metodologia

Este capítulo destina-se à metodologia da pesquisa e disserto sobre a abordagem adotada no presente trabalho, o tipo de estudo, a técnica de produção de dados, o lócus de pesquisa e os sujeitos participantes da pesquisa. Produzir conhecimento demanda o atendimento de pré-requisitos que validam a produção científica. Aqui assumimos a pesquisa qualitativa que possibilita a leitura da realidade. Essa abordagem:

...

parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos atribuindo-lhes um significado (CHIZZOTTI, 2018).

Considerando a necessidade de uma análise que considere sujeito e objeto em suas subjetividades, vinculados e participantes da mesma realidade, a abordagem qualitativa responde aos nossos interesses. Porém é necessário considerar, ainda nessa pesquisa, como importante referência metodológica a Etnometodologia, uma vez que esta nos possibilitará analisar o fenômeno religioso como uma construção cultural em que os saberes práticos são produzidos por determinado grupo social e como os sujeitos envolvidos que criam tais estratégias de construção do cotidiano se percebem nelas. Assim, (COULON, 1995) nos afirma, a partir das ideias de Garfinkel¹ e Sack² que:

A realidade social é constantemente criada pelos atores, não é um dado preexistente. Por esse motivo, por exemplo, a etnometodologia dá tanta atenção ao modo como os membros tomam decisões. Em vez de fazer hipótese, que os atores seguem regras, o interesse da etnometodologia é por em evidência os métodos pelos quais os atores "atualizam" essas regras. E o que as faz observáveis e descritíveis. As atividades práticas dos membros, em suas atividades concretas, revelam as regras e os modos de proceder. Noutras palavras, a observação atenciosa e a análise dos processos aplicados nas ações permitiriam pôr em evidência os modos de proceder pelos quais os atores interpretam constantemente a realidade social, inventam a vida em uma permanente bricolagem. Será, portanto,

¹ Harold Garfinkel foi um sociólogo americano, etnometodólogo e professor emérito da Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Ele é conhecido por estabelecer e desenvolver a etnometodologia como um campo de investigação em sociologia. Fonte: Wikipedia. Acessado em 28/10/2021.

² Harvey Sacks foi um sociólogo estadunidense. Influenciado pela etnometodologia, é considerado um dos fundadores da análise da conversação, tendo sido um dos desenvolvedores de conceitos como tomada de turno, pares adjacentes, abertura e fechamento conversacional, preferência de seleção de falante e pré-sequência. Fonte: Wikipedia. Acessado em 28/10/2021.

de importância capital observar como os atores de senso comum produzem e tratam a informação nos seus contatos e como utilizam a linguagem como um recurso. Em suma, como fabricam um mundo "racional" a fim de nele poderem viver. [Coulon \(1995, p. 31-32\)](#)

Nesse caso, a pessoa surda e as pessoas ouvintes dessa comunidade religiosa, a Umbanda, criam incessantes possibilidades de comunicação entre si e o sagrado. Porém, a participação nessa construção, considera não apenas as pessoas humanas, mas os próprios Guias apresentam à comunidade a forma como desejam ser sentidos e expresso o seu Fundamento³ para a pessoa surda e o fazem do modo próprio como o saber é elaborado na casa: por meio da conexão com o sagrado. A comunicação no terreiro, dos Guias entre si e em relação aos membros da corrente e assistência (os consulentes que assistem ao culto), é eminentemente por metáforas ancoradas a seu Axé. A exemplo, quando um consulente recorre a um Marinheiro, Guia da Encantaria da Linha de Iemanjá, a Orixá que rege o mar, recebe respostas a partir de imagens de maresia, vento, lemes, embarcações, águas salgadas e demais metáforas que se aproximam da energia própria desse Reino Sagrado. Os pontos cantados também refletem a qualidade desse axé e, em especial desses Guias:

Seu Ricardinho/ Segura o leme devagar/ Pra não deixar barca fundar.
(Ponto Cantado do Marinheiro Ricardinho)

Nas agonias/ Que o mar embala/ O eu navio a viajar/ Vai viajando
de sul a norte/ Cruzando a sorte que o mar embala/ Ele baía na terra,
vindre/ Ele baía no mar, vindre/ Só marinheiro como ele, o mar embala/
Olha a coragem meus marinheiros/ Coragem pra navegar/ Seu nome é
Júlio Galeno, seu palácio é de cristal. (Ponto Cantado do Marinheiro
Júlio Galeno)

Diante disso, alteram-se os processos de sinalização tradicional do ponto de vista dos estudos linguísticos, uma vez que considerar esses saberes apresentados pelo e no sagrado à comunidade contextualizada histórica e socialmente, e elucidar o modo dessa comunidade entendê-los e dar-lhes sentido, passa a ser relevante. Nesse cenário, interessa investigar como o cotidiano se faz a partir das dificuldades e desafios da relação com a pessoa surda, das relações que se dão a partir das concepções e valores do grupo, "concedendo às atividades corriqueiras da vida cotidiana a mesma atenção que habitualmente se presta aos acontecimentos extraordinários, tentaremos compreendê-los como fenômenos de direito pleno" ([GARFINKEL](#), apud [COULON, 1995](#))

Sendo assim, embora o processo de sinalização ou criação de um glossário necessite da participação de surdos e demais usuários da língua e considere regras linguísticas, há no contexto dessa comunidade, algo que determina o modo de comunicação do e com o surdo e, portanto, de criação de sinais.

³ Segundo o Dicionário de Umbanda de Ademir Barbosa Júnior, Fundamento é a força mágico-espiritual-ritualística e o próprio conhecimento a respeito da mesma, os quais fundamentam a tradição, a prática, a liturgia, e outros tantos elementos das religiões de matriz africana. [Barbosa \(2015, p. 101\)](#)

No cotidiano religioso a conexão com o sagrado e tudo o que é produzido nessa e por essa conexão, ordena e define, ainda que temporariamente, os modos de ser e estar no grupo, de modo que a “autoridade linguística” não é maior que a autoridade do Guias, nem da conexão dos sujeitos com eles. “A vida social se constitui através da linguagem: não a dos gramáticos e dos linguistas, mas a da vida de todos os dias”. [Coulon \(1995, p. 32\)](#)

O percurso metodológico nesta pesquisa considerará portanto, com igual importância, o contexto cotidiano da Tenda em questão na criação de sinais, e no levantamento de sinais já criados em todo o Brasil, a partir das referências dos trabalhos acadêmicos já produzidos, grupos nacionais de aplicativo de mensagem África nas Mãos (nacional) e Grupo de Pesquisa – Construindo o saber Èdé Lamí - (GPEL/UESB) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, que estudam, debatem e divulgam temas relacionados a Libras nas religiões Afro-brasileiras destinadas ao estudo da Libras, porém com ênfase no Candomblé. E, a partir dessas e outros, fui ampliando contatos e identificando, na medida do possível, pessoas surdas e intérpretes de Libras umbandistas em diversas religiões do Brasil, dentre esses, aqueles que aceitaram passar a compor um grupo de aplicativo de mensagem denominado “umbanda Libras”, para trocas de experiências, compartilhamento de informações, sinais existentes, e criação coletivas de novos sinais no contexto da religião. Assim como a validação e registro de tais sinais pela comunidade usuária da Libras, em um diálogo de respeito e alteridade entre as comunidades como afirma o autor:

Não existe um lugar a partir do qual o mundo seria produzido; ele se autoproduz. O código não é uma coisa exterior à situação. É algo de prático, com enunciados indiciais. A interação "diz" o código. Não se pode separar o código daquilo que está codificado, isto é, o interdito constantemente ativado nas ações, no momento em que surge o perigo de transgressão do interdito. [...] O código é geralmente tácito, mas ao mesmo tempo estrutura a situação, pode aflorar à linguagem. [Coulon \(1995, p. 40-41\)](#).

As palavras de Coulon também nos conduzem à reflexão a respeito da intensificação dos interditos próprios da Umbanda. Há no ambiente o que não se pode dizer, um modo próprio de mostrar, de relacionar-se, orientados pelos seus Fundamentos. Como “novato” na gira, e com a compreensão reduzida dos processos em decorrência das barreiras linguísticas, ao mesmo tempo que me permito acessar, sobressalto-me, admiro-me, surpreendo-me. A pesquisa, portanto, é um modo de aprender a ser sendo membro e, ao mesmo tempo, pesquisador. Isso anuncia-me desde já que nem tudo que esperava será possível ser sinalizado agora, há de se esperar um tempo de experiência que me permita compreender tais aspectos do rito para dar-lhe sentido.

[\(COULON, 1995\)](#) aponta para isso quando explica sobre quanto a descrição dos processos “em se realizando fabrica o mundo, o constrói. Tornar o mundo visível significa

tornar a minha ação compreensível, descrevendo-a, pois eu mostro o seu sentido pela revelação a outrem dos processos pelos quais eu a relato". [Coulon \(1995, p. 46\)](#).

A técnica de produção de dados a ser utilizada será o questionário e a entrevista. No caso do questionário, este será utilizado a partir de perguntas fechadas e abertas. Segundo ([MARCONI; LAKATOS, 2003](#)), a técnica do questionário pode ser entendida como “um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”. As vantagens do uso dessa técnica são as seguintes:

...

atinge grande número de pessoas simultaneamente; abrange uma extensa área geográfica; economiza tempo e dinheiro; não exige o treinamento de aplicadores; garante o anonimato dos entrevistados, com isso maior liberdade e segurança nas respostas; permite que as pessoas o respondam no momento em que entenderem mais convenientes; não expõe o entrevistado à influência do pesquisador; obtém respostas mais rápidas e mais precisas; possibilita mais uniformidade na avaliação, em virtude da natureza impessoal do instrumento; obtém respostas que materialmente seriam inacessíveis [Marconi e Lakatos \(2003, p. 201\)](#).

Além dessas vantagens, é relevante enunciar que, do ponto de vista da acessibilidade para o pesquisador, o questionário respondido por escrito pelos sujeitos contribui para reduzir o tempo utilizado para tradução do oral para a Libras, em situações de informações mais objetivas. Nas condições da Pandemia de COVID-19, o formato on-line permitira-me acessar um número significativo de pessoas dispostas a responder.

No que se refere à entrevista⁴ esta busca obter informações por meio da fala dos atores sociais. Por meio dela podemos colher dados objetivos e subjetivos. É mais útil para trabalhar assuntos complexos e abre maiores possibilidades de aprofundamento. A entrevista pode ser compreendida como uma forma de interação social, onde busca coletar dados e se apresenta como fonte de informação. Dentre as vantagens dessa técnica podemos destacar que:

...

não exige que a pessoa entrevistada saiba ler e escrever; oferece flexibilidade, pois o entrevistador pode esclarecer o significado das perguntas e adaptar-se mais facilmente às pessoas e às circunstâncias em que se desenvolve a entrevista; possibilita captar a expressão corporal do entrevistado, bem como a tonalidade de voz e ênfase nas respostas; há possibilidades de conseguir informações mais precisas, podendo ser comprovadas, de imediato, as discordâncias; possibilita a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social, como também a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano;

⁴ A aplicação dessa técnica será acompanhada de um intérprete de Libras.

os dados obtidos são suscetíveis de classificação e de quantificação (GIL et al., 2002).

A técnica escolhida possibilita, portanto, a coleta de dados referentes diversos, que tratem de vários aspectos da vida social, do modo como organizam-se, comunicam-se e convivem no espaço religioso, assim como traduzem isso em suas narrativas.

As rodas de conversa possibilitarão a escuta atenta, aos modos de como o grupo se organiza e se expressa juntos, e proporrão a possibilidade de temas específicos para que as trocas se deem.

Com esses procedimentos, é possível reunir informações e opiniões sobre um tópico em particular, com certo detalhamento e profundidade, não havendo necessidade de preparação prévia dos participantes quanto ao assunto, pois o que se quer é levantar aspectos da questão em pauta considerados relevantes, social ou individualmente, ou fazer emergir questões inéditas sobre o tópico particular, em função das trocas efetuadas. Gatti (2005, p. 13)

3.1 Lócus de Estudo

O lócus da pesquisa será uma tenda de Umbanda da região metropolitana de Belém, mais especificamente no município de Ananindeua, bairro Cidade Nova 8. A tenda nasceu há aproximadamente 4 anos em Icoaraci, mudando para o atual endereço em 2019.

3.2 Participantes da Pesquisa

3.2.1 Critérios de Inclusão

Para participação na Pesquisa os sujeitos deverão ser:

a) Membros de diferentes idades, desde de que maior idade, da corrente da Tenda de Umbanda investigada e que manifestarem interesse em participar da pesquisa voluntariamente, sejam eles ouvintes ou surdos, para tomada de dados da pesquisa.

b) Membros dos grupos nacional de aplicativo de mensagens, África nas Mãos, para diálogo, troca de palavras de sinais de Umbanda, e possíveis articulações pessoais para a coleta de dados.

c) Membros dos grupos de pesquisa: Grupo de Estudos e Pesquisa em Língua de sinais e Educação de Surdos (GEPLISES/UFPA), da Universidade Federal do Pará, para processos de tradução das narrativas coletadas.

d) Surdos e intérpretes usuários de Libras que participam ou frequentam terreiros de Umbanda em Belém, para compor o grupo de validação dos sinais criados e coletados, considerando as especificidades amazônicas e as do lócus da pesquisa.

Tais sujeitos que manifestarem interesse em participar voluntariamente da pesquisa deverão assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) apêndice A.

3.2.2 Critérios de Exclusão

Serão excluídos da participação na presente pesquisa, todos os sujeitos que não atenderem aos critérios de inclusão, como por exemplo as crianças participantes do terreiro, bem como aqueles membros que não desejarem participar do processo de livre e espontânea vontade.

3.2.3 Coleta de Dados

Os dados desta pesquisa foram coletados a partir da sistematização dos levantamentos de termos já traduzidos para a Libras em diversos estudos realizados ou pelo levantamento junto à comunidade surda e/ou usuária da Libras de termos já criados e usados em diferentes terreiros, como nos Grupos Nacionais África nas Mãos e Grupo de Pesquisa – Construindo o saber: Êdé Lamí-(GPEL/UESB), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, que reúne integrantes surdos e ouvintes participantes e pesquisadores de religiões de matriz africana em todo o território nacional. E o grupo de aplicativo de mensagens Umbanda Libras, onde encontrei possibilidades de debate específico e especializado na Umbanda com usuários da Libras. As conversas nesse grupo são em grande volume em vídeos em Libras, o que contribui muito para o processo.

A criação de sinais em Libras dos termos deu-se também no cotidiano do terreiro de Umbanda pesquisado, em contextos de rodas de conversa, estudos em grupo, ou em momentos rituais por meio de processos de conexão dos membros da corrente com os Mistérios espirituais contidos em tais termos. Como “estratégias” para percepção de tais traduções, poderão ser usados: o uso do Cachimbo, como ferramenta reveladora de ensinamentos religiosos, mediunidades de clarividência e clariaudiência.

A observação no Congá, durante ritual, também terá fundamental importância, por ela contribuir para a percepção de características específicas referentes aos termos. Por exemplo, no caso da sinalização do nome de um Guia, seus gestos arquetípicos demonstrados no modo de dançar ou falar, o modo como segura ou movimenta seus objetos rituais serão informações fundamentais para a tradução. Lancei mão ainda de questionário para o conhecimento de informações pessoais dos sujeitos participantes.

Nessa perspectiva, [Pavel e Nolet \(2002, p. 14\)](#) afirma que:

O trabalho de terminologia exige uma série de procedimentos, tais como: identificar os termos que designam os conceitos próprios de uma área, atestar o emprego por meio de referências precisas, descrevê-los com concisão, discernindo o uso correto do uso incorreto, e de recomendar ou

desaconselhar certos usos, a fim de facilitar uma comunicação isenta de ambigüidades [*sic*]. Pavel e Nolet (2002, p. 14)

Por esse motivo a coleta de dados no terreiro deu-se, em parte, semanalmente, durante as Giras, sendo elas em um número de cinco ou seis giras por mês, em um período de aproximadamente 8 horas ininterruptas de trabalho. Considerando aqui o tempo, preparo e organização do Congá antes e depois dos cultos. Nesse período, experimentar os sinais criados ou catalogados, no contexto do terreiro proporcionou a experimentação do uso no processo de tradução do ritual.

Esse processo foi, porém, quase totalmente interrompido em quase todo o período da Pandemia. Embora esperasse que todos acontecessem presencialmente, com o fechamento do Terreiro por meses, e mesmo depois da reabertura dos terreiros na região metropolitana de Belém, as restrições para a realização dos cultos era tanta, considerando a realidade da Umbanda no ritual e considerando o tamanho do Congá e a necessidade de não criarmos aglomerações, tivemos que nos organizar em escala de pequenos grupos para encontros semanais.

Foi necessário reorientar os caminhos da pesquisa. Realizei as entrevistas, diante desse contexto adverso, não apenas no terreiro (com todos os membros da Corrente), mas em minha residência, na residência da Zeladora da Casa e entrevistas virtuais. As rodas de conversa também aconteceram no terreiro e na residência da Zeladora, sempre em quantidade muito restrita de participantes, respeitando as orientações sanitárias contra o Covid-19 e em encontros virtuais. O trabalho era de sentir, coletar informações, narrativas dos membros do terreiro, estudar para integrar a dimensão mágico-religiosa à terminológica, realizar trocas e discussões com o grupo Umbanda Libras nacional, encontrar sínteses que expressassem por exemplo, o axé de determinado Guia no Terreiro em questão, mesmo com a variação possível na língua e adequada na Umbanda.

Propus como objetivo específico da pesquisa sinalizar estritamente os nomes dos Guias, porém não foi possível. Primeiro porque aqueles Guias que pareciam mais distantes da compreensão, tive maior dificuldade em encontrar uma síntese para tradução e, por outro lado, o processo de tradução das narrativas me levou à necessidade de sinalizar alguns termos como: membro, zeladora, cambono, incorporação, desincorporação, assistência, recorrentes em todas elas. O cotidiano me mostrou, portanto, outros termos mais significativos para serem sinalizados agora.

3.3 Gravação dos vídeos em Libras

Para gravação dos vídeos dos sinais-termo utilizou-se alguns equipamentos digitais como, uma câmera digital semiprofissional, um smartphone e um tripé. Um estúdio

improvisado foi organizado para a gravação dos vídeos que ficarão disponíveis em uma plataforma on-line.

3.4 Criação de qr-codes

Para compor o glossário que ficará impresso nessa dissertação, usaremos qr-codes.

Os QR CODES (QUICK RESPONSE CODES) são códigos de barras bidimensionais “foi desenvolvido pela empresa japonesa Denso Wave em 1994 com o objetivo de melhorar o controle de estoque, monitorar as unidades em produção e ser um símbolo facilmente interpretado pelo equipamento de scanner. Podemos defini-lo como um símbolo, um código matriz que armazena dados tanto horizontal quanto verticalmente, o que possibilita o armazenamento de um maior número de informações, quando comparados aos códigos de barras tradicionais. Para ampliar o uso do QR Code a Denso Wave julgou necessário definir especificações claras e torná-las públicas. Além disso, a empresa liberou o uso da tecnologia não exercendo o seu direito de patente (CORRÊA et al., a). Ainda nesse sentido, os QR Codes são padronizados segundo as normas da International Organization for Standardization (ISO) e International Electronics Community (IEC) 18004 o que contribui para a produção de geradores e leitores do código compatíveis (WALSH, 2009). O QR Code classifica-se, conforme (LE MOS, 2007), como uma Realidade Móvel Aumentada onde as informações presentes em determinada localidade são visualizadas em um dispositivo móvel, “aumentando” a informação. Utiliza-se neste caso um hiperlink chamado Mobile Augmented Reality Applications (MARA), que por meio de um celular torna acessível informações, que não estão disponíveis no local, sobre o objeto etiquetado. [...] Seu funcionamento é considerado simples onde se captura a imagem do código com a câmera de celular, decodifica-se a imagem por meio de um leitor do código instalado no equipamento, e lê-se a mensagem decodificada no celular, ou se é direcionado a um link URL. Corrêa et al. (b, p. 122)

Os qr-codes foram criados com o objetivo de levar o leitor aos sinais em formato de vídeo. Isso facilita a leitura e o acesso aos sinais-termo à toda a comunidade usuária da Libras, pesquisadores e principalmente aos surdos. Creio que uso dessa tecnologia facilitará a rápida divulgação dos resultados para este grupo que considero prioritário.

3.5 Definição dos sinais-termo

Para compor a definição dos sinais-termo, utilizamos as narrativas e as entrevistas gravadas dos participantes frequentadores do terreiro. Um aspecto importante na definição dos sinais-termos é de que, inicialmente os sinais foram sendo criados conforme o cotidiano apresentava. A exemplo, quando houve a Gira de Encantaria na qual surgiu o sinal de Dona Jarina.

Assim foram surgindo os primeiros sinais criados no decurso da pesquisa. Porém a necessidade de um recorte, nesse universo complexo da Umbanda, considerando que esta

é a primeira etapa de registro e validação, levou-me a eleger a linha de Pretos Velhos para dar continuidade na criação do vídeo-glossário, uma vez que esta é a linha que “baixa” com mais frequência na casa. Contudo, a pandemia me conduziu a um lugar de incerteza; giras suspensas, sem trabalhos de incorporação, médiuns em desafiadoras condições emocionais e de sobrevivência, dentre tantas outras do contexto atual e do interdito religioso. Todas essas situações me conduziram à criação de novas estratégias de conexão: pela via do cachimbo, fortalecendo a energia do Congá em casa e, diante disso, conforme chegavam as narrativas dos irmãos de Santo, permitindo-me estar aberto a ouvir as suas vozes, e ser tocado pelo Guia.

Obviamente que em algumas narrativas trazíamos à memória as imagens das Giras, dos Guias em Guma. Outras me apresentavam Mistérios ainda conhecidos, sendo necessário visitar a Zeladora da Casa e juntamente com o médium que o recebe e outras duas médiuns, acompanhados do cachimbo, para juntos e com a presença do Guia encontrar o termo-sinal. Esses momentos me proporcionavam a possibilidade maior de mediunizar entre o Santo e a Língua. Outras narrativas trouxeram Mistérios que ainda não consegui alcançar, guardo-os para que em uma próxima oportunidade possa realizar esse encontro. Outros estão em estudo e não serão entregues nessa dissertação, mas estarão disponíveis em breve no canal do YouTube criado para este fim.

3.6 Riscos e Benefícios

3.6.1 Riscos

A realização da pesquisa previu riscos mínimos aos seus participantes, uma vez que será realizada no cotidiano do terreiro de Umbanda. Tais riscos poderiam se configurar como uma desistência de um dos sujeitos durante o processo, ou algum interdito próprio do rito que impedisse que algum dado do *corpus* fosse partilhado na dissertação. No caso em que algum desses riscos previsíveis acontecesse, atuaria na perspectiva de diminuir qualquer tipo de tensão ou desconforto dos participantes, bem como evitando prejuízos à pesquisa. É importante reportar que não houve nem haverá risco aos participantes de terem seus dados pessoais divulgados, ao contrário, serão mantidos em absoluto sigilo, considerando os rigores éticos da pesquisa científica.

3.6.2 Benefícios

Os benefícios da pesquisa para os sujeitos participantes/membros da Corrente da Tenda de Umbanda investigada, estão relacionados a uma melhora/contribuição significativa na comunicação entre todos os membros da comunidade, considerando surdos e ouvintes, além da possibilidade de ampliação do atendimento destinado à caridade de todos, de ser ampliado para outros surdos que a escolherem como religião, participarem

como modo de apropriação de conhecimentos de novas culturas ou a buscarem esporadicamente como forma de tratamento e cura. Como pesquisador neste trabalho e sujeito participante da presente pesquisa, na condição de membro novato da Corrente, obtive muitos benefícios pessoais e acadêmicos.



Figura 14 – Samba do Seu Zé Pelintra. Fonte: Acervo TUTJOB

4 RESULTADOS

4.1 Resultados finais: Questionário

O intuito do questionário é uma leitura geral e sucinta sobre os membros da Corrente da TUTJOB, por meio de um instrumento que facilitasse a comunicação entre pesquisador e demais sujeitos da pesquisa. Os dados proporcionam um conhecimento preliminar dos sujeitos da pesquisa e da constituição dessa coletividade. Todos os participantes concordaram em participar da pesquisa e preencher o questionário on-line através do TCLE. Até o momento, a pesquisa contou com a participação de 13 voluntários, dos 22 membros da gira. O questionário on-line foi criado em 13/08/2020; é constituído por 13 questões e encontra-se disponível para respostas. O objetivo do questionário on-line consiste em coletar informações gerais (como gênero, idade e escolaridade dos participantes), além de informações relacionadas à identificação (se membro ou líder de terreiro) e atuação no terreiro, bem como se existe participação de surdos nestes terreiros e quais os desafios encontrados por tais membros. Ressalta-se que todos os participantes tiveram seus nomes mantidos em sigilo, os mesmos receberam uma identificação.

4.1.1 Dados gerais

Em geral, dos participantes da pesquisa 61,5% são participantes do sexo feminino e 38,5% são do sexo masculino, dados que apresentam uma Gira cuja maior parte é composta por mulheres, conforme a figura 4.1.1.

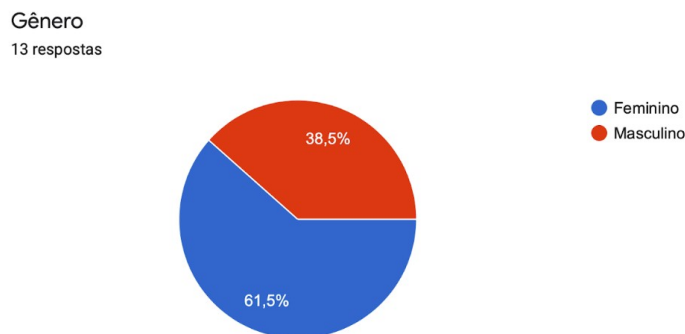


Figura 15 – Gênero dos participantes da pesquisa. Elaboração própria

A média de idade dos participantes é 33,5 anos, sendo o participante mais novo com 19 anos e o mais idoso com 52 anos de idade, a distribuição das idades pode ser vista na figura 4.1.1. O membro da gira de maior idade participa há 10 anos da Umbanda, como pode ser observado em sua fala: “comecei em 2011, pesquisando para o Doutorado...

Fui convidado a presenciar uma festa para Pai Oxóssi e junto ocorreu dois casamentos na Umbanda. Fiquei cativo e estou até hoje neste sagrado caminho.”

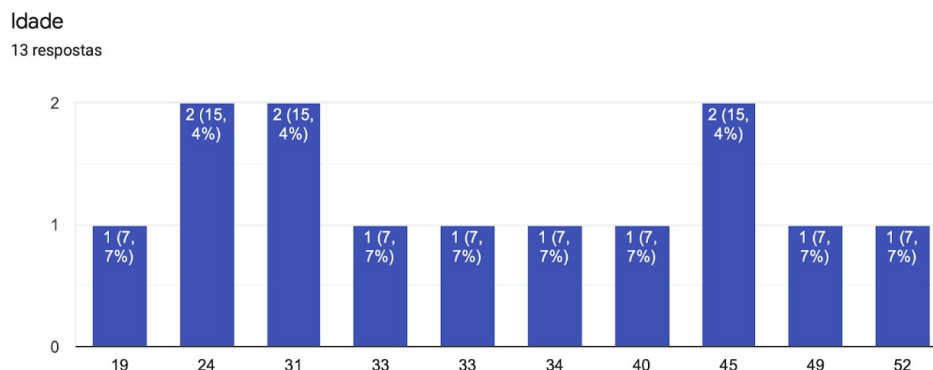


Figura 16 – Distribuição das idades dos participantes da pesquisa. Elaboração própria

Sobre a escolaridade dos participantes, percebemos que apenas 7,7% (1 participante) possui ensino médio incompleto, 15,4% possuem curso superior (2 participantes). O mesmo percentual, 15,4%, foi obtido para especialização e doutorado com 2 participantes para cada um respectivamente. Para o mestrado temos 23,1% (3 participantes). Também foi obtido percentual igual de 23,1% para ensino médio completo, o que equivale a 3 participantes desta pesquisa. A figura 4.1.1 retrata o exposto.

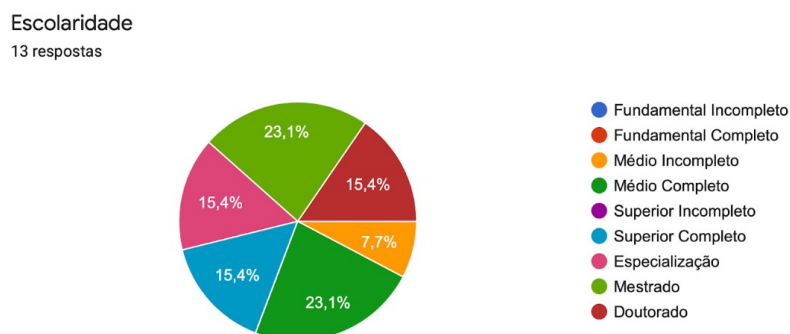


Figura 17 – Distribuição das escolaridades dos participantes da pesquisa. Elaboração própria.

Ainda sobre a escolaridade, o quadro 1 retrata a idade de cada um pela escolaridade.

Quadro 1 – Escolaridade e idade dos participantes. Fonte: Autor.

Escolaridade	Idade
Ensino médio incompleto.	19.
Ensino médio completo.	25 e 45 anos.
Superior completo.	31 e 33 anos.
Especialização.	31 e 37 anos.
Mestrado.	34,45 e 49 anos.
Doutorado.	33 e 52 anos.

Perguntados como se identificam no terreiro (se Líder religioso ou Membro de Gira), 92,3% são Membro de Gira e apenas 7,7% (1 participante) se identifica como líder religioso, conforme ilustra a figura 4.1.1.

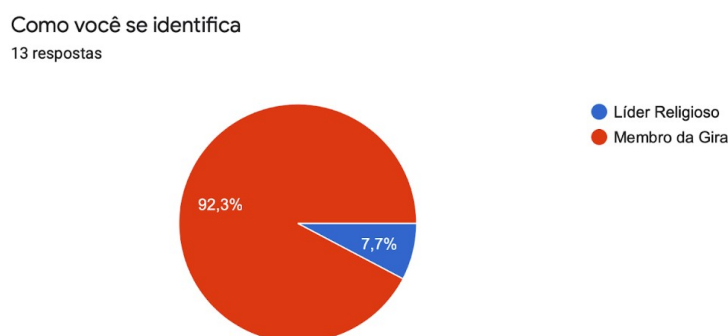


Figura 18 – Identificação do participante no terreiro

4.1.2 Dados sobre o Líder Religioso do Terreiro

No caso do líder religioso, foram perguntados qual a sua atuação no terreiro (Zelador, Mãe/Pai de Santo ou Mãe/Pai pequeno), nome do terreiro e ocupação profissional. Para melhor compreensão das nomenclaturas dos líderes religiosos, tomamos como referência o Dicionário de Umbanda, de Ademir Barbosa Júnior. A saber:

- Zelador: Dirigente espiritual de religião de matriz africana. [Barbosa \(2015, p. 241\)](#)
- Mãe de Santo: Sacerdotisa de Umbanda ou de outra religião de matriz africana. [Barbosa \(2015, p. 139\)](#)
- Pai de Santo: Sacerdote de Umbanda ou de outra religião de matriz africana. [Barbosa \(2015, p. 178\)](#)
- Mãe pequena: Na direção espiritual da casa, conta-se com a mãe pequena, auxiliar direta do(a) babá¹ e, em sua ausência, substituta. [Barbosa \(2015, p. 139\)](#)

¹ Líder espiritual, podendo ser Zeladora/Zelador, Mãe/Pai de Santo.

- Pai Pequeno: Na direção espiritual da casa, conta-se com o pai pequeno, auxiliar direto do(a) babá e, em sua ausência, substituto. [Barbosa \(2015, p. 177\)](#)

A líder da Tenda de Umbanda Toya Jarina e Ogum Beira Mar atua e se autoidentifica como Zeladora. O terreiro de atuação deste líder é o, localizado na cidade de Ananindeua e, existe há 4 anos. Sobre a ocupação profissional deste líder religioso é Arquitetura e Urbanismo.

4.1.3 Dados sobre o Terreiro

O terreiro, atualmente, está localizado, desde 2019, em um imóvel residencial em Ananindeua. No entanto, antes já existia na residência do atual líder. O mesmo é frequentado por 22 membros da Corrente, em média. Quanto ao número de consulentes (frequentadores da assistência) que frequentam o Terreiro por sessão tem-se de 10 à 30 pessoas em cultos semanais aos sábados, às 18h. Além disso, a cada primeira segunda-feira do mês há culto dedicado a Exus e Bombogiras², às 20h. Por mês, tem-se uma média de 50 consulentes frequentando o terreiro.

Sobre a participação de surdos no terreiro, em específico, o terreiro Tenda de Umbanda Toya Jarina e Ogum Beira Mar conta com um surdo, segundo o atual Líder religioso a comunicação é feita da seguinte forma: "*uma das filhas da casa faz a tradução em Libras. Mas existe dificuldade com isso.*"

Sobre as dificuldades em fazer as traduções dos ritos para a Libras, a Líder religiosa do terreiro mencionou o seguinte: "*Nossa única tradutora tem responsabilidades na casa (como incorporação) que a impedem de se dedicar às traduções. Outra dificuldade é a duração dos ritos, e por ter somente uma pessoa para isso, torna-se muito cansativo para ela. O ideal seria uma alternância.*"

4.1.4 Dados sobre membros da gira

Dentre os 21 membros da Corrente, 13 participam da pesquisa, 12 são membros de gira entre médiuns de incorporação, cambonos e ogãs; todos se autodeclararam umbandistas e disseram não frequentar outro segmento religioso.

Quanto a identificação desses, a figura 4.1.4 exibe os resultados. Temos 41,7% de Médiun Cambono (5 participantes), 25% de Médiun de incorporação (3 participantes), 16,7% de Médiun cambono/ogam/incorporação (2 participantes) e 8,3%, equivalente a 1 participante, para Curimbeiro ou tocador de tambor e, para ambos.

² São Guias guardiões, das Linhas de Povos da Rua, que fazem a guarda e a abertura dos caminhos

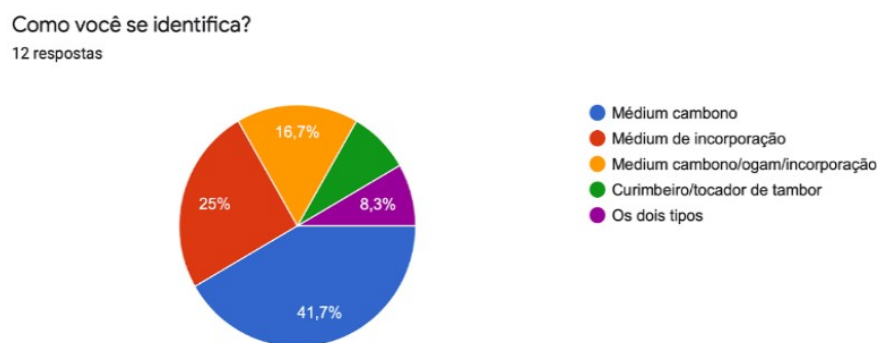


Figura 19 – Identificação dos membros de gira. Elaboração própria.

O bairro em que está localizado o Terreiro/Centro/Templo de UMBANDA frequentado pelos membros de gira são, em sua maior parte Cidade Nova 8, Ananindeua, referência concernente ao apontado no contrato de locação do imóvel.

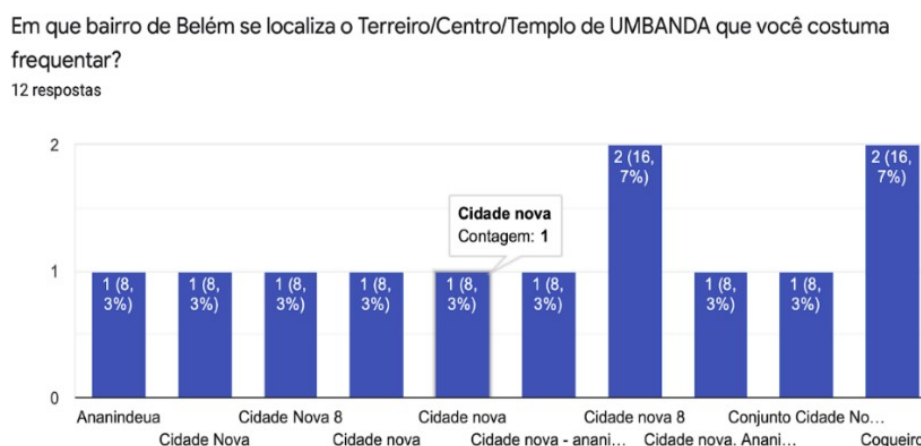


Figura 20 – Bairros em que estão localizados os terreiros frequentados pelos membros de gira

Sobre o tempo em que frequentam o Terreiro/Centro/Templo de Umbanda, a figura abaixo exhibe os resultados. É possível constatar que a maior parte da Corrente segue o caminho do Santo há mais de 5 anos. Muitos desses, conforme nossas entrevistas e rodas de conversa, começaram este caminho na própria casa, outros “nasceram no Santo”, sendo provenientes de famílias umbandistas.

Há quanto tempo você frequenta o Terreiro/Centro/Templo de UMBANDA?
12 respostas

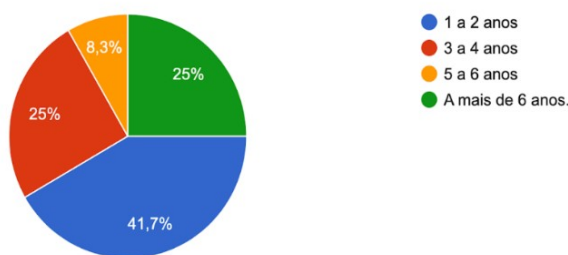


Figura 21 – Bairros em que estão localizados os terreiros frequentados pelos membros de gira

4.2 Resultados:Vídeo-Glossário

Aqui apresento a Ficha Terminológica conforme modelo supramencionado. Reafirmo que a presença dos qr-codes em tais fichas ajudarão, quando o trabalho estiver impresso, a uma mais rápida acessibilidade aos vídeos postados no YouTube. Bastam ser escaneados com um aparelho celular smartphone, que levam o leitor ao vídeo do sinais-termo referente. Isso facilitará a acessibilidade da leitura dos sinais-termo, principalmente às pessoas surdas.

O objetivo dos vídeos não é apenas apresentar os sinais-termo, mas também narrativas em Libras, que explicam o significado o contexto de cada termo. Apresentam também imagens ilustrativas para ajudar a pessoa surda que ainda não conhece a Umbanda ou o termo referente. Abaixo seguem 3 dos 21 (vinte e um) sinais-termo registrados.


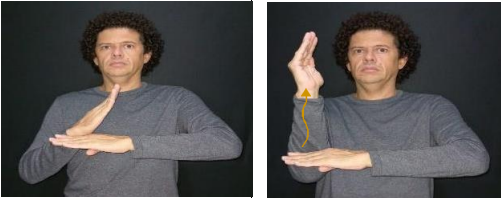


1- Ficha Terminológica – Glossário Umbanda		2- Número da Ficha: 01	
3- Termo: Dona Jarina:			
4- Classe gramatical: Substantivo feminino			
5- Narrativa em português: <i>Ela é uma princesa. Ela vem na linha da Encantaria e na linha da Mata. [...]Eu percebo que quando ela vem na encantaria, ela parece que vem mais jovem, é assim... um frescor, assim, sabe? Uma alegria que ela tem no olhar, no sorriso, na forma como ela se comunica, como fala com as pessoas. Quando a Mãe Jarina vem na Mata, eu sinto ela mais séria, [...] é uma presença assim mais forte, de sustentação, de... sabe aquela imagem de uma guerreira? É doce nas palavras, mas fala com mais firmeza [...]. Não diria as diferenças, são as características de cada uma, né?.</i>			
6- Fonte de constituição da narrativa: Membro da corrente da TUTJOB			
7- Imagem/figura/ilustração: 		8- Fonte da imagem/figura/ilustração: http://igrejamediunica.blogspot.com/2016/02/dona-jarina-princesa-turca.html	
10- Sinal do termo:			
			
11- Vídeo do sinal em youtube: https://youtu.be/f9ui0Xevhh8		12- qr code: 	
13- Quantidade de mãos: 02			
14- Parâmetro do sinal:			
a-Configuração de mão			
b- Tipo de ação da mão (direta):	Ativa		
c- Tipo de ação da mão (esquerda):	Passiva		
d- Orientação da palma (direita):	Palma ao lado		
e- Orientação da palma (esquerda):	Palma para baixo		
f- Ponto de articulação ou localização:	Neutro		
g- Movimento:	Sim		
h-Expressão facial:	Não		
i-Expressão Corporal:	Não		
15- Autor: Rubens Faro			
16- Data: setembro/2021			

Figura 22 – Imagem tabela de sinais simbolos - Dona Jarina. Elaboração Própria





1- Ficha Terminológica – Glossário Umbanda		2- Número da Ficha: 02	
3- Termo: Ogum Beira Mar			
4- Classe gramatical: Substantivo masculino			
5- Narrativa em português: <i>É o Pai da Casa. É um Guia da linha de Ogum, com tantos outros, né? Ele vem num cavalo branco. Eu pelo menos a primeira vez que o vi foi quando fomos arriar pra Iemanjá na praia. Ouvi primeiro o galope, até me assustei, daí quando eu virei, era ele. Uma roupa mesmo de cavaleiro, tipo.. tipo.. romano. [...] é toda prateada, parece escama de peixe, né? Meio furta-cor....a capa dele voando no vento, grande... [...] sempre vejo ele na beira da praia e no ponto diz que ele fica entre a areia e as primeiras 7 ondas para fazer a guarda de Iemanjá.</i>			
6- Fonte de constituição da narrativa: Membro da corrente da TUTJOB			
7- Imagem/figura/ilustração: 		8- Fonte da Imagem/Figura/Ilustração: https://www.bruxasdoamor.com/amarracao-com-ogum-beira-mar/	
9- Sinal do termo:			
			
10- Vídeo do sinal em youtube: https://youtu.be/8evqp2evMs0		11- qr code: 	
12- Quantidade de mãos: 02			
13- Parâmetro do sinal:			
a-Configuração de mão			
b- Tipo de ação da mão (direta):	Ativa		
c- Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa		
d- Orientação da palma (direita):	Palma para baixo		
e- Orientação da palma (esquerda):	Palma para baixo		
f- Ponto de articulação ou localização:	Neutro		
g- Movimento:	Sim		
h-Expressão facial:	Não		
i- Expressão Corporal:	Não		
14- Autor: Rubens Faro			
15- Data: setembro/2021			

Figura 23 – Imagem tabela de sinais símbolos - Ogum Beira Mar. Elaboração própria





1- Ficha Terminológica – Glossário Umbanda	2- Número da Ficha: 03
3- Termo: Dona Juliana	
4- Classe gramatical: Substantivo feminino	
5- Narrativa em português: <i>A Dona Juliana é uma princesa do mar. É uma sereia da Encantaria,[...] É linda, linda... muito bonita, é loira, mas são loiros como se tivesse fios de vários tons de muitos dourados e são muitos grandes, muito volumosos e compridos, [...] eles são ondulados, igual ondas do mar... [...] os olhos são muitos brilhantes e ela tem uma calda que vai do azul ao roxo, é um degrade de cores, parece uma aquarela. [...] o axé dela, é um axé de tanta força do mar que as primeiras vezes que eu a recebi eu não conseguia nem ficar em pé por muito tempo de tanta força da água, ela vem num redemoinho,[...]...e as pessoas sempre sentem isso, elas comentam muito que sentem esse axé do mar... quando elas chegam perto da dona Juliana. Dona Juliana tem um animal de força muito presente... que é o caracol... então aquele caracol é o animal com que ela trabalha, e ela me mostrou que ela é um grande caracol, uma sereia, um princesa ela tudo isso ao mesmo tempo, e ela canta de uma maneira tão bonita.</i>	
6- Fonte de constituição da narrativa: Membro da corrente da TUTJOB	
7- Imagem/figura/ilustração: 	8- Fonte da Imagem/Figura/Ilustração: https://phuulishfellow.wordpress.com/2018/07/15/tolkienian-speculative-guessing-ii-all-shall-love-me-and-despair/
9- Sinal do termo: 	
10- Vídeo do sinal em youtube: https://youtu.be/_xgDiWfDDdo	11- qr code: 
12- Quantidade de mãos: 02	
13- Parâmetro do sinal:	
a-Configuração de mão	
b- Tipo de ação da mão (direta):	Passiva
c- Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
d- Orientação da palma (direita):	Palma ao lado
e- Orientação da palma (esquerda):	Palma para baixo
f- Ponto de articulação ou localização:	Lateral do tronco e orelha
g- Movimento:	Sim
h-Expressão facial:	Sim
i- Expressão Corporal:	Sim
14- Autor: Rubens Faro	
15- Data: setembro/2021	

Figura 24 – Imagem tabela de sinais símbolos - Dona Juliana. Elaboração própria



A seguir apresento as ferramentas utilizadas para a construção dos elementos do glossário:

- As imagens foram coletadas por meio da utilização de pesquisa on-line no site Google imagens.
- O quadro utilizado para as Configurações de mão, foi o quadro do dicionário on-line “Acessibilidade Brasil”³.
- Os qr-codes foram gerados a partir de um site⁴ on-line que gera códigos qr-codes gratuitamente.
- Outro recurso agregado aos qr-codes é a ferramenta hiperlink. Essa ferramenta possibilitou que os links dos vídeos fossem ancorados às imagens desses qr-codes, assim o consulente que estiver realizando a leitura do glossário na versão digital e não tiver disponível um aplicativo em seu smartphone que faça a leitura dos códigos, pode clicar em cima da imagem do qr-code que será direcionado para a plataforma onde os vídeos estão disponíveis.

Para reposição dos vídeos-glossário em Libras, foi criada uma página no YOUTUBE intitulado Glossário de Umbanda em Libras o qual é possível acessar, dentre outras formas, com o QR-CODE ou com o link contidos em cada ficha terminológica que optamos manter em anexo para dinamizar a leitura do texto. Todavia, com intuito de facilitar o acesso aos vídeos durante a leitura do texto, apresento abaixo a lista de acesso 4.2 contendo os seguintes itens: número da Ficha Terminológica, termo, link do sinal-termo, QR-CODE do sinal-termo. Ressalto que para acessar o QR-CODE por aparelhos celulares é necessário ter leitor disponível de fábrica (em alguns modelos de smartfone) ou é necessário baixar aplicativo de leitura.

³ Quadro disponível em: http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/

⁴ <https://br.qr-code-generator.com/>

Número da ficha	Termo	Link do sinal-termo	Qr-code do sinal-termo
01	Dona Jarina	https://youtu.be/f9ui0Xevhh8	
02	Ogum beira mar	https://youtu.be/8evqp2evMs0	
03	Dona Juliana	https://youtu.be/_xgDiWfDDdo	
04	Preto Velho	https://youtu.be/8Pa0dE_QDCs	
05	Vovó Cambinda	https://youtu.be/MTbd-Pwa1u0	
06	Vovô Cipriano das almas	https://youtu.be/T5lXjHzTZnM	
07	Zé Pelintra	https://youtu.be/oxoAqwDKIqw	
08	Bombogira	https://youtu.be/cssCk1lcpIQ	
09	Seu Tranca Rua	https://youtu.be/mPt9zTxLwdQ	
10	Exu	https://youtu.be/v0Ez6G7CBno	
11	Dona Esmeralda	https://youtu.be/qmL68ob3l8E	

12	Dona Maria Malandrinha	https://youtu.be/0pGcwgB-0WM	
13	Ponto Cantado	https://youtu.be/rX_ouFjDIP8	
14	Incorporação	https://youtu.be/s60jUMWUMNM	
15	Desincorporação	https://youtu.be/WjMq9wfWwVc	
16	Espada	https://youtu.be/d-0zKetCQ1c	
17	Arruda	https://youtu.be/3FzAWw6P06g	
18	Gira	https://youtu.be/EVtS0ww1uI8	
19	Zelador	https://youtu.be/aal6ofgj2B0	
20	Cambono	https://youtu.be/7kOuBfnp_gQ	
21	Umbanda	https://youtu.be/IDZtJ41d6fY	

Figura 25 – Lista de acesso aos sinais-termos de Umbanda. Elaboração própria



Figura 26 – Sagrado – Praia do Cachimbo/ Mosqueiro/PA Fonte: Luciana Martins

5 Considerações finais

A caminhada nesta pesquisa me pôs a sair da janela! Obviamente, esse espaço de ver não se apresentou despropositado a mim, um sujeito para quem o olhar é o principal canal de interação. Escaneio o mundo com os olhos, fotografo as vozes das imagens sem som. Apenas durante a elaboração deste trabalho, porém, percebi que essa metáfora representa a minha primeira entrada no terreiro de Umbanda, na infância, quando da minha casa escaneava o terreiro vizinho e de lá desejava chegar mais perto e olhá-lo pelo muro, bem como no passado recente quando, dentro do TUTJOB, olhava da janela (lugar da assistência) e resolvi adentrar, com pés firmes no chão, naquela que se tornou a minha Casa de Santo.

Ao começar a tarefa de elaborar essas últimas páginas, porém, rememorando os passos dessa pesquisa, veio-me uma nova lembrança da mesma casa da infância, de sair da janela nos dias de culto, descer as escadas, atravessar a sala e ir até à rua e chamar a criançada amiga para conhecer o terreiro do meu quintal. Abria o portão de entrada lateral, colocava todos para dentro e íamos assistir, de camarote, a Gira. Importava menos a dor nos dedões do pé pelo esforço de equilibrá-los nos cobogós, do que a curiosidade e mística de ver aquelas grandes saias rodarem.

A janela se mostra para mim uma ponte entre a apreciação e a apropriação da realidade. O lugar de onde vejo, à certa distância, o tambor tocar, pessoas dançarem, falarem. Ela é também o lugar de inquietação, aquele que me chama a ir além, convida-me a ver mais, e oferece imagens que me instigam a chamar meus pares para compartilhar do que escaneio, sinto, penso e vivo.

Ter acesso as narrativas dos membros da Corrente, dos Guias, estudar e sentir, na medida do possível, os Mistérios e os termos que precisava sinalizar, ajudou-me a sentir e compreender o Santo, ainda que muito me falte na compreensão desse grande Mistério. Não estou mais a parte. Nas trocas entre mim e os ouvintes, eles me ofereceram além do acolhimento e irmandade, as narrativas, e eu, a partir da voz-corpo de quem interpretava em Libras, ofereci-lhes uma tradução possível, expressa em um sinal-termo. Nesse entrecruzamento de vozes, cantamos algumas vezes em uníssono. Todos aprendemos e experimentamos a sensação de estarmos juntos, em que pesem todos os desafios desse contexto.

Dos riscos inimagináveis nos piores pesadelos durante o percurso do programa, estava a Pandemia de COVID-19 que impactou todo o globo de maneira devastadora, chegando de modo mais impactante na região Metropolitana de Belém em Março de 2020. A repercussão nos primeiros meses não informou que ficaríamos com tantas restrições por

mais de um ano e sete meses, mesmo com as pessoas vacinadas. A decisão de continuar a elaboração desta pesquisa oscilou entre o desistir para sobreviver são, do ponto de vista emocional, e continuar para, ao receber os Mistérios, senti-los, estudá-los e elaborá-los em sinais, fortalecer-me emocionalmente a partir da fé, a partir da construção de meu Congá interno, já que o terreiro havia fechado em decorrência das orientações sanitárias de combate ao vírus.

No TUTJOB não houve agravos à saúde, nem perdemos nenhum membro para a doença, porém perdemos parentes e amigos, testemunhamos a dor dos que tiveram perdas, compartilhamos o medo de perder a vida ou a vida de alguém querido e, ao mesmo tempo a fé nas palavras de Dona Jarina quando do início de 2020 anunciou a Regência da Senhora das Águas Paradas para aquele ano, com pedido que exercitássemos o profundo silêncio e aceitação. Nesse percurso cada um, a seu tempo, fez seu movimento para fortificar os elos da corrente. Porém tudo isso foi motivo para impactar a pesquisa.

Compreender o que ainda era intraduzível: a hierarquia no Santo, os rituais, as linhas da Umbanda, o axé de cada uma delas, passou a ser o ponto de conexão e fortalecimento na minha residência com minha esposa e filha. Desenhávamos nas paredes, colávamos cartazes, ouvíamos Pontos Cantados, compartilhávamos vidências. A força de Ogum me fez permanecer na batalha e a doçura fértil de Oxum me fez gerar essa produção. Recebi, abençoados por esses dois orixás, muitas chaves dos Guias que merecem, quando oportuno, serem compartilhadas. De ponta-cabeça no Santo não estou mais. Caminho passo-a-passo nessa descoberta.

Assim, realizar aquilo que me propus nesse trabalho: organizar um vídeo-glossário de Libras a partir da vivência de um sujeito surdo no cotidiano de uma Tenda de Umbanda da região metropolitana de Belém, em um diálogo entre os saberes e linguagens religiosos e dos sujeitos surdos, considerando o contexto de empréstimo linguístico e criação de sinais na comunidade, foi um desafio efetivo e afetivo sobre o qual obtive sucesso. O vídeo-glossário de sinais-terminos de Libras na Umbanda está elaborado de acordo com as orientações técnicas e religiosas, síntese perseguida pelo desejo de ter acesso, proporcionar acesso ao conhecimento e liberdade de permanência de pessoas com surdez na Umbanda.

Embora a sinalização dos termos da Umbanda não tenha ficado circunscrita aos nomes dos Guias, como previsto em seu objetivo específico, compreendo este como um aprendizado sobre a própria Umbanda e sobre a perspectiva etnometodológica deste trabalho. Esse campo tão movediço com fronteiras tão plásticas e permeáveis, cujo cotidiano se altera, altera o grupo num movimento dialético constante, não poderia permitir a rigidez de não trazer à tona o ensinamento sobre que é o caminho no Santo e como metodologias como essa podem permitir mostrar essa plasticidade.

Realizar essa mediunização que considera as comunidades envolvidas buscando respeitá-las é, embora difícil, um impulso de ordem política, no sentido do lugar que

tomo nas lutas de garantia de direitos e de ordem espiritual, no sentido de pôr-me à serviço do Divino para criar pontes para outros surdos encontrarem seu lugar. Ofereço um produto à academia, que sacraliza a letra, mas também ofereço à comunidade surda o vídeo-glossário que, a partir desse primeiro passo de registro e validação, poderá ser ampliado e proporcionará a divulgação da Umbanda entre os sujeitos surdos que utilizam a Libras para se comunicar, não apenas na região Norte, mas em todo o Brasil.

Pesquisa portanto, inovadora, considerando que a maioria dos materiais produzidos em Libras são de outras religiões de matrizes africanas. Além de serem de fundamental importância na difusão da Libras e na divulgação de novos conhecimentos e saberes dentro da comunidade surda, pois a Língua Brasileira de Sinais é uma língua jovem e precisa que cada vez mais pesquisadores, em especial os pesquisadores nortistas, surdos e ouvintes, empenhem-se exaustivamente na documentação de novos vocabulários que forem surgindo.

O registro dos sinais-termos por meio impresso em conjunto com os vídeos, é uma tendência cada vez mais adotada por pesquisadores da área da Libras, em virtude dessa ser uma língua multidimensional. Por este motivo, com intuito de proporcionar maior acessibilidade, o canal **UMBANDA LIBRAS – TERREIRO PARA SURDOS** foi criado no YouTube, para apresentação desta primeira fase, decorrente da pesquisa do Mestrado, mas com a perspectiva de ser ampliado sistematicamente. Outrossim, futuramente, criarei uma cartilha na modalidade on-line e impressa a fim de gerar outras formas de acessibilidade.

Como possibilidade de pesquisa subsequente, objetivo a continuidade dos registros dos sinais-termos, já com a participação de mais sujeitos da comunidade usuária da Libras, tendo em vista que a divulgação do andamento da pesquisa despertou interesse em participação de várias pessoas que ainda não tinham acesso e que não conheceram o terreiro em decorrência do contexto da Pandemia. Por último, como docente desta Universidade almejo promover, junto ao Grupo de Estudos e Pesquisas na Língua de Sinais e Educação de Surdos (GEPLISES), fóruns de estudos e debates sobre o objeto desta pesquisa, com intuito de propagar e fortalecer o campo.

Saí da janela, entrei no Congá, tomei meu lugar, minha voz. Abri o portão, e agora chamo novamente meus pares, que entrem pela porta da frente, como nos é de direito. Desejo que este seja mais um passo do processo de inclusão da pessoa surda na Umbanda. Almejo seguir em estudos futuros, ampliando o número de interlocutores surdos, assim como o número de sinais-termos do glossário e adicionando a ele, a SignWriting - escrita de sinais e, quiçá apresentando variações linguísticas do mesmo termo, proporcionando mais acessibilidade e visibilidade a Libras.

Referências

- ASSUNÇÃO, L. **Da minha folha: múltiplos olhares sobre as religiões afro-brasileiras**. [S.l.]: Arché Editora, 2012.
- BARBOSA, A. J. **Dicionario de Umbanda**. [S.l.]: ANUBIS, 2015.
- BARROS, L. A. **Curso básico de terminologia**. [S.l.]: Edusp, 2004. v. 54.
- BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. [S.l.]: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2005.
- CASSIRER, E. Linguagem e mito. (trad.). **J. Guinsburg**, v. 3, 1992.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. [S.l.]: Cortez editora, 2018.
- CORRÊA, M. I. de S.; SOUZA, A. C. R. de; MARÇAL, M. C. C. O uso do qr code na gestão da comunicação: o caso da rede social winetag. **Informe: Estudos em Biblioteconomia e Gestão da Informação**, v. 1, n. 1, p. 118–132.
- CORRÊA, M. I. de S.; SOUZA, A. C. R. de; MARÇAL, M. C. C. O uso do qr code na gestão da comunicação: o caso da rede social winetag. **Informe: Estudos em Biblioteconomia e Gestão da Informação**, v. 1, n. 1, p. 118–132.
- COULON. **Etnometodologia**. [S.l.]: Petrópolis: Vozes, 1995.
- CUMINO, A. **Historia da Umbanda: uma religião Brasileira:"O livro que vai transformar sua forma de ver a Umbanda"**. [S.l.]: Madras, 2015.
- DORZIAT, A. O outro da educação: pensando a surdez com base nos temas identidade. **Diferença, currículo e inclusão**. **Petrópolis: Vozes**, 2009.
- ELIADE, M. **Imagens e símbolos**, trad, sonia cristina tamer. **São Paulo: Martins**, 1991.
- FARO, L. C. F. de A. **Entre saias de espumas e trilhas de conchas: vozes e saberes poéticos do feminino na educação sensível das filhas e filhos umbandistas de iemanjá na amazônia**. 2018.
- FAULSTICH, E. L. de J. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciência da Informação**, v. 24, n. 3, 1995.
- FERREIRA, V. Epistemologia e educação: bases conceituais e racionalidades (p. 197-204). **Revista de Ciências da Educação**, 2017.
- FOUCAULT, M. **Ordem do discurso (A)**. [S.l.]: Edições Loyola, 1996. v. 1.
- GATTI, B. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. **Brasilia: Liber Livros**, 2005.
- GESSER, A. et al. "um olho no professor surdo e outro na caneta": ouvintes aprendendo a lingua de sinais. [sn], 2006.

- GIL, A. C. et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. [S.l.]: Atlas São Paulo, 2002. v. 4.
- GONÇALVES, A. M. **Sinais de escolarização e as repercussões nos projetos de vida: representações sociais de universitários surdos**. Tese (Doutorado) — UFPA, 2016.
- JACQUES, M. d. G. C.; STREY, M. N.; BERNARDES, N. M. G.; GUARESCHI, P. A.; CARLOS, S. A.; FONSECA, T. M. G. **Psicologia social contemporânea: livro-texto**. [S.l.]: Editora Vozes Limitada, 2014.
- JODELET, D. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. **Sociedade e estado**, SciELO Brasil, v. 24, p. 679–712, 2009.
- JOHNSON, R. **O que é, afinal, estudos culturais?** [S.l.]: Autêntica Editora, 2000. v. 2.
- JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. **Textos em representações sociais**, Vozes Petrópolis, v. 5, p. 63–85, 1995.
- KRIEGER, M. da G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia: teoria e prática**. [S.l.]: Editora Contexto, 2004.
- LE MOS, A. Mídia locativa e territórios informacionais. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação-XVI COMPÓS. Anais da XVI Compôs. Curitiba**. [S.l.: s.n.], 2007.
- LIMA, A. F. d. Socioterminologia da indústria madeireira. <http://www.theses.ufc.br>, 2010.
- LUCA, T. T. de. Gt 01–religiosidade popular. 2012.
- MARCONI, M. d. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. [S.l.]: 5. ed.-São Paulo: Atlas, 2003.
- MATOS, K. Otto, rudolf. o sagrado: aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. **Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, v. 19, n. 3, p. 496–502, 2009.
- MOSCOVICI, S. Representações sociais: investigações em psicologia social (pa guareschi, trad.). **Petrópolis, RJ: Vozes**, 2003.
- MOSCOVICI, S. Representações sociais: investigações em psicologia social. In: **Representações sociais: investigações em psicologia social**. [S.l.: s.n.], 2009. p. 404–404.
- NUNES, I. Religião e hermenêutica: considerações acerca da relação entre linguagem e religião a partir de gadamer. **Sacrilegens**, v. 15, n. 1, 2018.
- PAVEL, S.; NOLET, D. **Manual de Terminologia**. [S.l.], 2002.
- PERLIN, G.; MIRANDA, W. A performatividade em educação de surdos. **SÁ, Nídia RL Surdos: qual escola**, 2011.

- QUADROS, R. d. O 'bi'em bilinguismo na educação de surdos. **Surdez e bilinguismo. Porto Alegre: Mediação**, v. 1, p. 26–36, 2015.
- RANGEL, G. M. M.; STUMPF, M. R. A pedagogia da diferença para o surdo. **Letramento, bilinguismo e educação de surdos**, Mediação Porto Alegre, RS, p. 113–125, 2015.
- RIVAS, M. E. G. B. M. **O mito de origem: uma revisão do ethos umbandista no discurso histórico**. [S.l.]: Arché Editora, 2013.
- SANTANA, A. P.; BERGAMO, A. Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. **Educação & Sociedade**, SciELO Brasil, v. 26, p. 565–582, 2005.
- SANTOS, D. C. C. d. Religiões de matriz africana no Pará: entre a política e o ritual. **Paralellus**, v. 3, n. 5, p. 59–73, 2013.
- SILVA, A. V. et al. O tambor das flores: uma análise da federação espírita umbandista e dos cultos afro-brasileiros do Pará; 1965-1975. [sn], 2015.
- SKLIAR, C. A surdez: um olhar sobre as diferenças. 2001 porto alegre. **Editora Mediação**, 2001.
- SKLIAR, C.; LESSA, G.; BONDÍA, J. L.; LARA, N. P. de. **Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?** [S.l.]: dp&a, 2003.
- STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. [S.l.]: Editora da UFSC Florianópolis, 2008.
- TESKE, O. A relação dialógica como pressuposto na aceitação das diferenças: O processo de formação das comunidades surdas [dialogical relationship as basis of acceptance of differences: the creation process of deaf communities]. **Um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação**, 2001.
- THOMA, A. D. S.; GUEDES, B. S.; TOSO, C.; FRONZA, C. D. A.; SPONCHIADO, D.; MUCK, G. F.; KRAEMER, G. M.; FÁTIMA, J.; CHAVES, S.; GIORDANI, L. F. et al. **Cultura surda & Libras**. 2012.
- VIEIRA-MACHADO, L. M. d. C. **Fundamentos da língua brasileira de sinais**. [S.l.]: Colaboradores Jaqueline Ahnert Siqueira, Keli Simões Xavier. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Núcleo de Educação Aberta e à Distância, 2010.
- WALSH, A. Quick response codes and libraries. **Library hi tech news**, Emerald Group Publishing Limited, 2009.
- ZUMTHOR, P. Tradição e esquecimento. **São Paulo: Hucitec**, v. 1, p. 997, 1997.

Apêndices

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ANTRÓPICOS NA AMAZÔNIA PPGEEA/CAPES/UFPA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) Você está sendo convidado(a) para participar voluntariamente da pesquisa SABERES CULTURAIS DA UMBANDA E LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: ESTUDOS TERMINÓLOGICOS PARA PROPOSTA DE UM GLOSSÁRIO, sob a responsabilidade dos(as) pesquisadores Prof.^a Dr. Yomara Pinheiro Pires (orientadora) e Prof. Rubens Alexandre de Oliveira Faro (orientando), vinculados à Universidade Federal do Pará.

A sua colaboração na pesquisa será preencher os questionários com as perguntas norteadoras para a realização da pesquisa. Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

Você não terá gastos ou ganhos (benefícios) financeiros por participar na pesquisa.

A realização da pesquisa prevê alguns riscos mínimos aos seus participantes, pois a pesquisa será realizada somente por meio do desenvolvimento da aplicação de questionários, durante o desenvolvimento da mesma; tais riscos podem ser descritos como: um interdito próprio do rito que impeça que algum dado do corpus da pesquisa seja partilhada na dissertação. Em caso de algum desses riscos previsíveis acontecer, o pesquisador atuará na perspectiva de diminuir qualquer tipo de tensão ou desconforto dos participantes, bem como evitando prejuízos à pesquisa, e caso você decida deixar a pesquisa poderá fazê-lo a qualquer momento, não sofrendo prejuízo, coação ou dano algum. Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você para quaisquer dúvidas ou esclarecimentos que surgirem.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Prof.^a Dr.^a Yomara Pinheiro Pires (orientadora) e Rubens Alexandre de Oliveira Faro (orientando), por meio da Coordenação do Mestrado Acadêmico em Estudos Antrópicos da Amazônia (PPGEEA) da Universidade Federal do Pará (UFPA): Rua Maximino Porpino, 1000 – Milagre, Castanhal-Pará- CEP: 66075-110; fone: 3201 – 7102, e com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará (CEP-ICS/UFPA) - Complexo de Sala de Aula/ICS- Sala 13 – Campus Universitário, n^o 01, Guamá. CEP: 66.075-110- Belém-Pará. Telefone: 3201-7735, e-mail: cepccs@ufpa.br.

Castanhal(PA), ____ de _____ de 2020.

Assinatura dos pesquisadores

Eu, _____
aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura do participante da pesquisa

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO

PROJETO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO CRIAÇÃO DE UM GLOSSÁRIO DE TERMOS DE UMBANDA EM LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA

Este Termo de Consentimento tem como objetivo resguardar os registros da participação dos Colaboradores no Projeto de pesquisa de Mestrado de Rubens Alexandre de Oliveira Faro, cujo título é “Linguagens e Saberes do surdo na umbanda: Criação de um Glossário em LIBRAS”. São considerados Colaboradores da pesquisa os especialistas e/ou usuários da terminologia Umbanda e da LIBRAS que se dispuserem a contribuir com a pesquisa, fornecendo informação, respondendo questionário, corrigindo definições técnicas etc.

Esta pesquisa, que tem como objetivos a criação de um glossário terminológico bilíngue (Português-LIBRAS) dos termos da Umbanda da Tenda, terá três etapas: a primeira (a coleta de dados) diz respeito à coleta dos termos em língua portuguesa e a coleta dos sinais em LIBRAS usados nas aulas; a segunda (a triagem dos dados) diz respeito à avaliação e validação dos dados, por meio da consulta aos especialistas (surdos e ouvintes profissionais linguistas da área de língua de sinais e usuários da terminologia de Umbanda); a terceira fase consiste na elaboração do repertório, com as denominações em Português e LIBRAS e as definições em Português (essa fase, como a anterior, também precisa passar pelo teste de fiabilidade, com a consulta aos especialistas).

A identidade dos Colaboradores não será revelada (a menos que estes exijam) e as informações fornecidas por eles serão usadas com ética e discrição. Para a participação como Colaborador(a), precisamos que seja preenchido e assinado o termo abaixo:

EU, _____ RG nº _____, CONCORDO EM PARTICIPAR COMO COLABORADOR(A) DA PESQUISA DA MESTRANDO RUBENS ALEXANDRE DE OLIVEIRA FARO, RG Nº 2519452, TENDO O CONHECIMENTO DE QUE MINHAS INFORMAÇÕES FORNECIDAS SERVIRÃO DE BASE PARA UM ESTUDO SOBRE UM GLOSSÁRIO DE LIBRAS NA EM UM TERREIRO DE UMBANDA E SERÃO USADAS COM ÉTICA E DISCRIÇÃO.

Assinatura do(a) Colaborador(a)

APÊNDICE C – ENTREVISTA LÍDER/CHEFE/PAI/MÃE DE TERREIRO DE UMBANDA

ENTREVISTA LÍDER/CHEFE/PAI/MÃE DE TERREIRO DE UMBANDA NA CIDADE DE BELÉM - PA

Identificação do Projeto

Nome do Projeto: SABERES CULTURAIS DA UMBANDA E LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: estudos terminológicos para proposta de um glossário.

Orientadora: Profa. Dra. Yomara Pinheiro Pires

Mestrando: Rubens Alexandre de Oliveira Faro

Contato: (91) 98189-6806 E-mail: rubfaro@gmail.com

Objetivo: Organizar um glossário de Libras a partir da vivência de um sujeito surdo no cotidiano de uma Tenda de Umbanda da Região Metropolitana de Belém, em um diálogo entre os saberes e linguagens religiosos e dos sujeitos surdos, considerando o contexto de empréstimo linguístico e criação de sinais na comunidade.

1- Nome: _____

2- Gênero: () Feminino. Masculino ()

3- Idade: _____

4- Escolaridade:

Fundamental: () Completo. Incompleto ()

Médio: () Completo. Incompleto ()

Superior: () Completo. Incompleto ()

Pós Graduação:() Especialização. Mestrado (). Doutorado ()

5 - Qual o nome do Terreiro/Templo/Centro de UMBANDA que você lidera?

6- Além da liderança espiritual, possui outra profissão? () Sim. Não (). Se sim, qual? _____

7- Há quanto tempo existe o Terreiro/ Templo/Centro de UMBANDA que você lidera na cidade de Belém?

8- Qual segmento da UMBANDA do terreiro que você lidera faz parte?

() Umbanda de Almas e/ou de Angola. Umbanda Branca e/ou de Mesa ()

() Umbanda de Caboclo. Umbanda Esotérica (). Umbanda Iniciática ()

() Umbanda Omolocô. Umbanda Popular (). Umbanda de Preto-velho ()

() Umbanda Traçada (Umbandomblé). Umbanda Tradicional ()

Outra; Qual? _____

9- O Terreiro/Centro/Templo de UMBANDA que você lidera está localizado junto à sua residência? () Sim. Não ()

10- O Terreiro/Centro/Templo já existia em outro local antes do atual? () Sim. Não (). Se sim, onde?

11- Quantos membros (filhos) frequentam o Terreiro que você lidera?

12- Em média, quantos consulentes (frequentadores) frequentam o Terreiro por sessão?

E por mês?

13- Há surdos que frequentam o terreiro? Se caso, SIM como é feita a comunicação?

14- Quais as maiores dificuldades em fazer as traduções dos ritos para a Libras?

APÊNDICE D – ENTREVISTA MEMBROS/FILHOS DOS TERREIROS

ENTREVISTA MEMBROS/FILHOS DOS TERREIROS DE UMBANDA DA CIDADE DE BELÉM – PA

Identificação do Projeto

Nome do Projeto: SABERES CULTURAIS DA UMBANDA E LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: estudos terminológicos para proposta de um glossário.

Orientadora: Profa. Dra. Yomara Pinheiro Pires

Mestrando: Rubens Alexandre de Oliveira Faro

Contato: (91) 98189-686 E-mail: rubfaro@gmail.com

Objetivo: Organizar um glossário de Libras a partir vivência de um sujeito surdo no cotidiano de uma Tenda de Umbanda da Região Metropolitana de Belém, em um diálogo entre os saberes e linguagens religiosos e dos sujeitos surdos, considerando o contexto de empréstimo linguístico e criação de sinais na comunidade.

1- Nome: _____

2- Gênero: () Feminino. Masculino ()

3- Idade: _____

4- Escolaridade:

Fundamental: () Completo. Incompleto ()

Médio: () Completo. Incompleto ()

Superior: () Completo. Incompleto ()

Pós Graduação:() Especialização. Mestrado (). Doutorado ()

5- Você se declara UMBANDISTA? () Sim. Não ()

6- Em que bairro de Belém se localiza o Terreiro/Centro/Templo de UMBANDA que você costuma frequentar?

7- Há quanto tempo você frequenta o Terreiro/Centro/Templo de UMBANDA?

8- Frequenta outro segmento religioso? () Sim. Não (). Se sim, qual?

Anexos

ANEXO A – Fichas Terminológicas



1- Ficha Terminológica – Glossário Umbanda		2- Número da Ficha: 04	
3- Termo: Preto Velho			
4- Classe gramatical: Substantivo masculino			
5- Narrativa em português: <i>No meu sentir é a linha mais carinhosa da Umbanda. A gente costuma chamar eles de vovós e vovôs e eles nos chamam de “fio”. São negros que foram escravizados, bem velhinhos, andam bem devagarzinho, com cajado na mão, [...] gostam de um cafezinho preto, sem açúcar [...] trabalham muito na cura das pessoas, sempre dão conselhos que fazem bem pra gente. Mesmo quando a gente erra, os vovôs sempre têm uma palavra de carinho... uma coisa que nunca pode faltar no trabalho com eles é o cachimbo... sempre, sempre tem que ter cachimbo para trabalhar.</i>			
6- Fonte de constituição da narrativa: Membro da corrente da TUTJOB			
7- Imagem/figura/ilustração: 		8- Fonte da Imagem/Figura/Ilustração: https://espacorecomecar.com.br/preto-velho/	
9- Sinal do termo:			
			
10- Vídeo do sinal em youtube: https://youtu.be/8Pa0dE_QDCs		11- qr code: 	
12- Quantidade de mãos: 01			
13- Parâmetro do sinal:			
a-Configuração de mão			
b- Tipo de ação da mão (direta):	Passiva		
c- Tipo de ação da mão (esquerda):			
d- Orientação da palma (direita):	Palma ao lado		
e- Orientação da palma (esquerda):			
f- Ponto de articulação ou localização:	Boca		
g- Movimento:	Não		
h-Expressão facial:	Som		
i- Expressão Corporal	Sim		
14- Autor: Rubens Faro			
15- Data: setembro/2021			

Figura 27 – Ficha Terminológica Preto Velho. Elaboração própria







1- Ficha Terminológica – Glossário Umbanda		2- Número da Ficha: 05	
3- Termo: Vovó Cambinda			
4- Classe gramatical: Substantivo feminino			
5- Narrativa em português: <i>É Preta Velha que lidera os trabalhos na nossa casa. Ela veio do Congo para o Brasil, pra trabalhar como escrava. [...] É uma Preta Velha sábia e muito carinhosa. Fala de uma jeitinho simples, mas toca nosso coração. [...] Sempre que baixa, vovó Cambinda faz um gesto de estalar os dedos e quando vamos receber seu axé ela segura nossa mão e repete o gesto.</i>			
6- Fonte de constituição da narrativa: Membro da corrente da TUTJOB			
7- Imagem/figura/ilustração: 		8- Fonte da Imagem/Figura/Ilustração: Carolina Simões	
9- Sinal do termo:			
			
10- Vídeo do sinal em youtube: https://youtu.be/MTbd-Pwa1u0		11- Qr code: 	
12- Quantidade de mãos: 01			
13- Parâmetro do sinal:			
a-Configuração de mão			
b- Tipo de ação da mão (direta):	Ativa		
c- Tipo de ação da mão (esquerda):			
d- Orientação da palma (direita):	Palma atrás		
e- Orientação da palma (esquerda):			
f- Ponto de articulação ou localização:	Neutro		
g- Movimento:	Sim		
h-Expressão facial:	Não		
i- Expressão Corporal:	Sim		
14- Autor: Rubens Faro			
15- Data: setembro/2021			

Figura 28 – Ficha Terminológica Vovó Cambinda. Elaboração própria





1- Ficha Terminológica – Glossário Umbanda		2- Número da Ficha: 06	
3- Termo: Vovô Cipriano das almas			
4- Classe gramatical: Substantivo masculino			
5- Narrativa em português: <p><i>Os mistérios de Vovô Cipriano das Almas... A característica mais marcante visualmente do Vovô quando está em Guma é a vela acesa presa entre os dedos do pé, calça enrolada abaixo do joelho chapéu de palha em sua cabeça, cajado de madeira, na mão e cachimbo na boca...e rosário na mão... Cajado na mão (narrativa 1)</i></p> <p><i>Ele vivia no cemitério e um dos elementos que ele sempre traz e uma candeia no pé, uma vela no pé, que no caso ele me explicou que não época dele ele usava isso pra poder ver o que tinha no chão e também afastar os animais peçonhentos. Esse aí e o mistério do porquê que ele traz a vela. (narrativa 2)</i></p> <p><i>Sempre que ele baixa ele vai lá no Cruzeiro das Almas, vai saudar o Cruzeiro, porque ele é um grande trabalhador da Calunga Pequena, que é o cemitério ne? Ele morou lá quando era encarnado pra fugir do senhor dele, porque ele se apaixonou pela filha do senhor e o senhor ficou bravo, queria matar ele. [...] Daí ele teve que aprender os Mistérios das Almas. (narrativa 3)</i></p>			
6- Fonte de constituição da narrativa: Membro da corrente da TUTJOB			
7- Imagem/figura/ilustração: 		8- Fonte da Imagem/Figura/Ilustração: http://templumbandistavocambindadasalmas8.blogspot.com/2014/05/um-preto-velho-em-um-centro-espirita.html	
9- Sinal do termo:			
			
10- Vídeo do sinal em youtube: https://youtu.be/T51XjHzTZnM		11- qr code: 	
12- Quantidade de mãos: 02			
13- Parâmetro do sinal:			
a-Configuração de mão			
b- Tipo de ação da mão (direta):		Ativa	
c- Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
d- Orientação da palma (direita):		Palma para atrás	
e- Orientação da palma (esquerda):		Palma para baixo	
f- Ponto de articulação ou localização:		Testa e Neutro	
g- Movimento:		Sim	
h-Expressão facial:		Não	
i- Expressão Corporal:		Não	
14- Autor: Rubens Faro			
15- Data: setembro/2021			

Figura 29 – Ficha Terminológica Vovô Cipriano das Almas. Elaboração própria





1- Ficha Terminológica – Glossário Umbanda		2- Número da Ficha: 07	
3- Termo: Zé Pelintra			
4- Classe gramatical: Substantivo masculino			
5- Narrativa em português: <i>“Zé Pelintra, Zé Pelintra, boêmio da madrugada Vem na linha das almas e também na encruzilhada O amigo Zé Pelintra que nasceu lá no sertão Enfrentou a boemia com seresta e violão Hoje na Lei de Umbanda acredito no senhor Pois sou seu filho de fé, pois tem fama de doutor Com magias e mirongas dando forças ao terreiro Saravá, Seu Zé Pelintra, o amigo verdadeiro!” (Ponto Cantado 1)</i> <i>“Quem é aquele moço sentado logo ali? Com terminho branco, chapéu de palha, olhando pra mim? É Zé Pelintra, ele é o Zé Ele é malandro, ele é boêmio, ele é de fé”. (Ponto Cantado 2)</i>			
7- Fonte de constituição da narrativa: Ponto Cantado de Seu Zé Pelintra			
8- Imagem/figura/ilustração: 		9- Fonte da Imagem/Figura/Ilustração: http://pazeluz.no.comunidades.net/ze-pelintra	
10- Sinal do termo: 			
11- Vídeo do sinal em youtube: https://drive.google.com/file/d/1Nr1pb43kl63TwxivrM2EwF36isUzD8fN/view?usp=sharing		12- qr code: 	
13- Quantidade de mãos: 02			
14- Parâmetro do sinal:			
a-Configuração de mão			
b- Tipo de ação da mão (direta):		Passiva	
c- Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
d- Orientação da palma (direita):		Palma para baixo	
e- Orientação da palma (esquerda):		Palma para atrás	
f- Ponto de articulação ou localização:		Testa e neutro	
g- Movimento:		Sim	
h-Expressão facial:		Não	
i- Expressão Corporal:		Sim	
15- Autor: Rubens Faro			
16- Data: setembro/2021			

Figura 30 – Ficha Terminológica Zé Pelintra. Elaboração própria





1- Ficha Terminológica – Glossário Umbanda		2- Número da Ficha: 08	
3- Termo: Bombogira			
4- Classe gramatical: Substantivo feminino			
5- Narrativa em português: <i>São Guias femininas da linha da esquerda, junto com os senhores Exus elas são as senhoras das encruzilhadas, guardiãs, aquelas que abrem os caminhos, protetoras do povo das ruas, dos invisíveis, Elas são nossas protetoras nas ruas.</i>			
6- Fonte de constituição da narrativa: Membro da corrente da TUTJOB			
7- Imagem/figura/ilustração: 		8- Fonte da Imagem/Figura/Ilustração: http://brubi.comunidades.net/exu-pomba-gira	
9- Sinal do termo:			
			
10- Vídeo do sinal em youtube: https://youtu.be/cssCk1lcpIQ		11- qr code: 	
12- Quantidade de mãos: 01			
13- Parâmetro do sinal:			
a-Configuração de mão			
b- Tipo de ação da mão (direta):	Passiva		
c- Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa		
d- Orientação da palma (direita):	Palma para ao lado		
e- Orientação da palma (esquerda):			
f- Ponto de articulação ou localização:	Têmpora		
g- Movimento:	Sim		
h-Expressão facial: Não	Não		
i- Expressão Corporal:	Sim		
14- Autor: Rubens Faro			
15- Data: setembro/2021			

Figura 31 – Ficha Terminológica Bombogira. Elaboração própria








1- Ficha Terminológica – Glossário Umbanda		2- Número da Ficha: 09	
3- Termo: Seu Tranca Rua			
4- Classe gramatical: Substantivo masculino			
5- Narrativa em português: <i>Ele é capitão da encruzilhada, Ele é sentinela de Ogum (Ponto Cantado1) Tranca-rua já chegou Quando a lua sair Ele vai girar Chegou Seu Tranca-Rua para todo mal levar (Ponto Cantado2) Tava dormindo na beira do mar Quando as almas lhe chamaram pra trabalhar Acorda, Tranca-Rua! Vem vigiar! Que as sombras estão rondando na porteira do Congá Põe a mão nas suas armas pra guerrear Bota o inimigo pra fora pra ele nunca mais voltar (Ponto Cantado3)</i>			
6- Fonte de constituição da narrativa: Ponto Cantado Seu Tranca Rua			
7- Imagem/figura/ilustração: 		8- Fonte da Imagem/Figura/Ilustração: https://images.app.goo.gl/C3XMLs1yU15D2nYA7	
9- Sinal do termo:			
			
			
10- Vídeo do sinal em youtube: https://youtu.be/mPt9zTxLwdQ		11- qr code: 	
12- Quantidade de mãos: 02			
13- Parâmetro do sinal:			
a-Configuração de mão		 	
b- Tipo de ação da mão (direta):		Ativa	
c- Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
d- Orientação da palma (direita):		Palma para em cima	
e- Orientação da palma (esquerda):		Palma para baixo	
f- Ponto de articulação ou localização:		Neutro	
g- Movimento:		Sim	
h-Expressão facial:		Sim	
i- Expressão Corporal:		Sim	
14- Autor: Rubens Faro			
15- Data: setembro/2021			

Figura 32 – Ficha Terminológica Seu Tranca Rua. Elaboração própria





1- Ficha Terminológica – Glossário Umbanda		2- Número da Ficha: 10	
3- Termo: Exu			
4- Classe gramatical: Substantivo masculino			
5- Narrativa em português: <p><i>Os Senhores Exus são os nossos grandes guardiões, guardiões na encruza! São os mensageiros de Oxalá. (Membro da Gira)</i></p> <p><i>Exu vem do centro da Terra Onde a lua não clareia, onde o sol não ilumina Mas é Deus quem lá domina [...] Me defende das quiumbas, [...] Me defende dos perigos, [...] Me defende do inimigo que me abraça como amigo (Ponto Cantado)</i></p>			
6- Fonte de constituição da narrativa: Membro da corrente da TUTJOB e Ponto Cantado Exu			
7- Imagem/figura/ilustração: 		8- Fonte da Imagem/Figura/Ilustração: http://camdomblemagia.blogspot.com/2012/08/orixa-exu.html	
9- Sinal do termo:			
			
10- Vídeo do sinal em youtube: https://youtu.be/v0Ez6G7CBno		11- qr code: 	
12- Quantidade de mãos: 02			
13- Parâmetro do sinal:			
a-Configuração de mão			
b- Tipo de ação da mão (direta):		Passiva	
c- Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
d- Orientação da palma (direita):		Palma para ao lado	
e- Orientação da palma (esquerda):		Palma para ao lado	
f- Ponto de articulação ou localização:		Neutro	
g- Movimento:		Sim	
h-Expressão facial:		Não	
i- Expressão Corporal:		Não	
14- Autor: desconhecido			
15- Data: setembro/2021			

Figura 33 – Ficha Terminológica Exu. Elaboração própria

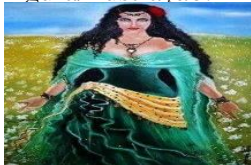





1- Ficha Terminológica – Glossário Umbanda		2- Número da Ficha: 11	
3- Termo: Dona Esmeralda			
4- Classe gramatical: Substantivo feminino			
5- Narrativa em português: <i>Dona Esmeralda é de um axé de muita firmeza, de muita assertividade, [...], ela vai direta ao assunto. [...] é de uma beleza estonteante, de um olhar estonteante, [...] um olhar muito forte, muito profundo, enigmático. [...] A dona Esmeralda é uma grande alquimista [...], ela trabalha com aromas, com óleos essenciais muito antigos e muitos tradicionais, de tradições muito antigas e ela trabalha para a cura e ela trabalha muito com mulheres, com a cura de mulheres, [...], ela também trabalha com temperos, com ervas, tanto na cozinha, quanto pra criar [...] perfumes especiais para pessoas [...]. Sempre que ela atende alguém ela lê sobre aquilo que a pessoa consulta no leque que ela tem</i>			
6- Fonte de constituição da narrativa: Membro da corrente da TUTJOB			
7- Imagem/figura/ilustração: 		8- Fonte da Imagem/Figura/Ilustração: https://rosinha-de-iemanja.tumblr.com/post/119302379712/salve-a-cigana-esmeralda/amp	
9- Sinal do termo:			
			
			
10- Vídeo do sinal em youtube: https://youtu.be/qmL68ob318E		11- qr code: 	
12- Quantidade de mãos: 02			
13- Parâmetro do sinal:			
a-Configuração de mão			
b- Tipo de ação da mão (direta):	Passiva		
c- Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa		
d- Orientação da palma (direita):	Palma para trás		
e- Orientação da palma (esquerda):	Palma para baixo		
f- Ponto de articulação ou localização:	Neutro		
g- Movimento:	Sim		
h-Expressão facial:	Sim		
i- Expressão Corporal:	Sim		
14- Autor: Rubens Faro			
15- Data: setembro/2021			

Figura 34 – Ficha Terminológica Dona Esmeralda. Elaboração própria





1- Ficha Terminológica – Glossário Umbanda		2- Número da Ficha: 12	
3- Termo: Dona Maria Malandrinha			
4- Classe gramatical: Substantivo feminino			
5- Narrativa em português: <i>Eu a vejo como uma mulher alta, cabelos compridos e bem pretos. Quando ela baixa, samba muito, tem uma alegria contagiante. É firme e quando precisa, ela não passa a mão na cabeça dos filhos. Mas faz isso com muito amor, sabe? Quando ela dança, ela sempre faz um gesto de pegar o cigarro e arrumar o chapéu.</i>			
6- Fonte de constituição da narrativa: Membro da corrente da TUTJOB			
7- Imagem/figura/ilustração: 		8- Fonte da Imagem/Figura/Ilustração: https://aminoapps.com/c/wiccaebruxaria/page/blog/malandra-maria-navalha/G5MI_2P8inuLDmZ4nq1zaL75MXaLVQoadm6	
9- Sinal do termo:			
			
10- Vídeo do sinal em youtube: https://youtu.be/0pGcwgB-0WM		11- qr code: 	
12- Quantidade de mãos: 01			
13- Parâmetro do sinal:			
a-Configuração de mão			
b- Tipo de ação da mão (direta):		Ativa	
c- Tipo de ação da mão (esquerda):			
d- Orientação da palma (direita):		Palma para atrás	
e- Orientação da palma (esquerda):			
f- Ponto de articulação ou localização:		Neutro	
g- Movimento:		Sim	
h-Expressão facial:		Sim	
i- Expressão Corporal:		Não	
14- Autor: Rubens Faro			
15- Data: setembro/2021			

Figura 35 – Ficha Terminológica Dona Maria Malandrinha. Elaboração própria







1- Ficha Terminológica – Glossário Umbanda		2- Número da Ficha: 13	
3- Termo: Ponto cantado			
4- Classe gramatical:			
5- Narrativa em português: <i>São portais de conexão com o sagrado. São a palavra divina. Às vezes, falam coisas que nem cabem na nossa compreensão, mas nos conectam com os Guias e Orixás, entende?E eles também são um dos principais defradores da incorporação. É incrível a força que a gente sente quando o ponto do Guia é cantado, e como o ponto ao ser cantado provoca a incorporação.</i>			
6- Fonte de constituição da narrativa: Membro da corrente da TUTJOB			
7- Imagem/figura/ilustração: 		8- Fonte da Imagem/Figura/Ilustração: http://www.soldadodapaz.com.br/2014/02/sobre-os-portoes-da-eternidade.html	
9- Sinal do termo:			
			
			
10- Vídeo do sinal em youtube: https://youtu.be/rX_ouFjDIP8		12- qr code: 	
12- Quantidade de mãos: 02			
13- Parâmetro do sinal:			
a-Configuração de mão			
b- Tipo de ação da mão (direta):	Ativa		
c- Tipo de ação da mão (esquerda):	Passiva		
d- Orientação da palma (direita):	Palma para atrás		
e- Orientação da palma (esquerda):	Palma para ao lado		
f- Ponto de articulação ou localização:	Neutro		
g- Movimento:	Sim		
h-Expressão facial:	Não		
i- Expressão Corporal:	Não		
14- Autor: Rubens Faro			
15- Data: setembro/2021			

Figura 36 – Ficha Terminológica Ponto Cantando. Elaboração própria





1- Ficha Terminológica – Glossário Umbanda		2- Número da Ficha: 14	
3- Termo: Incorporação			
4- Classe gramatical: Substantivo feminino			
5- Narrativa em português: <i>É quando o Guia toma o corpo do médium [...]. O médium se permite estar a serviço do Guia, para que ele possa trabalhar em Guma e ajudar as pessoas. Né?</i>			
6- Fonte de constituição da narrativa: Membro da corrente da TUTJOB			
7- Imagem/figura/ilustração: 		8- Fonte da Imagem/Figura/Ilustração: https://umbandareligiao.comunidades.net/duvidas-sobre-incorporacao	
9- Sinal do termo:			
			
10- Vídeo do sinal em youtube: https://youtu.be/s60jUMWUMNM		11- qr code: 	
12- Quantidade de mãos: 02			
13- Parâmetro do sinal:			
a-Configuração de mão			
b- Tipo de ação da mão (direta):	Ativa		
c- Tipo de ação da mão (esquerda):	Passiva		
d- Orientação da palma (direita):	Palma para atrás		
e- Orientação da palma (esquerda):	Palma para atrás		
f- Ponto de articulação ou localização:	Neutro		
g- Movimento:	Sim		
h-Expressão facial:	Não		
i- Expressão Corporal:	Não		
14- Autor: Rubens Faro			
15- Data: setembro/2021			

Figura 37 – Ficha Terminológica Incorporação. Elaboração própria






1- Ficha Terminológica – Glossário Umbanda		2- Número da Ficha: 15	
3- Termo: Desincorporação			
4- Classe gramatical: Substantivo feminino			
5- Narrativa em português: <i>É o processo que acontece quando o Guia “sobe”, quando ele deixa o corpo do médium.</i>			
6- Fonte de constituição da narrativa: Membro da corrente da TUTJOB			
7- Imagem/figura/ilustração: 		8- Fonte da Imagem/Figura/Ilustração: https://umbandareligiao.comunidades.net/duvidas-sobre-incorporacao	
9- Sinal do termo:			
			
10- Vídeo do sinal em youtube: https://youtu.be/WjMq9wfWwVc		11- qr code: 	
12- Quantidade de mãos: 02			
13- Parâmetro do sinal:			
a-Configuração de mão			
b- Tipo de ação da mão (direta):		Ativa	
c- Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
d- Orientação da palma (direita):		Palma para atrás	
e- Orientação da palma (esquerda):		Palma para atrás	
f- Ponto de articulação ou localização:		Neutro	
g- Movimento:		Sim	
h-Expressão facial:		Não	
i- Expressão Corporal:		Não	
14- Autor: Rubens Faro			
15- Data: setembro/2021			

Figura 38 – Ficha Terminológica Desincorporação. Elaboração própria





1- Ficha Terminológica – Glossário Umbanda		2- Número da Ficha: 16	
3- Termo: Espada			
4- Classe gramatical: Substantivo feminino			
5- Narrativa em português: <i>A espada é um fundamenton na Umbanda, ela assente o guia que está em guma na coroa do médium. É um pano retangular de cores diferente, conforme a linha e o guia, que é colocado nele assim que ele baixa e retirada imediatamente quando ele sobe. É muito importante o cambono ter atenção nisso: tirar espada, o assentamento para que seu irmão volte a conectar-se consigo.</i>			
6- Fonte de constituição da narrativa: Membro da corrente da TUTJOB			
7- Imagem/figura/ilustração: 		8- Fonte da Imagem/Figura/Ilustração: Luciana Martins	
9- Sinal do termo:			
			
10- Vídeo do sinal em youtube: https://youtu.be/d-0zKetCQ1c		11- qr code: 	
12- Quantidade de mãos: 02			
13- Parâmetro do sinal:			
a-Configuração de mão			
b- Tipo de ação da mão (direta):	Ativa		
c- Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa		
d- Orientação da palma (direita):	Palma para		
e- Orientação da palma (esquerda):	Palma para		
f- Ponto de articulação ou localização:	Neutro		
g- Movimento:	Sim		
h-Expressão facial:	Não		
i- Expressão Corporal:	Não		
14- Autor: Rubens Faro			
15- Data: setembro/2021			

Figura 39 – Ficha Terminológica Espada. Elaboração própria





1- Ficha Terminológica – Glossário Umbanda		2- Número da Ficha: 17	
3- Termo: Arruda			
4- Classe gramatical: Substantivo feminino			
5- Narrativa em português: <i>É uma das plantas mais conhecidas e [...] também uma das mais usadas na Casa, principalmente pelos Pretos Velhos. Eles sempre indicam para banho de limpeza e descarrego. Ela é muito boa pra [...] limpar cargas fluídicas negativas. [...] Também usamos na defunção.</i>			
6- Fonte de constituição da narrativa: Membro da corrente da TUTJOB			
7- Imagem/figura/ilustração: 		8- Fonte da Imagem/Figura/Ilustração: https://cliqueplantas.com.br/produto/muda-de-arruda/	
9- Sinal do termo:			
			
10- Vídeo do sinal em youtube: https://youtu.be/3FzAWw6P06g		11- qr code: 	
12- Quantidade de mãos: 02			
13- Parâmetro do sinal:			
a-Configuração de mão			
b- Tipo de ação da mão (direta):		Passiva	
c- Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
d- Orientação da palma (direita):		Palma para cima	
e- Orientação da palma (esquerda):		Palma para baixo	
f- Ponto de articulação ou localização:		Neutro	
g- Movimento:		Sim	
h-Expressão facial:		Não	
i- Expressão Corporal:		Não	
14- Autor: Rubens Faro			
15- Data: setembro/2021			

Figura 40 – Ficha Terminológica Arruda. Elaboração própria





1- Ficha Terminológica – Glossário Umbanda		2- Número da Ficha: 18	
3- Termo: Gira			
4- Classe gramatical: Substantivo feminino			
5- Narrativa em português: <i>As giras são os trabalhos ritualísticos que fazemos aqui no Terreiro. São nossos cultos, né? Isso que a gente faz todo sábado! Aí, participam os todos os médiuns, a assistência, os Guias baixam e fazem o trabalho que precisam fazer.</i>			
6- Fonte de constituição da narrativa: Membro da corrente da TUTJOB			
7- Imagem/figura/ilustração: 		8- Fonte da Imagem/Figura/Ilustração: https://guerreirosdeobatala.wordpress.com/2016/08/22/preparacao-para-os-dias-de-gira/	
9- Sinal do termo:			
			
10- Vídeo do sinal em youtube: https://youtu.be/EVtS0ww1uI8		11- qr code: 	
12- Quantidade de mãos: 02			
13- Parâmetro do sinal:			
a-Configuração de mão			
b- Tipo de ação da mão (direta):	Passiva		
c- Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa		
d- Orientação da palma (direita):	Palma para cima		
e- Orientação da palma (esquerda):	Palma para baixo		
f- Ponto de articulação ou localização:	Neutro		
g- Movimento:	Sim		
h-Expressão facial:	Não		
i- Expressão Corporal:	Não		
14- Autor: Rubens Faro			
15- Data: setembro/2021			

Figura 41 – Ficha Terminológica Gira. Elaboração própria




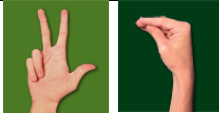
1- Ficha Terminológica – Glossário Umbanda		2- Número da Ficha: 19	
3- Termo: Zelador			
4- Classe gramatical: Substantivo masculino			
5- Narrativa em português: <i>É a liderança religiosa da Tenda. Aqui não temos mãe de Santo, temos uma Zeladora de Santo. Ela é a responsável espiritual da casa, cuida e lidera os trabalhos.</i>			
6- Fonte de constituição da narrativa: Membro da corrente da TUTJOB			
7- Imagem/figura/ilustração: 		8- Fonte da Imagem/Figura/Ilustração: https://br.pinterest.com/pin/411938697143392393/	
9- Sinal do termo:			
			
10- Vídeo do sinal em youtube: https://drive.google.com/file/d/113i8kMF3lqXedqE1a9TreruJNw0fgBgp/view?usp=sharing		11- qr code: 	
12- Quantidade de mãos: 02			
13- Parâmetro do sinal:			
a-Configuração de mão			
b- Tipo de ação da mão (direta):		Ativa	
c- Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
d- Orientação da palma (direita):		Palma para baixo	
e- Orientação da palma (esquerda):		Palma para atrás	
f- Ponto de articulação ou localização:		Neutro	
g- Movimento:		Sim	
h-Expressão facial:		Não	
i- Expressão Corporal:		Não	
14- Autor: Rubens Faro			
15- Data: setembro/2021			

Figura 42 – Ficha Terminológica Zelador. Elaboração própria





1- Ficha Terminológica – Glossário Umbanda		2- Número da Ficha: 20	
3- Termo: Cambono			
4- Classe gramatical: Substantivo masculino			
5- Narrativa em português: <i>É um médium da Corrente que ajuda na preparação da Gira, né? É um médium muito importante também. Ele auxilia os Guias em Guma, dando sustentação da energia se concentrando no trabalho, cantando os pontos, compartilhando as vidências, anotando as orientações para a assistência, tipo... as folhas que o Pretos Velhos passam para o banho, como tomar...[...] também pegando os materiais necessários para o Guia trabalhar, organizando os atendimentos e os elementos do ritual.</i>			
6- Fonte de constituição da narrativa: Membro da corente da TUTJOB			
7- Imagem/figura/ilustração: 		8- Fonte da Imagem/Figura/Ilustração: https://nanaburuque.wixsite.com/site/single-post/2017/04/18/o-que-%C3%A9-ser-cambono-na-umbanda	
9- Sinal do termo:			
			
10- Vídeo do sinal em youtube: https://youtu.be/7kOuBfnp_gQ		11- qr code: 	
12- Quantidade de mãos: 02			
13- Parâmetro do sinal:			
a-Configuração de mão			
b- Tipo de ação da mão (direta):		Ativa	
c- Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
d- Orientação da palma (direita):		Palma para frente	
e- Orientação da palma (esquerda):		Palma para atrás	
f- Ponto de articulação ou localização:		Neutro	
g- Movimento:		Sim	
h-Expressão facial:		Não	
i- Expressão Corporal:		Não	
14- Autor: Rubens Faro			
15- Data: setembro/2021			

Figura 43 – Ficha Terminológica Cambono. Elaboração própria





1- Ficha Terminológica – Glossário Umbanda		2- Número da Ficha: 21	
3- Termo: Umbanda			
4- Classe gramatical: Substantivo feminino			
5- Narrativa em português: <i>É uma religião que mistura várias tradições religiosas, você vê uma Cabocla que é uma princesa baixar, você vê um Preto Velho indiano baixar, como Pai Jacó, você vê na Gira a presença de cachimbo, mesa branca, se reza Ave Maria e se canta pra Bombogia... eu mesmo nem sei explicar o que é Umbanda, mas eu sei sentir o acontece quando eu piso nesse congá e levo ele pra minha vida.</i>			
6- Fonte de constituição da narrativa: Membro da corrente da TUTJOB			
7- Imagem/figura/ilustração: 		8- Fonte da Imagem/Figura/Ilustração: https://images.app.goo.gl/fmFvaEMLSfDPHN3Z6	
9- Sinal do termo:			
			
10- Vídeo do sinal em youtube: https://youtu.be/IDZtJ41d6fY		11- qr code: 	
12- Quantidade de mãos: 01			
13- Parâmetro do sinal:			
a-Configuração de mão			
b- Tipo de ação da mão (direta):	Ativa		
c- Tipo de ação da mão (esquerda):			
d- Orientação da palma (direita):	Palma para frente		
e- Orientação da palma (esquerda):			
f- Ponto de articulação ou localização:	Testa		
g- Movimento:	Sim		
h-Expressão facial:	Não		
i- Expressão Corporal:	Não		
14- Autor: Rubens Faro			
15- Data: setembro/2021			

Figura 44 – Ficha Terminológica Umbanda. Elaboração própria